



P E N G U I N



C O M P A N H I A

CLÁSSICOS

ROBERT LOUIS STEVENSON

O médico e o monstro

O estranho caso do dr. Jekyll e sr. Hyde

O MÉDICO E O MONSTRO

ROBERT LOUIS STEVENSON nasceu em Edimburgo, em 1850. Filho de próspero engenheiro civil, esperava-se que seguisse a profissão paterna, porém finalmente lhe foi permitido estudar direito na Universidade de Edimburgo. Stevenson reagiu com violência à respeitabilidade presbiteriana da classe de profissionais liberais da cidade, o que gerou dolorosos atritos com os pais. Pouco depois de completar vinte anos, sofreu uma grave enfermidade respiratória que o perseguiu pelo resto da vida; foi nessa época que resolveu ser um escritor profissional. A natureza áspera do clima escocês o obrigou a viver longos períodos no exterior, até se fixar em Samoa, onde morreu em 3 de dezembro de 1894.

A formação calvinista de Stevenson nele instilou a preocupação com a predestinação e o fascínio pela existência do mal. Em *O médico e o monstro*, ele explora o lado sombrio da psique humana, e o personagem do Mestre em *O morgado de Ballantrae* (1889) teve a intenção de ser “tudo que sei sobre o diabo”. Stevenson é bem conhecido por seus romances de aventura histórica, incluindo *A ilha do tesouro* (1883), *Raptado* (1886), *A flecha negra* (1888) e *Catriona* (1893). Como observa Walter Allen em seu livro *The English Novel*, “sua redescoberta da arte da narrativa, dos artifícios conscientes e sagazes para contar uma história de modo a obter o máximo efeito em matéria de clareza e suspense, significaram o nascimento do romance de aventura como o conhecemos”. Mas essas obras também revelam seu conhecimento e compreensão do passado cultural escocês. Durante seus últimos anos, a gama criativa de Stevenson se ampliou consideravelmente, trazendo para a ficção o tipo de cena hoje associado a Conrad e Maugham. Ao morrer, Stevenson trabalhava em sua obra-prima inacabada, *O dique de Hermiston*, que é ao mesmo tempo um romance histórico e o reencontro com uma de suas experiências mais angustiantes, o conflito entre pai e filho.

JORIO DAUSTER nasceu em 19 de novembro de 1937. Entrou para o Serviço Diplomático em 1961. Lidou com questões afetas ao comércio internacional durante grande parte de sua vida profissional, e serviu como presidente do Grupo de Países Produtores na Organização Internacional do Café de 1979 a 1985. Foi presidente do Instituto Brasileiro do Café (IBC) de 1987 a 1990 e negociador da dívida externa do Brasil de 1990 a 1991. Foi embaixador junto à União Europeia de 1991 a 1999 e presidente da Vale de 1999 a 2001. Foi membro do Conselho do Global Crop Diversity Trust (Roma) e presidente do Conselho de Administração da Ferrous Resources do Brasil. É atualmente consultor de empresas. Como tradutor, especializou-se nas obras de J. D. Salinger, Vladimir Nabokov, Ian McEwan e Philip Roth.

LUIZ ALFREDO GARCIA-ROZA nasceu em 1936, no Rio de Janeiro. Formado em filosofia e psicologia, foi professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e é autor de oito livros sobre psicanálise e filosofia. Deixou a vida acadêmica para dedicar-se à ficção policial e às investigações do delegado Espinosa, personagem central de quase todas as suas histórias. Seu romance de estreia, *O silêncio da chuva*, recebeu os prêmios Nestlé de Literatura (1996) e Jabuti (1997).

ROBERT MIGHALL é Ph.D. em ficção gótica e ciência médico-legal vitoriana na Universidade de Wales, tendo servido durante vários anos como assistente de pós-doutorado no Merton College da Universidade de Oxford. Em 1997, tornou-se editor dos *Penguin Classics*, e atualmente trabalha como consultor em Londres. Suas publicações incluem uma edição dos poemas de Oscar Wilde para a Every Paperbacks, e um estudo da ficção gótica vitoriana para a Oxford University Press (1999). Ele também editou *O retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde, para os *Penguin Classics*. É membro da Royal Society of Arts.

ROBERT LOUIS
STEVENSON

O médico e o monstro

*O estranho caso
do dr. Jekyll e sr. Hyde*

Tradução de
JORIO DAUSTER

Prefácio de
LUIZ ALFREDO GARCIA-ROZA

Introdução e notas de
ROBERT MIGHALL

PENGUIN



COMPANHIA DAS LETRAS

Sumário

Prefácio — Luiz Alfredo Garcia-Roza

Introdução — Robert Mighall

O MÉDICO E O MONSTRO

Cronologia

Notas

Outras leituras

O estranho caso do dr. Jekyll e sr. Hyde, conhecido entre nós como *O médico e o monstro*, de Robert Louis Stevenson, é um dos mais perfeitos e provavelmente o mais famoso romance de mistério da literatura de língua inglesa dos séculos XVIII e XIX, dos quais fazem parte obras de Horace Walpole, Mary Shelley, Jane Austen, Oscar Wilde, Bram Stoker, Nataniel Hawthorne, para citar apenas alguns. Stevenson poderia também fazer parte de outro grupo menos numeroso, mas não menos famoso, formado por Edgar Allan Poe, Sigmund Freud, Friedrich Nietzsche e, posteriormente, por Georg Groddeck, autores que não apenas provocaram importantes transformações na literatura de sua época como no modo de pensar do novo século que nascia. É a este segundo grupo, já a caminho do século XX, que *O estranho caso do dr. Jekyll e sr. Hyde* poderia ser aproximado com mais propriedade.

Essa aproximação, contudo, não se deve ao estilo gótico característico do grupo, mas ao tema que está no cerne da narrativa de *O médico e o monstro*: a questão do duplo, da *clivagem do psiquismo*, do *outro* — não do outro exterior, não do semelhante, mas daquele outro, interior, que nos habita e que, embora nos seja desconhecido, nos é terrivelmente ameaçador. É o que nos mostra Stevenson através do sr. Hyde, que traz a ocultação já no próprio nome, com a homofonia entre Hyde e *hide* (“esconder”, “ocultar”, em inglês) e que como um monstro mítico jazia oculto na interioridade do dr. Jekyll, sendo despertado pela poção preparada por este, pesquisador respeitado e membro ilustre da sociedade londrina. O sr. Hyde é o *outro* oculto no médico, o *outro* que, por obra de um experimento químico inventado e ingerido pelo próprio dr. Jekyll, surge como uma figura grotesca, simiesca, um monstro moral, resultado da transformação que se processa no dr. Jekyll ao testar em si mesmo a droga por ele criada.

Esse “outro” nascido da mutação sofrida pelo dr. Jekyll não é, contudo, um outro externo, um outro que se apresenta diante do dr. Jekyll como alguém pronto a confrontar o médico ou passível de ser confrontado ou mesmo destruído por ele. Em nenhum momento o dr. Jekyll e o sr. Hyde veem-se frente a frente; não são duas pessoas, e sim *dois modos de ser de uma mesma pessoa*.

Se Hyde é a própria encarnação do mal, o monstro, Jekyll é a parte boa da dualidade. No entanto, também há uma relação oculta de homofonia entre seu nome, Jekyll, e a palavra *kill*, “matar”, em inglês, o que nos remete a essa dualidade interior que é a própria essência do mal e que se transforma em horror quando as fronteiras entre o interno e o externo são removidas pela poção criada pelo dr. Jekyll. Para Stevenson, o mal faz parte da natureza humana, tanto quanto o bem.

O médico e o monstro nos apresenta uma dualidade bem/mal na qual ambos coexistem como atributos indissociáveis e inerentes ao homem. A religião e a filosofia

nos legaram uma concepção do homem segundo a qual o bem habitava a sua interioridade, era parte de sua essência, enquanto o mal habitava apenas o mundo externo e nos ameaçava de fora para dentro sob a forma do desconhecido, do monstro assassino, da peste, do estrangeiro invasor. Bem e Mal designavam duas regiões do espaço humano cuja representação topológica poderia ser um círculo com suas duas regiões: o dentro e o fora, o interior e o exterior, o Bem (interior) e o Mal (exterior) separados pela muralha protetora delimitada pela linha desse círculo.

O horror surge quando essa linha de separação é apagada e as duas regiões se confundem. Foi o que fez Stevenson em *O médico e o monstro*, foi o que fez Edgar Allan Poe em *O homem da multidão* ao afirmar que há no ser humano uma parte *inescrutável* e irrevelável. Foi também o que fez Sigmund Freud na psicanálise e na clivagem do psiquismo em *consciente* e *inconsciente*, em *ego* e *id* (ou *eu* e *isso*), ou seja, uma região que nos é acessível e representável e outra, inacessível, apesar de familiar por sua proximidade e caráter ameaçador (até mesmo por esse motivo).

Ao mesmo tempo que Freud criava o conceito de *id* em *O ego e o id* (ou *O eu e o isso*), outro autor, Georg Groddeck, lançava o conceito de *Isso* (*Es*) em *O livro d'Isso*. *O livro d'Isso* é composto de uma série de cartas imaginárias que Groddeck escreve a uma amiga, também imaginária, nas quais ele expõe sua concepção do *isso* (*es* em alemão, *it* em inglês, *ça* em francês), bastante semelhante à do *id* freudiano. Na Carta 2, ele escreve:

Acredito que o homem é vivido por algo desconhecido. Existe nele um “Isso”, uma espécie de fenômeno que comanda tudo que ele faz e tudo que lhe acontece. A frase “Eu vivo...” é verdadeira apenas em parte; ela expressa uma pequena parte dessa verdade fundamental: o ser humano é vivido pelo Isso.

Do *isso*, acrescenta ele, conhecemos apenas a parte que se faz presente em nosso consciente, que é o que poderíamos considerar como sendo um efeito de superfície de algo muito maior e mais poderoso, além de inacessível. O *isso* é o que há de mais próximo do biológico no homem e o que mais se assemelha ao conceito de *pulsão* de Freud, embora não sejam idênticos. Não foi sem razão que Groddeck chegou a reivindicar a primazia senão da criação da psicanálise, pelo menos de algumas de suas noções fundamentais.

Na mesma época, Freud escreveu: “O eu não é senhor em sua casa”. Ora, se o *eu* não é senhor em sua própria casa, quem manda nela? A resposta é semelhante à de Groddeck, quando ele diz que o homem é vivido por algo desconhecido, por um *isso* que comanda tudo o que ele faz e tudo que lhe acontece. O *id* (ou *isso*) freudiano é a parte inacessível do nosso psiquismo, e suas características são opostas às do *eu*; ainda assim, os dois não se acham inteiramente separados; uma parte do *eu* está fundida com o *id*. Em um de seus extremos, o *id* está aberto diretamente às influências somáticas e em seu interior abriga representantes pulsionais que buscam satisfação regulados exclusivamente pelo princípio do prazer. No *id* não há negação, obediência à não contradição, vontade coletiva, juízo de valor, bem, mal, moralidade, assim como não há também temporalidade. A frase de Groddeck “o ser humano é vivido pelo Isso” poderia ser transposta para Freud sem mesmo substituir *isso* por *id*, já que o termo empregado por ambos é o alemão “Es”. O *eu* é a face externa do *isso*. Daí a frase enigmática de Freud: *Wo Es war, sol Ich werden* (*Ali onde se estava, ali como*

sujeito devo vir a ser), que, apesar das diferentes interpretações, fica como indicação da origem do *eu* no *id* e como marca de origem do bem e do mal (ou do bom e do mau) em nossa interioridade. Como se a frase “Eu sou” tivesse que ser substituída por “Nós somos”. Em outras palavras: nós somos o dr. Jekyll e o sr. Hyde.

O conceito de *id* (*Es*) proposto por Freud assim como o de *isso* (*Es*) por Groddeck foram reconhecidos tanto por Freud como por Groddeck como tendo sua origem em Nietzsche, que emprega a mesma expressão alemã *das Es* para designar o que há de impessoal, de dependente das necessidades naturais no homem. Assim, para Nietzsche, a doença é um ponto de vista sobre a saúde e vice-versa; ambos são apenas jogos de superfície desse *isso* (*das Es*).

Algumas décadas antes da publicação de *O médico e o monstro*, outra expressão da dualidade no ser humano se fez presente nos contos *Os assassinos da rua Morgue* (1841) e *O homem da multidão* (1840), ambos escritos por Edgar Allan Poe e que introduziram os elementos essenciais do que viria a ser a novela policial tal como a conhecemos até hoje.

O prefácio de *O homem da multidão* traz um comentário de Poe sobre “um certo livro germânico” que com propriedade dizia-se que “*es lässt sich nicht lesen*” — não se deixa ler. De acordo com Poe, no entanto, havia não apenas livros que não se deixam ler (o que pode parecer paradoxal) como também, no homem, uma imensa carga de mistérios que não consentem ser revelados, “e destarte *a essência de todo crime permanece oculta*”. Em seguida a esse comentário de Poe, vemos o narrador de *O homem da multidão* sentado em frente a uma janela envidraçada do Café D., em Londres, com a atenção concentrada na multidão que ao cair a noite se desloca pela calçada em frente. De repente ele depara com a figura de um velho decrepito cuja expressão o fascina e que lhe desperta o desejo de descobrir que história extraordinária aquele homem ocultaria. O narrador veste rapidamente o sobretudo e sai em busca do velho em meio à multidão. Movido pelo interesse em desvendar a história do outro, consegue se aproximar dele e seguiu-o de perto sem chamar a atenção. A perseguição prossegue através de ruas, avenidas, becos e praças durante toda a noite e o dia seguinte. Na segunda noite, cansado e aborrecido, ele para defronte ao velho e o encara fixamente. O velho, porém, não dá sinal de ter percebido seu perseguidor, contorna-o e continua a andar. “Esse velho — diz o narrador a si mesmo — é o tipo e o gênio do crime profundo. Recusa-se a estar só. *É o homem da multidão*. Não adianta segui-lo que não conseguirei saber nada a seu respeito. Há certos segredos que não consentem ser ditos.” O inescrutável, o interior “que não se deixa ler”, o *enigma*, o *puro dentro*. A tese de que há no homem algo de inescrutável, de invisível e de indizível antecipa, no contexto ficcional, a inescrutabilidade do *inconsciente* diante do *consciente* em Freud. O sr. Hyde era inescrutável para o dr. Jekyll até o momento em que o médico preparou e ingeriu a poção que provocou a emergência do seu monstro interior.

Em *Os assassinos da rua Morgue*, Poe cria a *novela policial* e também a figura do *detetive* — no caso, Auguste Dupin — em lugar do *enigma*; Poe, assim, introduz a *análise*. O crime não é mais visto como um enigma a ser decifrado, mas como um problema a ser resolvido. *Os assassinos da rua Morgue* têm início com uma introdução que faz a apologia da *análise*, do procedimento lógico-dedutivo. E aqui temos outra forma de dualidade: a do crime entendido como um *enigma*: algo a ser *decifrado*; e o crime entendido como um *problema*: algo a ser *resolvido*.

Como, de um lado, conciliar a apologia do raciocínio lógico-dedutivo característico da ciência e com o qual o detetive Auguste Dupin desvenda os assassinatos da rua Morgue com o procedimento intuitivo-interpretativo com que o

narrador de *O homem da multidão*, por outro lado, procura apreender a interioridade do caminhante que ele persegue pelas ruas sombrias de Londres?

Dualidade de objeto: a interioridade inescrutável que se oferece como *enigma*; ou a exterioridade das múltiplas pistas e caminhos que se oferece como *problema*? Essa dualidade dá lugar a diferentes modos de leitura: o Poe da *multidão* com o enigma do caminhante noturno e o Poe da *rua Morgue* com o magnífico raciocínio lógico-dedutivo com que descobre o assassino da rua Morgue. Os dois são diferentes mas não excludentes, a decisão vai depender do olhar, da leitura que se faz do objeto.

Enquanto o *problema* nos remete à univocidade da solução final — verdadeiro ou falso —, ao *Whodunit* (quem matou?), o *enigma* nos remete à multiplicidade de sentidos que a decifração/interpretação propicia. O enigma, assim como o oráculo, não tem um sentido único, mas tantos quantos forem os intérpretes. Daí o “inescrutável” de Poe. O enigma não aponta para a exterioridade oculta do criminoso ou do monstro, e sim para a interioridade pura, porém desconhecida, que se insinua distorcida, disfarçada, podendo ser ela até mesmo um “outro” interior ou um “monstro” interior que não se confunde com os monstros dos contos de fada nem das histórias de aventuras, mas está identificado com o “monstro” que não se deixa ver nem se deixa “ler”, como o “inescrutável” de Poe ou o *Unheimlich* de Freud, ao mesmo tempo familiar (pela proximidade interior) e ameaçador, por ser absolutamente desconhecido, o “puro outro” interior.

O que nos provoca nessas concepções da dualidade humana, seja ela literária, psicanalítica ou filosófica, não é a dualidade em si, mas como as duas partes se comportam uma em relação à outra: se elas se complementam, formando uma unidade, de modo que a palavra *indivíduo* possa ser empregada sem ambiguidade, ou se essas partes são conflitantes como as torcidas de times adversários num jogo, que precisam estar fisicamente separadas em regiões distintas do estádio; ou, pior ainda, se as duas partes são tão distintas a ponto de não saberem da existência uma da outra... além de serem incompatíveis.

Essa terceira possibilidade é a que corresponde à concepção freudiana e que nos leva a perguntar se somos realmente *indivíduos*, se somos *unos* ou *duplos* cuja singularidade é apenas uma ilusão.

O dr. Jekyll e o sr. Hyde são dois ou um?

Em seu relato final, o dr. Jekyll escreve que “a natureza exigente de minhas aspirações, mais do que qualquer degradação peculiar de caráter [...] fez de mim o que sou [...] separou dentro mim as províncias do bem e do mal que caracterizam a condição dual do ser humano”.

O dr. Jekyll diz isso, não o sr. Hyde, assim como é ele também o sujeito da narrativa que declara que “ambas as partes dentro de *mim* eram perfeitamente autênticas [...] dia após dia, e dos dois lados de *minha* inteligência, o moral e o intelectual, *fui* me aproximando mais e mais da verdade cuja descoberta parcial *me* valeu um desastre pavoroso: a de que o homem não é de fato uno, e sim duplo”. (Grifos meus.) E essa natureza dupla albergava tanto um médico conceituado e respeitado por seus pares como um perverso assassino capaz das mais monstruosas depravações.

Essa descoberta é vivida como um “desastre pavoroso” pelo dr. Jekyll, o lado do *bem* nessa dualidade. Olado do *mal*, o sr. Hyde, não se manifesta sobre essa separação entre bom e mau e sobre o fato de lhe caber o lado do *mal*. O sr. Hyde não vive nenhum conflito por seu comportamento perverso e assassino, que resulta dessa

divisão. Não apenas nenhuma questão ética é colocada pelo sr. Hyde como tampouco ele se queixa de sua tremenda decadência estética, de sua aparência simiesca, de sua pequena estatura em comparação com a do dr. Jekyll.

Apesar de Hyde ser o “outro” de Jekyll, é Jekyll quem sofre, o “desastre pavoroso” dessa dualidade, assim como é apenas a ele que cabe o “relato completo do caso” que fecha *O estranho caso do dr. Jekyll e sr. Hyde*. Stevenson não situa esse “outro” como originário da exterioridade. O mal que Hyde encarna não é externo a Jekyll, não vem como um componente da poção preparada e ingerida por ele. O *monstro* emerge do próprio Jekyll, é seu corpo que se transforma no monstro simiesco que resulta em Hyde. O *monstro*, o *mal*, não vem de fora, vem de dentro do círculo do *bem* representado por Jekyll. Bem e Mal não configuram um dualismo para Stevenson, mas uma dualidade, ambos provêm da mesma matéria-prima. Jekyll e Hyde não são dois seres, mas dois *modos* de ser. Tanto que em nenhum momento Jekyll enfrenta Hyde. O único momento em que Jekyll se defronta e se horroriza com a figura monstruosa de Hyde é quando ele passa em frente a um espelho e vê Hyde. Porém não é Hyde, o outro, que ele vê no espelho, mas sua própria imagem sob a forma de Hyde. Naquele momento, *ele é o outro* — Jekyll é Hyde.

A pergunta que fica é: teria *O médico e o monstro* conservado a força e o poder de nos provocar, passados 130 anos, se não houvesse em nossa interioridade um dr. Jekyll e um sr. Hyde? Bem, não somos monstros perversos nem assassinos, ou pelo menos não quando acordados. No entanto, enquanto dormimos, em nossos sonhos, podemos nos descobrir tão ou mais perversos que o sr. Hyde. E sem que seja preciso ingerir nenhuma poção química.

Introdução

ROBERT MIGHALL

O médico e o monstro — *O estranho caso do dr. Jekyll e sr. Hyde* (1886), de Robert Louis Stevenson, é uma das histórias de horror mais famosas de todos os tempos. Assim como *Frankenstein* (1818), de Mary Shelley, e *Drácula* (1897), de Bram Stoker, *O médico e o monstro*, ou pelo menos uma versão de sua ideia central, faz hoje parte do consciente coletivo. Foi tema de inúmeros filmes, esquetes, cartuns e paródias, tendo a expressão “uma personalidade do tipo Jekyll e Hyde” passado a descrever alguém que leva uma vida dupla de virtude exterior e iniquidade secreta. Se a imprensa popular descobre que o mais recente assassino serial, homicida louco ou mesmo vigarista de segunda categoria não exercia tais atividades durante todas as horas do dia, comportando-se ocasionalmente como um vizinho comum, muito provavelmente sugerirá que a pessoa em questão exibe “tendências de médico e monstro”, rótulo conveniente para uma reportagem sensacionalista — e quem sabe uma forma de fazer com que observemos com mais cuidado nossos vizinhos. É prova da inventividade de Stevenson como escritor que sua criação mantenha vida própria mais de cem anos depois de ser publicada pela primeira vez. No entanto, malgrado essa familiaridade quase universal com o *conceito* Jekyll e Hyde, é verdade também que a história de Stevenson é mais conhecida apenas em seus traços gerais, e muitos daqueles que creem que a conhecem bem na realidade *não leram* as cem páginas de que se compõe o romance. Lá encontrariam algo diferente do que imaginam: uma história mais complexa, satisfatória e perturbadora que a versão recebida pela via da cultura popular. Os que estão prestes a ler *O médico e o monstro* melhor fariam se voltassem a esta Introdução após sua leitura, uma vez que é necessário revelar aqui pormenores da trama para fins de apresentação. Os novos leitores também terão uma experiência mais rica caso esqueçam todas as suas preconcepções, pondo-se na posição dos primeiros leitores de Stevenson, que nada sabiam sobre o dr. Jekyll e o sr. Hyde.

Robert Louis Stevenson escreveu seu romance mais famoso em outubro de 1885, com trinta e cinco anos de idade. Morava em Bournemouth com sua mulher, Fanny, e Lloyd Osbourne, filho dela de outro casamento. A correspondência de Stevenson, junto com certas observações em “Um capítulo sobre os sonhos”, revelam que ele estava atravessando dificuldades financeiras na época. Era escritor profissional desde os vinte e um anos, porém ainda dependia do pai, o que lhe causava preocupação. A história foi escrita com fins comerciais, para que ele pudesse pagar gente como “Byles, o açougueiro”.¹ Foi seu primeiro trabalho realmente exitoso, permitindo-lhe uma independência financeira de que até então não gozara.

Para assegurar tal sucesso, Stevenson focou sua fértil imaginação numa “boa história fantasmagórica” com vistas a satisfazer um amplo e ávido mercado por tal gênero de literatura. O editor de Stevenson na casa Longmans pediu que ele escrevesse um “relato chocante de um xelim” para o Natal de 1885, período do ano tradicionalmente associado a histórias sobrenaturais e horripilantes. A mais famosa história de fantasmas de Charles Dickens, “A Christmas Carol”, foi uma das muitas que ele criou nessa tradição, enquanto o próprio Stevenson escreveu “O ladrão de cadáveres” e “Olalla” para serem publicados nos Natais de 1884 e 1885. Estando o mercado livreiro abarrotado no Natal de 1885, a publicação foi adiada para janeiro, porém desde o início *O médico e o monstro* foi concebido como o relato sensacionalista de um incidente sobrenatural capaz de causar um arrepio de prazer nos leitores. Vale a pena examinar tal tradição, porque nos ajuda a compreender como a história de Stevenson se integra a um gênero sobre o qual exerceu enorme influência, conquanto também dele tenha se afastado ao introduzir inovações.

A ficção de horror começou de fato com o romance gótico* de Horace Walpole *The Castle of Otranto* [*O castelo de Otranto*], publicado na véspera de Natal de 1764. Sua história de fantasmas, augúrios, maldições de família e estranhas ocorrências sobrenaturais foi escrita em parte como farsa, sendo apresentada como um manuscrito medieval “descoberto” por um antiquário do século XVIII e oferecida como uma curiosidade para o público moderno de leitores esclarecidos. Muitos foram enganados pela artimanha de Walpole e muitos também se divertiram com a experiência nova de ler textos associados a lendas folclóricas e romances de cavalaria nas páginas de uma obra moderna, gênero mais preocupado com eventos atuais e cotidianos, o verossímil e o realista. Outros se seguiram e, na passagem do século, os críticos reclamaram que a ficção havia sido inundada de histórias sobre vinganças diabólicas e maldições hereditárias, situadas em castelos antigos ou mosteiros no meio de florestas sombrias, envolvendo orgulhosos nobres italianos ou espanhóis e maquinacões de religiosos corruptos. As primeiras histórias góticas, mesmo as melhores da autoria de Ann Radcliffe, Matthew Lewis ou Charles Maturin, eram em sua maioria situadas em tempos e/ou países longínquos (geralmente católicos). Havia um entendimento entre autor e leitor de que tais horrores estavam muito distantes das pessoas que avidamente consumiam aquele tipo de ficção (protestantes de classe média de Londres, Edimburgo ou Bath), só podendo ocorrer em eras e locais “menos civilizados”.

O próprio Stevenson segue tal tradição no conto “Olalla”, publicado semanas antes de *O médico e o monstro*. Essa história de atavismo e de uma forma de “vampirismo” patológico, passada numa velha e aristocrática mansão em uma área remota da Espanha, é um típico relato gótico. Seu início se enquadra no que Victor Sage chamou de “paradigma da trama de horror: a viagem a partir da capital [...]”

rumo às províncias”.² A longa descrição da viagem, da cidade até a longínqua residência nas montanhas, cria atmosfera e intensifica a expectativa do suspense e do sobrenatural mediante o uso de uma técnica que serviria à ficção de horror de *Mysteries of Udolpho* (1794), de Ann Radcliffe, até *Drácula* (1897), de Bram Stoker, e mais além: “A região que atravessamos era selvagem e pedregosa, coberta em parte por densas florestas, aqui de sobreiros, ali de grandes castanheiros espanhóis, e frequentemente cortada por ribeirões onde corriam as torrentes nascidas nas montanhas...”. O narrador viaja para a mansão nesse local afastado a fim de se recuperar dos ferimentos sofridos na guerra e (ironicamente, à luz do que acontece) para “renovar seu sangue”. Encontra um velho prédio tipicamente labiríntico, arruinado e pitoresco, que ele compara ao “sonolento palácio da lenda”, residência de uma família aristocrática tão decaída quanto a mansão ancestral. Tal como nas obras de Poe “House of Usher” (1839) e de Nathaniel Hawthorne *House of the Seven Gables* (1851), a “casa” (edifício) é a expressão física da “Casa” (família ou linhagem). Chris Baldick, numa introdução muito útil ao gênero gótico, observa que essa “ficção é caracteristicamente obcecada por velhas construções como lugar onde ocorre a ruína humana. O castelo ou a casa gótica não é apenas um prédio velho e sinistro; é um espaço de degeneração, até mesmo de decomposição...”.³ Assim, a geografia e o meio ambiente não se limitam a suprir efeitos atmosféricos, oferecendo uma localização apropriada para explorar os temas da história. Esses temas também se conformam ao tipo gótico segundo a definição de Baldick, uma vez que, “tipicamente, uma história gótica invocará a tirania do passado (uma maldição hereditária, a sobrevivência de formas arcaicas de despotismo e de superstição) com força suficiente para sufocar as esperanças do presente...” (p. XIX). Esse é o traço definidor do gênero gótico, caracterizado por sua atitude com respeito ao passado, suas tiranias, legados e nefastas sobrevivências ou retornos. Em “Olalla”, o legado indesejável toma uma forma muito precisa, fornecendo uma aplicação moderna e materialista daquela preocupação central. Ao encontrar a estranha anfitriã e seu filho debiloide, o narrador faz a conexão entre arquitetura e ancestralidade: “O sangue da família foi empobrecendo, talvez por longa procriação consanguínea, que eu sabia ser um erro comum entre as pessoas orgulhosas e exclusivistas”. A “maldição” ancestral era um tema muito frequente na ficção gótica desde *O castelo de Otranto*. Todavia, enquanto Walpole descreve um mecanismo sobrenatural que se vinga de um crime muito antigo ao longo de diversas gerações, a ênfase de Stevenson é biológica. O ônus do passado é carregado no corpo dos descendentes. O “mal” se torna uma questão reprodutiva, que empana a felicidade da inocente moça Olalla, obrigada a renunciar à atração romântica que sente pelo bravo soldado que invade o local onde vivia segregada do mundo moderno por temer que a mácula hereditária afetasse seus filhos. Apontando para o retrato de um antecessor distante de má fama, com quem ela e a mãe se parecem, Olalla argumenta com o apaixonado protagonista:

Outras, mortas faz longo tempo, atraíram homens com meus olhos; outros homens ouviram a súplica da mesma voz que agora soa em seus ouvidos. As mãos dos mortos estão no meu peito; elas me movimentam, me tangem, me guiam; sou um fantoche comandado por elas; e apenas remodelo traços e atributos que de há muito foram guardados para uso futuro pelo mal no silêncio do túmulo. É a mim que você ama, meu amigo? Ou a raça que me fez? [...] indivíduos se sucedem a indivíduos, ironicamente dotados de um simulacro de autocontrole, porém eles nada são. Falamos da alma, mas a alma pertence à raça...

Aqui Stevenson nos brinda com uma variante moderna do tema gótico convencional das maldições que pesam sobre famílias aristocráticas e retornos ancestrais, adaptando-o às preocupações da patologia mental ou do que na época se chamava de higiene “social”, fazendo da mãe de Olalla uma aparição biológica ou talvez até mesmo o primeiro “vampiro” pós-darwiniano.⁴ Isso porque essa ênfase na repetição em descendência direta como forma de uma vida geracional prolongada oferece uma sugestão horripilante do “vampirismo” exibido pela anfitriã daquele remoto castelo. O soldado se cortou e busca a ajuda da mãe normalmente letárgica:

Seus grandes olhos se esbugalharam, as pupilas se reduziram a meros pontos; era como se um véu tivesse sido removido de seu rosto, deixando-o intensamente expressivo embora inescrutável. E, enquanto eu permanecia imóvel, algo surpreso com sua perturbação, ela se aproximou rapidamente e me pegou pela mão; no momento seguinte, minha mão estava em sua boca, e ela me mordera até os ossos. A dor aguda da mordida, o repentino jorro de sangue e o monstruoso horror do ato percorreram meu corpo como uma descarga elétrica, e eu a afastei à força, mas ela continuou a se lançar sobre mim, com gritos inumanos...

Além das superstições dos camponeses da região, não há nenhuma prova de que a mãe de fato pertença aos mortos-vivos. Nesse conto, o “vampirismo”, bem como a sugestão da vida prolongada através da repetição por descendência direta, que transparece no retrato, é em essência metafórica, supostamente uma manifestação de sua herança patológica. O “sangue” está empobrecido, por isso busca se renovar com novos estoques saudáveis. Desse modo, Stevenson inteligentemente adapta a moldura convencional da ficção gótica, inovando-a por dentro. Usa as características corriqueiras do gênero a fim de explorar preocupações e ênfases contemporâneas, algo que faria com vigor ainda maior em *O médico e o monstro*, que também cuida de formas de retorno atávico, mas abandona de todo a localização geográfica remota da história gótica convencional.

Contudo, antes de examinarmos o que conferiu tamanha originalidade a *O médico e o monstro*, vale a pena considerar brevemente outro conto de horror que oferece um contraste com a história mais famosa publicada dois anos depois, embora também antecipe aspectos dela. “O ladrão de cadáveres” (1884) foi igualmente escrito para o mercado de relatos de horror do Natal, sendo em muitos aspectos um exemplo ainda mais tradicional do gênero. Seu início está em linha com a convenção narrativa de fatos terríveis contados em voz baixa, à volta da lareira, numa noite de inverno. Fettes, o bêbado da taverna local, desperta de seu estupor costumeiro devido à referência a um nome que não ouve havia anos, mas que evidentemente o perseguirá em suas recordações durante as últimas décadas: “Fettes ficou imediatamente sóbrio; seus olhos se avivaram, a voz se tornou clara, alta e firme, a linguagem enérgica e convincente; todos nós nos assustamos com tal transformação, como se um homem houvesse ressuscitado”. Essa analogia é irônica em vários aspectos, pois a transformação daquele “verme” numa pessoa sóbria e ativa é provocada exatamente pela associação com o retorno fantasmagórico à vida de um cadáver “havia muito tempo morto e dissecado”. Esse evento sobrenatural, guardado para o final apavorante do conto, é prenunciado pelo tema dos episódios que Fettes conta ao narrador anônimo. Essa aparição final e literal encontra sua contrapartida metafórica no regresso do homem que, junto com Fettes, testemunhou a ressurreição de Gray, bem como na maneira pela qual ambos foram perseguidos desde então por aquela horrível lembrança: “Fettes agarrou seu braço, e disse num sussurro dolorosamente

claro: “Você o viu de novo?”. É o fantasma de Gray, o homem que Macfarlane assassinou, voltando no lugar do corpo que os dois estudantes haviam desenterrado de uma remota cova no campo para ser dissecado numa aula de cirurgia. A “ressurreição” de Fettes no início e a volta de Gray à vida no final chocante fornecem a moldura literal e metafórica de uma narrativa sobre as façanhas daqueles que eram chamados de “homens da ressurreição” por negociarem com cadáveres humanos.

É nesses incidentes centrais, relembrando atos ignóbeis de crimes verdadeiros ocorridos nos “maus tempos” do começo do século, que encontramos as prefigurações dos temas que Stevenson desenvolveria ao máximo em *O médico e o monstro* num contexto contemporâneo. “O ladrão de cadáveres” é o relato ficcional de acontecimentos que tiveram lugar em Edimburgo na década de 1820, mas que continuavam vivos na imaginação popular. Burke e Hare se passavam por ladrões de cadáveres, supostamente fornecendo-os para estudos anatômicos, mas provaram ser assassinos, vendendo corpos que não tinham sido enterrados. Robert Knox, um famoso cirurgião (depois disso mal-afamado) a quem aqueles dois forneciam o “produto”, foi publicamente implicado no escândalo e aparece nas margens da história de Stevenson. Seu representante, o inventado “dr. Wolfe Macfarlane”, tem um papel mais central e é mostrado como de fato o culpado pelos assassinatos junto com os famigerados ladrões de cadáveres, seus cúmplices. Malgrado essa mudança de ênfase, dos declarados criminosos Burke e Hare (retratados de forma breve) para os jovens estudantes de medicina com suas culpas secretas, Stevenson parece estar mais interessado em explorar o tema de uma vida dupla, que iria predominar em sua história mais famosa. Assim, Macfarlane e até certo ponto Fettes podem ser parcialmente considerados antecessores de Jekyll. O narrador descreve Fettes quando estudante de medicina:

Frio, ágil e egoísta ao extremo, ele possuía uma pequena dose de prudência e do que se costuma chamar erroneamente de moralidade, o suficiente para manter um homem afastado da embriaguez inconveniente ou do furto passível de levá-lo à prisão. Além disso, ansiava por merecer a consideração de seus professores e colegas, não desejando de modo algum ser visto como um fracassado. Por isso, esforçou-se a fim de obter bons resultados nos estudos e, dia após dia, cumpria religiosamente suas obrigações junto ao sr. K..., seu empregador. Em compensação pelo trabalho realizado durante o dia, à noite se entregava aos prazeres mais abjetos, só se dando por satisfeito quando o órgão que ele chamava de consciência declarava que o equilíbrio havia sido alcançado.

Fettes é um perfeito hipócrita, buscando a “consideração” de seus pares profissionais à luz do dia enquanto contrabalançava isso com o que podia ser considerado o comportamento oposto — prazeres vis durante as horas da noite (assemelhando-se muito a Jekyll, que acredita estar pessoalmente absolvido de todos os crimes de Hyde). Essa lógica inversa sugere de maneira irônica que seu comportamento desonroso o “compensava” pela diligência e sobriedade demonstradas durante o dia, gerando uma espécie de equilíbrio ético. Mas isso é enfraquecido pelo conhecimento de que parte de seu “serviço” para o empregador envolvia o fornecimento dos cadáveres de que dependia a escola de anatomia. Esse detalhe perturba a límpida dicotomia entre os comportamentos diurnos e noturnos, sem dúvida desfazendo o equilíbrio moral que Fettes julga manter. O desequilíbrio se acentua quando Macfarlane o encoraja a fazer vista grossa ao assassinato de Gray, que Fettes recebe como outro “produto” para a dissecação, conquanto conhecesse perfeitamente sua origem. A fantasmagórica ressurreição de Gray numa excursão de coleta de cadáveres finalmente destrói o pacto

artificialmente feito entre Fettes e sua consciência, explicando o estado ruinoso em que se encontrava no início do conto após ter abandonado toda pretensão de respeitabilidade. O mesmo não ocorre com seu companheiro e também testemunha da ressurreição, o homem que na realidade assassinou Gray e o ofereceu para a dissecação cirúrgica. Wolfe Macfarlane, “o grande médico londrino”, que visita a taverna George Inn muitos anos depois daquela noite terrível:

... estava ricamente vestido com os tecidos mais finos de lã e os linhos mais brancos, exibindo a grossa corrente de ouro do relógio, além de abotoaduras e óculos feitos do mesmo material precioso; [...] levava nos braços um confortável casaco de pele. Não havia dúvida de que a vida lhe sorria, pois ele irradiava riqueza e consideração, sendo um contraste surpreendente ver nosso bêbado local — calvo, sujo, com o rosto cheio de espinhas e vestindo um velho casaco de chamalote — confrontá-lo ao pé das escadas.

“Macfarlane”, ele disse, numa voz demasiado alta, soando mais como um arauto do que como um amigo.

Assim são contrastadas as duas partes da personalidade dúplice — farras excessivas versus zelo sóbrio e respeitável — que o narrador dissecar e explora. Essa confrontação entre os representantes das horas do dia e da noite pode ser vista como uma prefiguração de Jekyll ao deparar com Hyde pela primeira vez, pois o que Macfarlane exhibe é justamente a contrapartida da aparência arruinada de Fettes, que funciona como sua consciência reprimida. A verdadeira “perseguição” consiste em trazer à luz o crime, havia muito enterrado, cometido por um homem respeitável e exitoso.

Esse padrão de culpa suprimida, de uma vida dupla de respeitabilidade diurna e transgressão noturna, do “fantasma” de velhos crimes alcançando seus perpetradores, é desenvolvido nesse conto dentro da moldura de uma história sobrenatural bastante corriqueira, porém receberia um tratamento bem mais sutil e perturbador na história seguinte que Stevenson compôs para o mercado de contos de horror do Natal. Escrito exatamente um ano depois, *O médico e o monstro* abandona por inteiro os artifícios distanciadores do gótico tradicional — situados “lá longe” no sul da Espanha ou ocorridos “antigamente” no passado próximo ou longínquo. Desenrola-se em Londres nos tempos atuais, situando o horror *dentro* de um indivíduo respeitável, com sua visão do mal se desdobrando por um segmento muito mais amplo da sociedade do que até então fora sugerido na ficção popular, enquanto o elemento sobrenatural ganha certo grau de plausibilidade ao se aproximar das técnicas da “ficção científica” graças à sugestão de que o experimento de Jekyll poderia ser repetido caso ele tornasse a fórmula disponível. Por fim, o método narrativo de reunir testemunhos contemporâneos confere maior imediatividade sensacionalista e autenticidade do que as recordações em torno da lareira que caracterizavam as histórias de horror tradicionais. As páginas seguintes explorarão o que faz com que este romance, a começar por sua técnica de narração, seja uma das mais importantes e influentes obras do gênero desde *O castelo de Otranto*.

TESTEMUNHOS

A ficção de horror tem uma tradição de complexidade narrativa. Desde o livro de Charles Robert Maturin intitulado *Melmoth the Wanderer* (1820) e o de James Hogg,

Memoirs and Confessions of a Justified Sinner (1824), até *Drácula* (1897), a história de terror raramente foi apresentada de modo direto. As narrativas com frequência reúnem alegadamente diversos manuscritos, cartas ou testemunhos que, em conjunto, oferecem um relato (mais ou menos) coerente dos acontecimentos. Essa técnica se tornou a marca registrada da escola de ficção chamada “sensacionalista” (uma forma popularesca do gênero gótico) que surgiu na década de 1860, quando escritores como Wilkie Collins compuseram narrativas arrepiantes com base em cartas e diários, bem como em testemunhos e confissões. A história de Stevenson obedece em parte a esse padrão, pois dois dos capítulos mais reveladores e importantes (o nono e o décimo) são documentos independentes escritos pelos protagonistas, enquanto o quarto capítulo é parcialmente apresentado como um artigo de jornal reportando um crime hediondo. Essa técnica serve ao propósito da veracidade, pois faz supor serem os documentos mais “genuínos” que as observações patentemente artificiais do narrador onisciente, que inexistente no mundo da ficção. Serve também ao suspense, porque, como os indivíduos que contribuem com seus comentários não têm pleno conhecimento dos eventos, adia-se a explanação completa até as últimas páginas. E ajuda a aumentar o impacto emocional da narrativa, tendo em conta que o relato feito pelo próprio dr. Lanyon do espetáculo chocante de Hyde se transformando em Jekyll ou do terror de Jekyll de que Hyde usurpe sua identidade são mais diretos e excitantes do que seria possível caso fossem reportados em segunda mão.

A suposta fidedignidade dos testemunhos é reforçada por eles serem feitos por pessoas altamente respeitáveis ou por estarem relacionados com seus interesses: dois médicos e um advogado, os quais utilizam sua capacidade profissional a fim de investigar o mistério com que se defrontam. Isso acentua o choque quando as investigações fracassam, mas também cristaliza suas preocupações e expectativas. A história de Stevenson é apresentada sob a forma de um “caso”, evocando os procedimentos legais e médicos com respeito ao conhecimento e registro dos fatos; no entanto, trata-se de um caso *estranho*, cuja estranheza resulta do rompimento das próprias expectativas associadas a tais procedimentos e métodos de registrá-los.

O *médico e o monstro* é construído como um mistério, assemelhando-se a uma história de detetive. Oito de seus dez capítulos cuidam de esclarecer as circunstâncias misteriosas que cercam o testamento de Jekyll e seu relacionamento com um indivíduo muito esquisito, o sr. Edward Hyde. Cumpre lembrar que, até o nono capítulo, quando o dr. Lanyon presencia a transformação de Hyde em seu amigo Jekyll, a história está focada em apenas duas pessoas, Jekyll e Hyde. Os personagens do romance e seus primeiros leitores acreditavam que isso fosse verdade, circunstância que deveria influenciar nossa leitura e, em especial, nossa compreensão das suspeitas e expectativas daqueles que investigaram o mistério. É importante considerarmos as aparências, pois somente nelas os primeiros leitores podiam se basear. Dr. Jekyll, um respeitável solteirão, e o “abominável” Edward Hyde são companheiros extremamente improváveis. Quando pressionado pelo advogado Utterson a pôr “em pratos limpos” o problema em que o imagina envolvido, Jekyll confessa ter um “grande interesse, um enorme interesse” num “jovem” que não é seu filho e nunca foi apresentado a seus amigos mais antigos. Hyde tem livre acesso à casa de Jekyll, faz uso exclusivo de uma porta especial nos fundos e seus cheques são honrados pelo homem mais velho. Como Utterson declara: “Fico gelado só de pensar nessa criatura chegando furtivamente, como um ladrão, junto à cama de Harry”. Sabe-se mais tarde que Hyde costuma vagar pelas margens do rio à noite e que Jekyll o instalou na casa que possui no Soho, um lugar mobiliado mais ao gosto refinado de Jekyll que ao de Hyde. A suposição geral é a de que Hyde está chantageando Jekyll. “Não é o que você

imagina, não é tão mau assim”, Jekyll assegura a Utterson. Mas em que consistiria essa ideia errônea que, embora não mencionada, podia ser tacitamente entendida por Utterson e seu cliente? Essas circunstâncias parecem haver sido cuidadosamente tramadas a fim de sugerir, sem que se chegue a especificar, a suspeita de que algum vínculo erótico estivesse no fundo do relacionamento entre Jekyll e Hyde. A chantagem e a homossexualidade estavam, havia muito, associadas. Segundo Rictor Norton: “Antes de aprovada a Lei de Transgressões Sexuais em 1967, a legislação que proibia as relações homossexuais era descrita como um ‘alvará do chantagista’ uma vez que muitas, senão a maioria, das tentativas de chantagem envolviam a ameaça de denunciar um homem como homossexual, fosse ele gay ou não”.⁵ O “alvará do chantagista” era a lei aprovada em 1885 (ano em que Stevenson escreveu o romance) proibindo todos os atos eróticos entre homens em público ou em privado, a qual foi responsável pela prisão de Oscar Wilde em 1895.⁶ Entretanto, mesmo antes dessa nova definição legal da sexualidade proibida, o crime bem mais antigo da “sodomia” fizera da chantagem um negócio altamente lucrativo. Como Norton sugere: “Quadrilhas de chantagistas profissionais eram [...] comuns, sobretudo nas décadas de 1810 e 1820, havendo casos em que homossexuais chantageavam seus próprios companheiros. A ameaça de denúncia como sodomita está na base de mais da metade dos processos abertos no século XVIII...”. O próprio Oscar Wilde foi vítima de diversas tentativas de chantagem, a maior parte das quais por “garotos de programa” com quem ele ou seu amante, lorde Alfred Douglas, haviam se relacionado. Tendo em vista essa associação de ideias, é provável que as suspeitas de envolvimento erótico entre Jekyll e Edward Hyde teriam ocorrido aos primeiros leitores de Stevenson ao refletirem acerca do “enorme interesse” do doutor pelo rapaz. A sugestão de homossexualidade fornece uma hipótese plausível até que seja revelada a verdade de que os dois homens são na verdade um único.⁷ Naturalmente, Stevenson não podia descrever ou se referir de modo direto ao que era visto como “contrário às leis da natureza” e impensável de figurar nas páginas de um livro de prosa de consumo popular. Todavia, como era possível, ele talvez tenha manipulado as expectativas e suposições de seus leitores, que não podiam se queixar caso suas próprias imaginações houvessem suprido aquilo que Stevenson se recusara a explicitar.⁸ O “vício não mencionável” fornece um subtexto bastante eficaz para uma trama sensacionalista acerca de segredos, na qual aquilo que parece ser um relacionamento “contrário à natureza” eventualmente prova ser uma relação sobrenatural. Isso decorre da base de expectativas sobre as quais se ergue o relato: o uso de procedimentos e formas de conhecimento de cunho legal e médico (que, excluída a pornografia, constituíam os únicos veículos em que a homossexualidade era discutida em letra de fôrma) e a correspondente aderência aos princípios racionalistas que a explicação preternatural brilhantemente subverte.

Essa subversão de expectativas tem seu maior efeito na narrativa do dr. Lanyon, quando a fantástica explicação de que duas pessoas são de fato uma é revelada pela primeira vez. Se as investigações de Utterson evocam as expectativas e os procedimentos do inquérito jurídico, a narrativa de Lanyon é ainda mais autoconscientemente estruturada segundo os métodos de sua profissão. Lanyon atendeu ao pedido de Jekyll para ajudá-lo numa questão urgente, reunindo seus produtos químicos e recebendo um estranho (Hyde) em sua casa tarde da noite. Quando Hyde chega, ele o atende no consultório como se fosse um paciente normal, tentando transformá-lo num “caso”:

[...] como havia algo anormal e defeituoso na própria essência da criatura que então

me encarava — algo envolvente, incomum e repugnante [...] de modo que, ao meu interesse na natureza e temperamento do homem, veio somar-se a curiosidade sobre sua origem, vida, circunstâncias e posição no mundo [...] acomodei-me no assento costureiro e fiz uma imitação tão boa de meu comportamento usual com algum paciente quanto me permitiam a hora tardia, a natureza de minhas preocupações e o horror que me inspirava o visitante.

As preocupações e os procedimentos de Lanyon são característicos da literatura médica de então. A origem, vida, circunstâncias e posição social de indivíduos “anormais” constituíam informações relevantes para o estudo de casos clínicos.⁹ Lanyon crê que tem diante de si um paciente mentalmente insano “lutando contra a aproximação da histeria”. Entretanto, antes que tenha tempo de compilar suas anotações, aquela monstruosidade se transforma no seu amigo Henry Jekyll, um colega de profissão que possui, ao menos aparentemente, uma impecável “vida, origem e situação social”, mas, apesar disso, contém dentro de si Hyde, um assassino deformado, anormal e repugnante. A transformação do “paciente” num médico; do histérico anormal num membro respeitável da classe média; de duas pessoas em uma também provoca uma revolução narrativa e “epistemológica”. Isso porque, ao desmoronarem as formas de compreensão médica, legal ou racional, o *caso* de Jekyll e Hyde se torna o *estranho caso* de uma das histórias de horror mais originais escritas até hoje.

O HORROR DO OUTRO EU

O fato de que *O médico e o monstro* de Stevenson era algo mais que “um relato chocante de alguns tostões”, uma história horripilante para o Natal de 1885, foi reconhecido imediatamente. Os resenhistas afirmaram que “o romance tem um interesse mais amplo e mais profundo do que se fosse apenas uma narrativa competente. Constitui uma exploração maravilhosa das partes mais recônditas da natureza humana”, sendo uma “parábola” dotada de “profunda alegoria”. Um jornal cristão afirmou que era uma “alegoria baseada na natureza dúplice do homem, uma verdade que nos foi ensinada pelo apóstolo Paulo em Romanos 7”.¹⁰ Com efeito, o romance serviu como tema de um sermão pronunciado do púlpito da catedral de São Paulo. Reduzido à sua essência, o romance versa sobre a luta entre o bem e o mal, o dever e a tentação, no interior da “alma” humana: uma história tão antiga quanto o Gênesis. Jekyll considera seu dilema dessa forma, referindo-se à “guerra eterna em minha carne” e ao fato de que “os termos desse debate são tão antigos e conhecidos como o homem”. A formação de Stevenson inculcou nele um forte sentido de pecado, que transparece nos fundamentos morais da história. Como escreveu para Edward Purcell em fevereiro de 1886: “Tenho as velhas preocupações de um escocês presbiteriano com esses problemas (morais) [...] O lado escocês ficou nítido no relato”.¹¹ Todavia, essa extrapolação “moral” da história é uma das primeiras simplificações que ela sofreu, necessitando ser contextualizada.

Quando Adão e Eva cobriram seus corpos em sinal de vergonha, não vestiram imediatamente casacas e saias-balão. Em outras palavras, a história de Stevenson, malgrado a “perene” moldura moral, é muito claramente um produto de seu tempo e, se constitui uma alegoria, foi construída a partir de circunstâncias históricas e relações de classe. Edward Hyde é a corporificação daquilo a que Jekyll se refere como seus

“elementos inferiores”, porém ele também deixa claro que essa relação hierárquica é criada por sua excessiva obediência aos códigos de respeitabilidade e à opinião pública. Segundo explica, “o pior de meus defeitos era certa disposição alegre e entusiástica que faria a felicidade de muitos, mas que achei difícil de conciliar com meu desejo imperioso de manter a cabeça alta, exibindo publicamente um semblante mais sério do que é comum”. A oposição simples entre o bem e o mal sucumbe nesse ponto. Ele prossegue: “Muitos homens teriam se vangloriado dos pecadilhos que cometi; mas, da posição elevada em que me pusera, contemplei-os e os escondi com um senso quase mórbido de vergonha”. É esse senso superdesenvolvido de pecado que constrói Hyde. Quanto mais Jekyll procurava fazer o bem e *se mostrar como uma pessoa “boa”*, mais malevolente se tornava Hyde. Seu Hyde é imaginário e potencial até que Jekyll descobre uma poção que *dá corpo* àquelas divisões. É aqui que a alegoria moral começa a portar as indumentárias da classe e da história:

Se cada um, pensei, pudesse ocupar identidades distintas, a vida seria aliviada de tudo que é insuportável; o injusto seguiria seu caminho, livre das aspirações e do remorso de seu gêmeo mais digno; e o justo poderia percorrer com passos fortes e seguros seu caminho ascendente, praticando as boas ações que lhe dão prazer, não mais exposto à desgraça e à penitência causadas por obra daquele mal extrínseco.

Jekyll parece estar observando o comportamento de dois indivíduos distintos que por acaso coexistem em sua consciência. A poção transforma tal ideia em realidade. Ao “liberar” o seu Hyde, Jekyll começa a caracterizá-lo, vesti-lo, classificá-lo e elaborar moralizações sobre ele, ao mesmo tempo horrorizado e excitado com seu comportamento. Hyde é a expressão corporal de sua relação com os princípios mais elevados de Jekyll — de estatura mais baixa e com uma fisionomia mais feia do que seu “gêmeo mais digno” Jekyll, que somos informados ter um corpo elegante e um rosto “bonito”. Uma vez externalizadas e tornadas concretas suas divisões imaginárias, Jekyll podia dar total liberdade à retidão:

Os prazeres que me apressei a buscar sob meu disfarce eram, como disse, indignos; dificilmente usaria um termo mais duro. Mas, nas mãos de Edward Hyde, logo se tornaram monstruosos. Quando eu voltava dessas excursões, com frequência mergulhava num tipo de pasmo diante da depravação que vivia por intermédio dele [...]. Henry Jekyll por vezes se chocava com os atos de Hyde, mas a situação escapava às leis normais e debilitava insidiosamente os controles da consciência.

Assim, mesmo quando nos é dito que duas pessoas são uma, o testemunho de Jekyll ainda os divide ao negar qualquer responsabilidade pelas ações de Hyde. Tais distinções permitem que Henry Jekyll aja com todo o decoro como membro de sua classe, condenando o comportamento de Hyde, seu oposto e inferior em termos sociais e “antropológicos”. Jekyll, assim como seus amigos, veem Hyde, o monstro criminoso, à luz das teorias sobre o crime e a imoralidade daquela época.

SÍMIOS E ANJOS

Jekyll considera Hyde um composto de seus “elementos mais baixos”. Conquanto esta seja, acima de tudo, uma designação moral ou mesmo metafísica, ela também sugere

fortemente que Hyde se situa abaixo na escala evolucionária (como entendida então) de seu gêmeo mais digno. A referência feita por Jekyll sobre percorrer o “caminho ascendente” tem igualmente a ver com a posição que ele julgava ocupar no que era considerada a “escada” do desenvolvimento cultural e biológico. Um indivíduo menos digno evoca sugestões de um símio, e Hyde é certamente isso. Utterson viu nele características ao mesmo tempo de anão e troglodita, enquanto outra pessoa comenta a fúria “de um macaco” com que ele ataca Carew; o próprio Jekyll fala da malevolência “simiesca” de Hyde, de sua natureza “animalesca”, de como seu oposto é peludo. Essa inferência eventualmente culmina numa assustadora visão de imoralidade primordial: “Este o dado chocante: que o lodo do poço parecia emitir sons e gritos, que a poeira amorfa gesticulasse e pecasse; e que o que era morto e não tinha forma pudesse usurpar as funções da vida”. A ênfase com que a criminalidade ou a pecaminosidade constitui uma condição ou impulso primitivos corresponde àquela encontrada em numerosas obras do período que utilizaram modelos evolucionistas a fim de compreender a criminalidade e a desordem mental. A ideia da “reversão”, que ajudava a explicar o comportamento imoral em termos científicos, também abria novas possibilidades para o gênero gótico, que então podia retratar heranças ancestrais perversas em escalas muito maiores, remontando às origens da própria vida humana. Isso pode ser visto comparando-se a descrição de Jekyll e Hyde por Stevenson com as palavras do psiquiatra Henry Maudsley (“Remarks on Crime and Criminals”, 1888):

O senso de relações morais ou o chamado sentimento moral [...] são os últimos e mais elevados produtos da evolução mental; assim, por serem os menos estáveis, são os primeiros a desaparecer na degeneração mental, que consiste literalmente no *desmonte* da mente; e, quando eles são removidos, afloram as paixões primitivas e mais estáveis — desnudadas e sem nenhuma vergonha, tal como ocorria nas eras pré-morais da vida humana e animal na Terra.¹²

O raciocínio de Maudsley se parece muito com o de Jekyll, que vê Hyde como “inferior” e como o “animal dentro dele”, que lhe permite “se livrar das amarras [do senso moral] e mergulhar de cabeça no mar da liberdade”. A poção de Jekyll causa o “desmonte” a que se refere o psiquiatra, a libertação das peias do comportamento civilizado (que é uma aquisição evolutiva) e, com isso, o regresso à indulgência “primitiva” e anterior à moral. Quando corporificado, Hyde naturalmente se parece com a forma simiesca e “degenerada”, quase inumana, descrita pelos especialistas em medicina legal. Em suma, Hyde é a expressão física da baixa moral segundo o pensamento pós-darwiniano.¹³

UM MUNDO DE PECADORES COMUNS E SECRETOS

No sr. Hyde, Stevenson criou um novo monstro ficcional, uma criatura semelhante a Frankenstein, porém fabricada com as crenças da antropologia evolucionista e da criminologia científica, que ele solta na Londres contemporânea. Os relatos de Jekyll ao se surpreender com a “monstruosa” depravação de Hyde, assim como da testemunha ocular do assassinato de Carew ao comentar a fúria simiesca do ataque, equivalem às descrições clássicas do tipo criminoso atávico que, segundo Lombroso, “deseja não apenas extinguir a vida da vítima, mas mutilar o cadáver, rasgar a carne e

beber seu sangue”.¹⁴ Entretanto, a história de Stevenson é de fato mais complexa e perturbadora do que isso, pois ele usou o retrato da monstruosidade criminal a fim de refletir sobre aquilo que a havia definido, isto é, o mundo de respeitáveis médicos e legisladores. Hyde está *dentro* de Jekyll, como talvez dentro de outras pessoas. O romance de Stevenson se desfaz de todos os artifícios distanciadores do gótico tradicional, situando o horror dos retornos atávicos na área central de Londres e no tempo presente, assim como no corpo e na mente de um representante das profissões liberais. É sobre esse mundo que a história se debruça, examinando-o a partir da preocupação central com a respeitabilidade e sua desobediência, o cidadão reto e o libertino, o social e o sensual/sexual. Mas Jekyll fracassa. Ostensivamente devido a um erro na mistura dos produtos químicos; porém o experimento também não tem êxito porque as divisões que ele imagina e tenta solidificar eram impossíveis de ser mantidas. Não apenas os produtos químicos são impuros; as diferenças que ele considera absolutas também são patentemente misturadas e confusas.

Jekyll alega ser um “composto”, como “todos os seres humanos que conhecemos [...] uma mescla do bem e do mal”; enquanto “Edward Hyde, exceção nas fileiras da humanidade, era o puro mal”. Todavia, Hyde parece conter dentro de si alguns elementos de Jekyll. O plano original do doutor era de que Hyde servisse como um “álibi”. Qual um assassino de aluguel ou “matador”, ele faria aquilo de que Jekyll se envergonhava, ficando a salvo caso houvesse alguma represália.

Bastava escapar para o laboratório e, em um ou dois segundos, misturava e bebia a poção que sempre mantinha à mão; e, o que quer que ele houvesse feito, Edward Hyde desapareceria como a marca de um bafo no espelho; e lá, em seu lugar, tranquilamente em casa, trabalhando até tarde em seu gabinete, estaria um homem capaz de se dar ao luxo de rir de qualquer suspeita: Henry Jekyll.

Se Jekyll “contratou” Hyde para ter paz de espírito e segurança, então foi ludibriado. Se Hyde era o puro mal e Jekyll acreditava poder rir de qualquer suspeita, o próprio Hyde não compartilhava de tal opinião. Na verdade, as primeiras palavras que o vemos pronunciar, segundo afirma Enfield ao relatar como Hyde pisoteou a criança, mostram-no se comportando de modo muito parecido com Jekyll. De acordo com Enfield:

... e no centro lá estava o homenzinho, denotando uma espécie de frieza sombria e sarcástica — assustado também, reparei —, mas se comportando, meu amigo, realmente como Satã. “Se quiserem explorar este incidente”, ele disse, “obviamente nada posso fazer. Mas todo cavalheiro prefere evitar uma cena”, continuou. “Digam qual é a quantia.”

O ar zombeteiro e “satânico” de Hyde encobre um receio evidente com sua reputação. Será que Satã tentaria de fato convencer as testemunhas de que a ocorrência com a criança era um mero “incidente”? Por que se importar com o que os outros achavam se ele era o puro mal? Hyde não parece estar fazendo nada de útil nesse ponto, pois Jekyll é obrigado a gastar cem libras (montante muito considerável na época) e, dada a necessidade de preencher o cheque, tem seu nome implicado na questão embora isso fosse a última coisa que desejasse. Enfield diz a Hyde: “Caso tivesse amigos ou alguma reputação, prometemos que os perderia” se não pagasse. No entanto, era a reputação de Jekyll que ele deveria preservar *não* se valendo de seus recursos. Longe de rir da

suspeita, Jekyll é arrastado pelo “assassino de aluguel” para uma investigação que, mais tarde, significará sua ruína. Ouvindo esse relato, Utterson, já descontente com o testamento, resolve descobrir qual o poder que Hyde tem sobre Jekyll.

Com efeito, o testamento que suscitou as suspeitas iniciais de Utterson também contribui para o fracasso dos planos de Jekyll. Ele fizera um testamento “para que, se algo me acontecer na pessoa do dr. Jekyll, eu possa me fazer representar por Edward Hyde sem incorrer em perda pecuniária”. É significativo que Jekyll use a primeira pessoa quando se refere a Hyde poder substituí-lo sem perda pecuniária. Jekyll deseja desfrutar de todos os confortos e privilégios da posição que alcançou no mundo *como ele mesmo*, ainda que precise fazê-lo na pessoa de Hyde, supostamente o puro mal e indiferente aos interesses do dr. Jekyll. Ao redigir um testamento, Jekyll se vincula aos sistemas de suporte financeiro e obedece aos procedimentos adotados pela classe de cujos códigos e valores morais ele tenta escapar com seu experimento. O fato de querer gozar de dupla vantagem, renunciando aos valores burgueses e os preservando, é na verdade uma continuação hipócrita da duplicidade de que Jekyll originalmente buscou fugir, enredando-se na teia de pecados secretos e de suas punições das quais tentara se livrar. Jekyll nunca é de todo livre na pessoa de Hyde porque Hyde nunca se livra inteiramente de Jekyll e de tudo que ele representa.¹⁵ Em suma, talvez a coisa mais estranha (e sem dúvida a mais perturbadora) sobre o caso de Jekyll e Hyde é que, no final das contas, não se trata de algo tão estranho assim. Tudo indica que, se lêssemos as confissões de outras pessoas pertencentes ao círculo do doutor, veríamos quão comum era o caso.

SEGREDOS POR TODA PARTE

Após o assassinato de Carew, Jekyll renuncia a Hyde e procura voltar a viver uma vida de respeitabilidade. Passado algum tempo, retornam as tentações e ele se transforma de novo em “um pecador secreto comum” sem a ajuda de Hyde. Essa frase capta o que é entrevisto reiteradamente na narrativa: que a condição “comum” de sua sociedade é a de que os indivíduos pecam em segredo, mas também que mantêm, ocultam e tentam descobrir segredos. Muitos segredos nunca são revelados. Enfield (figura bem conhecida na sociedade londrina) volta para casa de “algum lugar no fim do mundo por volta das três horas de uma escura madrugada de inverno”, mas se exime de mencionar exatamente onde esteve e o que fazia. Tanto ele quanto Utterson seguem a diretriz de que “quanto mais esquisito parece, menos eu pergunto”. Enfield prediz o que ocorre quando essa regra é desrespeitada. “Você faz uma pergunta, e é como se estivesse movendo uma pedra. Você continua sentado calmamente no alto do morro, e lá se vai a pedra, movendo outras. Daqui a pouco, um sujeito bem esperto — a última pessoa em quem você pensaria — é atingido na cabeça em pleno jardim dos fundos de sua casa, e a família se vê obrigada a trocar de nome.” Um desses “sujeitos bem espertos” pode ser o idoso membro do Parlamento sir Danvers Carew, cuja morte nas margens do rio, tarde da noite, é bem suspeita. A criada:

[...] reparou num cavalheiro idoso e bonito, de cabelo branco, se aproximando pelo caminho e, avançando na direção dele, outro senhor bem baixinho, em quem de início ela prestou menos atenção. Quando chegaram a uma distância em que podiam se falar [...] o homem mais velho fez uma reverência e abordou o outro com modos muito corteses. Não *parecia* que suas palavras tivessem grande importância; na verdade, pelo

jeito como gesticulava, às vezes dava a impressão de que apenas pedia informações sobre o caminho que pretendia seguir; porém o luar iluminou seu rosto quando ele falou [...] pois *parecia* irradiar uma bondade *inocente* e refinada, mas também autoridade, como alguém muito seguro de si. [grifos meus]

Atentando para o que a criada disse, vemos que o relato é cheio de ressalvas e altamente especulativo. Por que mencionar que ele *parecia* inocente? E o que fazia quando “abordou” um jovem com “modos muito corteses” às margens do rio e tão tarde da noite? Certamente, quando se pedem informações sobre o caminho, é a pessoa a quem se pergunta que aponta. Ao tomar conhecimento de que a vítima do crime é sir Danvers Carew, a reação do policial — “‘Meu Deus’, exclamou o policial, ‘será possível?’” — parece algo excessiva. Por que ele fica tão pasmo? Que circunstâncias o preocupam sobre a identidade de tal vítima num crime daquele tipo — “um sujeito bem esperto (*a última pessoa em quem você pensaria*)”, como diz Enfield? O que constava da carta que ele levava e era dirigida a Utterson, solicitando sua ajuda profissional? Nunca saberemos. Porém, será que estamos certos em ter tantas suspeitas?¹⁶ De acordo com o texto, sim. Somos reiteradamente encorajados a imaginar segredos onde pode não haver nenhum, além de acalentarmos suspeitas talvez imotivadas. A história de Stevenson demonstra claramente que não se deve nunca confiar nas aparências.

ESCONDE-ESCONDE

Essa falta de confiança também afeta nossa crença no testemunho dos outros, minando a fé na veracidade do que lemos. Desde a primeira página somos apresentados a um mundo presidido pela opinião pública, bem como pelo medo da denúncia e da chantagem. Na realidade, pode-se argumentar que o verdadeiro monstro no romance é a opinião alheia. Ela lança uma sombra funesta sobre toda a narrativa e é responsável por vidas atrofiadas, além de duas ou mesmo três mortes. O temor da revelação é tão poderoso que amedronta até Hyde, fazendo-o pagar cem libras a fim de manter um bom nome que nem possui. Enfield e o médico chantageiam Hyde: “[...] como matar estava fora de questão, escolhemos a melhor alternativa. Dissemos ao homem que faríamos tal escândalo em torno daquilo que seu nome iria ser execrado de um extremo ao outro de Londres”.¹⁷ Quando Hyde apresenta o cheque em nome de outra pessoa, Enfield supõe que ele está chantageando Jekyll; ao ouvir isso, Utterson resolve se envolver diretamente e descobrir o que Hyde tem para ocultar. Todos estão motivados pela necessidade de manter as aparências e proteger o sistema que opera na base da confiança, por mais duvidosa que ela se mostre. É isso que estimula Utterson a se transformar num detetive amador e investigar o mistério de Jekyll e Hyde. Todavia, enquanto a maioria dos detetives investiga segredos a fim de resolver algum crime e trazer à tona o que ocorreu, Utterson é movido pelos motivos opostos.¹⁸ Trata-se de um investigador que na realidade não quer saber, cujo propósito fundamental é preservar seu amigo do escândalo, salvar sua honra. Caso descubra os segredos de Hyde, poderá conseguir em troca que os de Jekyll sejam esquecidos. É o que pensa. Quando Hyde comete um assassinato, Utterson acompanha o policial cuja função consiste em fazer uma investigação completa e divulgar todos os fatos, caso seja necessário. Utterson auxilia na investigação, porém apenas até certo ponto. Tecnicamente ele obstrui a justiça, pois deixa de mencionar

alguém intimamente relacionado ao assassino e terá recebido uma comunicação dele após o crime. Com efeito, a arma do crime pertence a Jekyll, tendo lhe sido presenteadas anos antes por Utterson. Jekyll confessa a Utterson que está pensando apenas em sua “própria reputação, que esse acontecimento odioso pôs em grande perigo”. Seu amigo compartilha dessa preocupação, temendo que o “bom nome [de Jekyll] fosse tragado no turbilhão de um escândalo”. Até o final esse é o seu objetivo. Quando tudo está perdido, Hyde morto e Jekyll assassinado ou desaparecido, Utterson ainda tem esperança de que possam “ao menos salvar sua honra”. Até mesmo Lanyon, que morreu em virtude do choque que lhe causou a “torpeza moral” de Jekyll, condiciona suas revelações, estipulando que, se Utterson morresse antes dele, o documento que terminamos por conhecer deveria ser “destruído sem que ninguém o lesse”.

Tanto por causa de Lanyon quanto de Jekyll, chegamos muito perto de não conhecer todos os fatos do caso. Como este último observa no parágrafo final: “[...] se meu relato escapou da destruição até agora foi por uma combinação de grande prudência e muita sorte”. Não obstante, será que dispomos mesmo de todos os fatos? Lanyon se recorda: “Não consigo me decidir a pôr no papel o que ele [Jekyll] me contou na hora seguinte”. Não temos como saber se aquilo corresponde efetivamente à confissão derradeira de Jekyll. E mesmo isso reforça a dúvida, uma vez que, se Utterson passou todo o tempo tentando ocultar ou reter informações — “podemos nos arriscar a declarar que foi suicídio? Ah, precisamos ter cuidado, prevejo que ainda acabaremos envolvendo seu patrão numa horrenda catástrofe” —, por que divulga esses documentos? Será possível ter certeza de que eles são apresentados sem nenhuma alteração? Parece haver um conflito de interesses entre conteúdo e forma. A narrativa tenta fazer uma revelação total, aqueles que a publicam são favoráveis ao encobrimento. No âmago do texto há silêncios, evasões, supressões. A história de Stevenson é eficaz como ficção de horror porque suscita mais perguntas do que oferece respostas. Em consequência, ela vive e cresce na imaginação dos que a leram e releram ao longo dos mais de cem anos transcorridos desde que o dr. Jekyll preparou pela primeira vez sua poção.

CIDADE IRREAL

O romance de Stevenson situou a cidade moderna, e especificamente Londres, no centro do mapa do horror gótico. Nisso exerceu imediata influência sobre escritores como Oscar Wilde, Arthur Conan Doyle e Arthur Machen, sendo talvez em grande parte responsável por criar a Londres do final da era vitoriana que figura em nossa imaginação cinematográfica: um labirinto enevoado e iluminado por lampiões a gás onde o sr. Hyde facilmente se metamorfoseia em Jack, o Estripador, e Sherlock Holmes faz sinal para um cabriolé a fim de perseguir os dois. Mais cedo, no século XIX, houve alguns exemplos de “gótico urbano” quando Charles Dickens e o romancista popular G. W. M. Reynolds retrataram cenas de crime e horror nos cortiços miseráveis de Londres em narrativas tão vastas e labirínticas quanto os bairros onde eles se erguiam.¹⁹ No entanto, as cem páginas de Stevenson, que se nutrem das imagens desses autores, transmitem de forma mais intensa e sucinta uma paisagem citadina transformada pelo que podemos chamar de foco psicológico da narrativa. Ele talvez tenha sido o primeiro “psicogeógrafo”, lançando as bases de uma topografia imaginativa que viria a ser explorada por escritores que vão de Arthur Machen a Iain Sinclair. Vejamos a apresentação que Stevenson faz de um local específico de Londres,

A essa altura já eram nove horas da manhã e o primeiro nevoeiro da estação baixou dos céus qual uma grande mortalha cor de chocolate. Como o vento continuamente atacava e punha em debandada aquelas massas belicosas de vapor, o sr. Utterson pôde apreciar um número incrível de graus e tons de penumbra enquanto o cabriolé avançava lentamente pelas ruas [...]. O lúgubre Soho — deixando entrever em cenas cambiantes seus caminhos lamacentos, transeuntes mal ajambrados e lampiões que nunca se apagavam ou tinham sido acendidos de novo para combater aquela funérea retomada da escuridão — parecia, aos olhos do advogado, o bairro de alguma cidade vista em pesadelos. Além disso, sua mente era dominada por pensamentos dos mais sombrios matizes [...]

Quando o cabriolé parou diante do endereço indicado, o nevoeiro se dissipou ligeiramente e revelou uma rua esquelética, uma taverna, um restaurante francês barato, lojas que vendiam artigos e saladas por alguns trocados, crianças maltrapilhas amontoadas nos umbrais e muitas mulheres de várias nacionalidades, com chaves na mão, indo tomar um trago matutino; no momento seguinte, o nevoeiro voltou a descer, marrom como terra, cortando-lhe a visão da vizinhança abjeta. Aquela era a casa do protegido de Henry Jekyll; de um homem que herdaria duzentos e cinquenta mil libras esterlinas.

Essa passagem merece ser comparada com o famoso início de *A casa desolada* (1853), o grande romance gótico urbano de Charles Dickens, em que o nevoeiro, a lama e o lodo envolvem Londres por inteiro. Mas, enquanto Dickens usa o nevoeiro para fustigar a mistificação dos procedimentos políticos e jurídicos (refletindo a desordem da Grã-Bretanha naquela época), o uso por Stevenson de um cenário similar tem caráter eminentemente psicológico. E, enquanto a descrição de Dickens consegue transmitir uma Londres reconhecível e identificável flutuando naquele mar de névoa, a paisagem urbana de Stevenson é notável por sua irrealidade. Trata-se verdadeiramente de um bairro encontrado em “pesadelos”, não mais real do que a cidade que figura no sonho anterior de Utterson de um labirinto iluminado por lampiões a gás e infestado por uma multiplicidade de Hydes com intenções homicidas. O uso de “mortalha” para descrever o nevoeiro tem o poder de sugerir tanto um palco teatral, com a cortina caindo, quanto (por suas associações fúnebres) a implicação metafísica de que “os céus” e suas influências estão sendo eliminados quando baixam ao inferno. A descida a esse abismo é, para Utterson, um confronto com o cerne das trevas que saberemos mais tarde residir dentro do próprio Jekyll. Para ele, a localização reforça a suposta dicotomia entre o “abjeto” Hyde e o próspero e respeitável Jekyll; na verdade, contudo, ela fornece um reflexo alegórico do verdadeiro relacionamento entre Jekyll e Hyde. Soho era um enclave de pobreza e criminalidade (na época associada principalmente ao East End) dentro da mais salubre região ocidental de Londres. Nesse sentido, provê um local apropriado para a moradia de Hyde, mas também uma expressão geográfica do Hyde que existe dentro de Jekyll.

A abordagem alegórica da geografia de Londres é típica de um texto que especifica muito poucas localizações identificáveis e é reforçado pela descrição da casa do próprio Jekyll.

Dobrando a esquina da rua lateral, havia uma praça circundada de casas antigas e elegantes, em sua maioria agora decadentes e divididas em apartamentos e quartos que

eram alugados para gente de todo tipo e situação social: desenhistas de mapas, arquitetos, advogados de reputação duvidosa e agentes de empresas obscuras. Uma casa, contudo, a segunda a contar da esquina, ainda tinha apenas um morador; e [...] exibía um ar de riqueza e conforto [...]

Em outras palavras, esse é o equivalente arquitetônico do caráter de Jekyll e de suas relações com a humanidade. As outras casas são fragmentadas, proclamando abertamente serem feitas de muitas partes e abrigarem muitas condições. A de Jekyll, entretanto, precisa “exibir” (com ênfase na aparência e no disfarce) um ar de grande integridade e respeitabilidade. Todavia, como sabemos, Jekyll tem uma porta nos fundos, semioculta e às escuras, sem conexão visível com sua imponente residência oficial. A porta especial de Hyde é, em termos de arquitetura, equivalente à condição de Jekyll: ele só pode preservar sua casa intacta na praça porque tem Hyde, o homem da porta dos fundos, para fazer seu trabalho sujo. Por isso a paisagem é transformada e, ao servir a propósitos alegóricos e psicológicos mais do que aos estritamente geográficos, cria um palco urbano gótico para o horror no final da era vitoriana.

O RETORNO DO SR. HYDE

O *médico e o monstro* representou um enorme sucesso para Stevenson. Vendeu quarenta mil exemplares em seis meses apenas na Grã-Bretanha, e aparentemente foi lido por todo mundo, inclusive pelo primeiro-ministro e pela própria rainha Vitória. O romance tocou num nervo do público do final da era vitoriana, bem cedo passando a fazer parte do imaginário coletivo. A revista *Punch* o parodiou, sacerdotes se valeram dele para fazer sermões e Oscar Wilde, em “The Decay of Lying” (1889), faz Vivian contar a história de um sujeito infeliz que por acaso se chama sr. Hyde e se vê reproduzindo todos os incidentes do primeiro capítulo do romance de Stevenson. Esse Hyde fica horrorizado com o que está acontecendo, foge da família da criança e por fim se refugia no consultório de um médico: “o nome na placa de bronze do consultório atraiu seu olhar. Era ‘Jekyll’. Pelo menos devia ter sido”.²⁰

A narrativa de Stevenson também exerceu grande influência sobre os autores de ficção fantástica ou sobrenatural. O romance de Wilde *O retrato de Dorian Gray* (1890-91) guarda várias semelhanças com ele. Igualmente situado numa Londres enevoada e obcecada com a questão das aparências e reputações, trata de um indivíduo que leva uma vida dupla de pureza externa e depravação secreta. Enquanto Jekyll usa o feio e deformado Hyde como seu duplo, Dorian Gray possui um retrato mágico em que vão sendo registradas todas as consequências de sua vida pecaminosa. Assim como Stevenson se recusa a especificar a natureza dos crimes horríveis de Jekyll e Hyde, da mesma forma Wilde mantém vagos os pecados de Dorian, permitindo que o cerquem “rumores pavorosos” nunca revelados. Wilde descreve um mundo similar de segredos, boatos e especulações:

Histórias curiosas passaram a correr sobre ele [...]. Dizia-se que estivera envolvido numa briga com marujos estrangeiros num antro sórdido nas imediações de White-chapel [...]. As ausências extraordinárias se tornaram notórias e, quando reaparecia nos altos círculos da sociedade, os homens cochichavam entre si nos cantos, passavam por ele com sorrisos de escárnio ou lhe lançavam olhares frios e inquisitivos, como se estivessem decididos a descobrir seu segredo.²¹

Como um personagem diz a Dorian, “todo cavalheiro tem interesse em manter um bom nome”, circunstância que exige os estratagemas sobrenaturais empregados pelos protagonistas tanto de Wilde quanto de Stevenson.

No entanto, o principal elemento que ambas as histórias têm em comum, e onde a influência de Stevenson sobre a ficção de horror pode ser sentida de modo mais intenso, é o foco no corpo e no cérebro do indivíduo como o local em que ocorre o horror. A metamorfose de Jekyll no grotesco e deformado Hyde (que porta a “marca” física de seus impulsos malignos) encontra seu equivalente na descrição do retrato de Dorian: “Graças a algum estranho processo de vida interna, a lepra do pecado comia lentamente o retrato. O apodrecimento de um cadáver na água não era tão horripilante”. Se a primeira geração de romancistas góticos situava o terror ficcional nas florestas e em castelos da Itália e da Espanha, a tradição que se desenvolveu depois de Stevenson exibia um interesse fisiológico distinto, demonstrando que o corpo e a mente dos indivíduos eram capazes de prover horrores próprios como local de indesejáveis heranças e retornos. O conde Drácula de Bram Stoker, com seus quinhentos anos de idade, é, como Hyde, em parte um “tipo de criminoso” atávico, notável por suas feições grotescas e também entrevistado a partir dos testemunhos dos advogados e médicos que o investigam. O dr. Moreau de H. G. Wells conduz experimentos em evolução acelerada, tentando extrair seres humanos de animais, assim como Jekyll liberou o animal que existia dentro de um homem [*A ilha do dr. Moreau* (1896)]. *O grande deus Pã* (1894) e *Os três impostores* (1895) de Arthur Machen envolvem estranhos experimentos e testemunhos fragmentários registrando horríveis transformações corporais, pecados inenarráveis e indivíduos indescritíveis.

Jekyll, pioneiro em “medicina transcendental”, profetizara: “Outros virão, outros me superarão nessas mesmas linhas”. Isso se mostrou verdadeiro, pois o dr. Raymond em *O grande deus Pã*, de Machen, também descrito como alguém que exerce a “medicina transcendental”, usa a cirurgia num determinado grupo de células nervosas do cérebro a fim de explorar “o abismo incognoscível que separa dois mundos, o da matéria e o do espírito”,²² originando mediante tais experimentos horrores primitivos que de longe excedem os de Stevenson em sua hipérbole grotesca. Depois de Stevenson, a ficção de horror explorou repetidas vezes esses mundos, inventando teorias pseudocientíficas, fantasiosas porém plausíveis, sobre os horrores que se ocultam no íntimo de indivíduos aparentemente comuns, em seus corpos, cérebros ou memórias. Esse campo comprovou ser extremamente fértil; de H. P. Lovecraft aos filmes *Psicose*, *A hora do pesadelo* e *O silêncio dos inocentes*, versões do sr. Hyde saltaram das páginas e das telas da indústria do horror.

NOTAS

- 1 Stevenson, carta para F. W. H. Myers, 1º de março de 1886, em *Collected Letters*, vol. 5, editado por Bradford A. Booth e Ernest Meheew (1995), p. 216. Byles representa um credor genérico, não sendo o nome de seu açougueiro.
- 2 Victor Sage, *Horror fiction in the protestant tradition* (1988), p. 8.
- 3 Baldick, “Introduction” to *The Oxford Book of Gothic Tales* (1993), p. xx.
- 4 Ela é “atávica” na medida em que sua personagem e condição parecem derivar de antepassados distantes (*atavus* significa ancestral), e portanto, como um vampiro, ela ou seus antepassados viveram e morreram muitas vezes. Há aqui um eco da famosa descrição da Mona Lisa de Da Vinci feita por Walter Pater, que serviu como modelo para os estilistas em prosa ao retratarem *femmes fatales* no final do século XIX: “Ela é

mais velha do que as rochas em meio às quais está sentada; como um vampiro, já morreu muitas vezes e aprendeu os segredos do túmulo, foi mergulhadora em mares profundos e lembra o dia em que afogou cada homem que quis segui-la; e, como Leda, foi a mãe de Helena de Troia e, como Santa Ana, a mãe de Maria; e tudo isso não foi para ela senão o som de liras e flautas, vivendo apenas na delicadeza com que moldou as feições cambiantes e lhe tingiu as pálpebras e as mãos” [Pater, em *Studies in the history of the Renaissance* (1873)]. Bram Stoker fez uma conexão explícita entre a vida prolongada do vampiro sobrenatural (um embelezamento vitoriano do original folclórico que só durava poucos dias em seu estado de morto-vivo) e a teoria do atavismo biológico ao sugerir que o conde Drácula poderia ser considerado análogo aos tipos de criminosos atávicos de Lombroso.

- 5 Rictor Norton, “A (longish) pre-victorian digression on blackmail”, enviado para o Victoria Web (<http://www.listserv.indiana.edu>) (março de 1998).
- 6 Trata-se de uma emenda à lei “que contém medidas adicionais para a proteção de mulheres e moças, a eliminação de bordéis e outros fins”. O objetivo principal da lei era proteger as moças da exploração de donos de bordel que traficavam com virgens ao elevar a idade de consentimento de treze para dezesseis anos. No entanto, a Seção II lidava com atos íntimos entre homens, uma proibição legal mais precisa e abrangente das atividades homossexuais do que vigorara até então. A lei vedava todo e qualquer “ato de flagrante indecência com outro homem”, seja em público, seja em privado, prevendo uma pena máxima de prisão de dois anos com trabalhos forçados — a pena de Wilde.
- 7 Para uma discussão mais pormenorizada da aura de homossexualidade que permeia a história de Stevenson, ver, de William Veeder, “Children of the night: Stevenson and Patriarchy”, em Hirsch e Veeder (1988), pp. 107-60.
- 8 Um comentário de Gerard Manley Hopkins mostra que a trama “codificada” ou sugestiva de Stevenson teve algum êxito, como ele observa para Robert Bridges: “A cena de pisoteio talvez seja uma convenção: ele se referia a outra coisa imprópria para a ficção” (reproduzido em *Robert Louis Stevenson: the critical heritage*, editado por Paul Maixner (1981), p. 229.
- 9 A abertura de um dos casos de Krafft-Ebing (de sadismo) é típica a esse respeito: “Caso 24. Sr. X., 25 anos; pai sífilítico, morto de demência parésica; mãe histérica e neurastênica. Ele é um indivíduo fraco, constitucionalmente neuropático e apresenta vários sinais anatômicos de degeneração” (*Psychopathia Sexualis* — 1886; 1892, 71). O caso de Hyde, se fosse relatado, poderia assemelhar-se a esse, demonstrando “o vínculo entre lascívia e crueldade”.
- 10 Maixner (1981), pp. 204, 223, 224.
- 11 Booth e Mehew (1995), pp. 212-13. No que tange à formação religiosa de Stevenson, ver a biografia de J. C. Furnas, *Voyage to windward: the life of Robert Louis Stevenson* (1952), pp. 28-33. Sobre a influência de tal formação em *O médico e o monstro* e a história do sermão, ver, de Christopher Frayling, *Nightmare: the birth of horror* (1996), pp. 125-9.
- 12 Henry Maudsley, “Remarks on crime and criminals”, *Journal of Mental Science* (1888), pp. 34, 162.
- 13 O fato de que Stevenson endossava os princípios evolucionistas e que eles contribuíram para sua descrição do relacionamento entre Jekyll e Hyde é sugerido por um ensaio que publicou em 1887 intitulado “The Manse”. Nele, Stevenson se pergunta se é “mais estranho que eu carregue dentro de mim algumas fibras de meu avô, que era um clérigo, ou que, no reverendo sisudo e feliz da vida, sentado em seu frio gabinete de trabalho, se agite o sangue aborígene que não era dele; memórias da copa das árvores, como negativos não revelados, permanecem em seu cérebro em estado latente; instintos da copa das árvores despertaram e foram suprimidos; e o *Provavelmente Arbóreo* [termo usado por Darwin para designar o ancestral símio da humanidade] (difícilmente distinguível em um macaco) deu cambalhotas e emitiu grunhidos na mente do velho clérigo” (*Memoirs and portraits*, em vol. IX, *Works*, editado por Andrew Lang (1912),

p. 67. Jekyll é outro “sisudo” cavalheiro que deixa solto seu macaco.

- 14 Em Gina Lombroso-Ferrero, *Criminal man according to the classification of Cesare Lombroso* (1911), p. xxv.
- 15 Ênfase similar é encontrada numa das mais originais leituras de *O médico e o monstro* em muitos anos, o capítulo de Stephen Arata sobre Stevenson em *Fictions of loss in the victorian “Fin de Siècle”* (1996). Sua excelente análise do texto sugere que Hyde aprende os códigos burgueses ao longo da narrativa, adquirindo a respeitabilidade de Jekyll à medida que se apodera de sua personalidade.
- 16 Um dos primeiros leitores de Stevenson também achou essas circunstâncias suspeitas ou enigmáticas. Frederick W. H. Myers, que lhe mandou uma longa lista de perguntas e maneiras pelas quais ele poderia aperfeiçoar seu romance (nenhuma das quais acatada pelo autor), apontou a “ambiguidade da casa onde estava a criada. Era em Westminster? Por que o baronete precisou perguntar como chegar à agência de correios estando tão perto do Parlamento ou de sua própria casa? Se a casa se encontrava num bairro de classe baixa, como o baronete foi parar lá?”, em Maixner (1981), p. 215.
- 17 Após o assassinato de Carew, ficamos sabendo que sim: “[...] circularam histórias sobre a crueldade do homem, empedernido e violento, de sua vida torpe, de seus estranhos camaradas, do ódio que parecia impregnar sua trajetória”.
- 18 Acerca das formas e motivações das narrativas sobre chantagem, ver os excelentes capítulos introdutórios de Alexander Welsh no livro *George Eliot and blackmail* (1985).
- 19 Os episódios de gótico urbano de Dickens podem ser encontrados principalmente em *Oliver Twist*, *A casa desolada* e partes de *A pequena Dorrit* e *Nosso amigo mútuo*. Os livros de G. W. M. Reynolds *Mysteries of London* e sua continuação, *Mysteries of the court of London* (1844-56), formaram uma série extremamente popular que retratava a cidade como algo tão misterioso e aterrador quanto qualquer floresta ou montanha dos primórdios do gênero gótico.
- 20 Oscar Wilde, “The decay of lying”, em *The soul of man under Socialism and other critical writings*, editado por Linda Dowling (Penguin, Harmondsworth, 2001), p. 82.
- 21 Oscar Wilde, *The picture of Dorian Gray*, editado por Robert Mighall (Penguin, Harmondsworth, 2000), p. 136.
- 22 Arthur Machen, *O grande deus Pã* (1895; 1993), p. 27.

* Gênero de ficção muito popular nos séculos XVIII e XIX, com elementos misteriosos e sobrenaturais, representado nos dias de hoje pelo *roman noir* e pela literatura fantástica. (N. T.)

O médico e o monstro

*O estranho caso
do dr. Jekyll e sr. Hyde*

Sumário

A história da porta
A busca pelo sr. Hyde
O dr. Jekyll estava muito tranquilo
O assassinato de Carew
O incidente da carta
O notável incidente do dr. Lanyon
O incidente à janela
A última noite
A narrativa do dr. Lanyon
O relato completo do caso por Henry Jekyll

Para

KATHARINE DE MATTOS¹

*É errado afrouxar os laços que Deus mandou atar;
No entanto, seremos os filhos da charneca e do vento.*

*Muito longe de casa, ah! é ainda por ti e por mim
Que as galantes giestas se agitam nas terras do norte.*

A história da porta

O sr. Utterson, o advogado, era um homem de feições duras, jamais iluminadas por um sorriso; de poucas palavras, frio, nada tinha de sentimental; magro, alto, insípido e sorumbático, mesmo assim conseguia ser agradável. Reunido com amigos, e quando diante de um vinho que lhe aprouvesse, alguma coisa eminentemente humana transparecia em seus olhos, algo que nunca se manifestava no falar, mas que se expressava não apenas naqueles sinais silenciosos no rosto após o jantar como, de modo mais claro e frequente, em suas ações na vida cotidiana. Mantinha hábitos austeros, bebendo gim quando se encontrava a sós, a fim de refrear o desejo pelo produto das mais finas castas de uvas; e, embora apreciasse o teatro, não atravessara a porta de uma casa de espetáculos nos últimos vinte anos. Entretanto, tinha uma sólida tolerância com outras pessoas, às vezes se surpreendendo — quase com inveja — diante da excitação espiritual que as levava a cometer malfeitos: em casos extremos, estava sempre mais inclinado a ajudar do que a censurar. “Sou partidário da heresia de Caim”,¹ costumava dizer com um toque de excentricidade, “deixo que meu irmão vá para o inferno da forma que melhor lhe aprouver.” Por pensar assim, muitas vezes era o último conhecido respeitável de homens a caminho da ruína, como também a última boa influência sobre eles. E com relação a tais homens, caso o procurassem em seu escritório, jamais mudava em nada seu comportamento.

Isso era fácil para o sr. Utterson, que sempre foi muito reservado e cujas amizades pareciam se basear nesse seu temperamento magnânimo. É característico de um homem modesto aceitar seu círculo de amigos tal como o acaso os apresenta, e assim agia o advogado. Tinha como amigos os parentes e aqueles que conhecia havia mais tempo: suas afeições, como a hera, eram produto do tempo, não refletindo a qualidade do objeto. Daí vinha, sem dúvida, o vínculo com o sr. Richard Enfield, um parente distante e conhecida figura da sociedade londrina. Muitos tinham dificuldade de explicar o que esses dois viam um no outro ou que assunto em comum conseguiam encontrar.² Segundo quem os via passeando aos domingos, não trocavam uma palavra, davam a impressão de estar entediados e cumprimentavam com patente alívio algum amigo que aparecesse. Apesar disso, ambos emprestavam grande importância àqueles passeios com os quais coroavam cada semana, descartando outras oportunidades de lazer e até mesmo resistindo a chamados profissionais a fim de garantir que nada os interromperia.

Numa dessas caminhadas, viram-se por acaso numa rua lateral de um movimentado bairro de Londres. A rua era pequena e bastante tranquila, conquanto nela houvesse grande atividade comercial nos dias úteis. Os lojistas claramente prosperavam e competiam entre si para ir mais além, exibindo seus lucros sob a forma de atraentes vitrines, tal qual fileiras de vendedoras risonhas. Mesmo aos domingos,

Quando ocultava seus maiores encantos e o número de transeuntes era comparativamente menor, a rua brilhava como um incêndio na floresta, destoando da vizinhança esquelética, e os olhos de quem passava eram imediatamente atraídos e se deliciavam com as venezianas recém-pintadas e os bronzes bem polidos, a limpeza geral e a formosura do ambiente.

A duas portas da esquina e à esquerda de quem segue para leste, a sequência de lojas era interrompida pela entrada de um pátio; e bem nesse ponto a sinistra ala de um prédio se projetava sobre a rua. Tinha dois andares, nenhuma janela e apenas uma porta no térreo; com a parede desbotada na parte superior, exibia todos os sinais de prolongada e sórdida negligência. A pintura da porta, sem campainha ou aldrava, estava descascada e manchada. Vagabundos se recostavam no nicho da entrada e riscavam fósforos nos painéis da porta; crianças vendiam quinquilharias nos degraus; um estudante testara seu canivete no batente, mas, durante quase uma geração, ninguém aparecera para afugentar aqueles visitantes indesejáveis ou consertar seus estragos.

O sr. Enfield e o advogado estavam do outro lado da rua lateral; porém, ao chegarem defronte à entrada, o primeiro ergueu a bengala e apontou.

“Já reparou alguma vez naquela porta?”, perguntou e, quando o companheiro respondeu afirmativamente, prosseguiu: “Está ligada em minha mente a uma história bem estranha”.

“É mesmo?”, disse o sr. Utterson, mudando ligeiramente o tom de voz. “O que aconteceu?”

“Bem, foi assim”, retrucou o sr. Enfield. “Eu voltava para casa vindo de algum fim de mundo por volta das três horas de uma escura madrugada de inverno, tendo que atravessar uma parte da cidade em que literalmente só se viam os lampiões. Rua após rua, e todo mundo dormindo — rua após rua, todas iluminadas como para uma procissão e todas tão vazias quanto uma igreja —, até que entrei naquele estado de espírito em que um homem aguça os ouvidos e começa a sentir falta de ver um policial. De repente, enxerguei duas figuras, um sujeito baixinho que seguia para leste com passos rápidos e pesados, e uma menina de talvez oito ou dez anos que vinha correndo em disparada por uma rua transversal. Bem, meu amigo, os dois se chocaram por acaso bem na esquina; e aí aconteceu a parte horrível, porque o homem pisoteou com toda a calma o corpo da criança e a deixou gritando no chão. Ouvir aquilo não foi nada quando comparado à coisa infernal que eu tinha visto. Não parecia um homem, e sim um diabólico Juggernaut.³ Soltei dois berros e corri ao encalço do sujeito, agarrando-o e trazendo-o de volta para onde já se reunia um grupo em torno da menina aos gritos. Ele se manteve absolutamente frio e não resistiu, mas dirigiu-me um olhar tão medonho que me fez suar como se eu tivesse me exercitado energicamente. As pessoas que haviam acorrido eram familiares da garota, e pouco depois apareceu o médico que tinham ido buscar para ela. Bem, de acordo com o médico ela não estava gravemente ferida, e sim mais assustada do que qualquer outra coisa. Você poderia imaginar que tudo estava acabado, porém houve uma circunstância curiosa. Eu havia me tomado de aversão ao indivíduo à primeira vista, o mesmo acontecendo com a família dela, como era natural. Porém foi a reação do médico que me impressionou. Ele era um profissional típico, sem nada que denunciasse sua idade ou temperamento, com um forte sotaque de Edimburgo e tão emotivo quando uma gaita de foles. Em suma, meu amigo, era como qualquer um de nós, mas cada vez que ele olhava para o meu prisioneiro eu o via empalidecer, tamanha sua vontade de matar o homenzinho. Eu sabia o que lhe passava pela cabeça, assim como ele sabia o que se passava pela minha; como matar estava fora de questão,

escolhemos a melhor alternativa. Dissemos ao homem que faríamos tal escândalo sobre aquilo que seu nome iria ser execrado de um extremo ao outro de Londres. Caso tivesse amigos ou alguma reputação, prometemos que os perderia. E, enquanto lhe dizíamos as últimas, mantínhamos as mulheres afastadas dele tanto quanto possível, pois pareciam verdadeiras harpias selvagens.⁴ Nunca vi um círculo de rostos tão transtornados pelo ódio; e no centro lá estava o homenzinho, denotando uma espécie de frieza sombria e sarcástica — assustado também, reparei —, mas se comportando, meu amigo, realmente como Satã. ‘Se quiserem explorar este incidente’, ele disse, ‘obviamente nada posso fazer. Mas todo cavalheiro prefere evitar uma cena’, continuou. ‘Digam qual é a quantia.’ Bom, arrancamos dele cem libras para a família da menina; ele quis recusar, mas, como nos viu prontos para tudo, por fim concordou. A próxima coisa era arranjar o dinheiro, e foi então, imagine só, que nos levou até aquela porta, puxou do bolso uma chave e entrou, voltando pouco depois com dez libras em moedas de ouro e um cheque contra o banco Coutts que cobria o restante. O cheque era pagável ao portador e assinado com um nome que não posso mencionar, embora seja parte importante da minha história, mas era ao menos um nome bem conhecido e frequentemente citado na imprensa. A soma era elevada, porém a assinatura valia mais do que isso se fosse genuína. Tomei a liberdade de chamar a atenção do sujeito para o fato de que a coisa toda parecia apócrifa e de que, na vida real, ninguém entra numa porta de porão às quatro da manhã e sai de lá com o cheque em nome de outro homem num valor de quase cem libras. Mas ele não se alterou e deu um risinho de mofa. ‘Fique tranquilo’, disse, ‘permaneço em sua companhia até que os bancos abram, e então eu próprio saco o dinheiro.’ Em vista disso, fomos todos embora, e o médico, o pai da menina, nosso amigo e eu passamos o resto da noite em minha casa; no dia seguinte, depois de tomarmos o café da manhã, fomos juntos ao banco. Eu mesmo entreguei o cheque, dizendo que tinha todas as razões para crer que se tratava de uma falsificação. Nada disso. O cheque era bom.”

“Ora, ora”, disse o sr. Utterson.

“Vejo que você sente o mesmo que eu”, disse o sr. Enfield. “Sim, é uma história ruim. Era uma pessoa com quem ninguém devia ser obrigado a lidar, um homem realmente demoníaco; e quem assinou o cheque é o supracitado da dignidade, muito célebre e — o que torna tudo pior — um desses sujeitos que dizem fazer o bem.⁶ Suponho que seja chantagem, um homem honesto pagando uma fortuna por conta de algum mau passo na mocidade. Consequentemente, agora chamo o lugar daquela porta de Casa da Chantagem. Embora mesmo isso, sabe, esteja longe de explicar tudo”, ele acrescentou, pondo-se a meditar.

Foi trazido de volta à realidade pela repentina pergunta do sr. Utterson: “E você não sabe se o portador do cheque mora lá?”.

“Um lugar bem provável, não é?”, retrucou o sr. Enfield. “Mas por acaso reparei no endereço; ele mora numa praça qualquer.”

“E você nunca perguntou sobre... o lugar com a porta?”, perguntou o sr. Utterson.

“Não, senhor; fui delicado. Tenho grandes reservas em matéria de fazer perguntas. Lembra muito o estilo do dia do julgamento final. Você faz uma pergunta, e é como se estivesse movendo uma pedra. Você continua sentado calmamente no alto do morro, e lá se vai a pedra, movendo outras. Daqui a pouco, um sujeito bem esperto — a última pessoa em quem você pensaria — é atingido na cabeça em pleno jardim dos fundos de sua casa, e a família se vê obrigada a trocar de nome. Não, senhor, tenho uma regra: quanto mais esquisito parece, menos eu pergunto.”

“Uma regra muito boa”, disse o advogado.

“Mas analisei o local”, continuou o sr. Enfield. “Nem parece uma casa. Não há

outra porta, e por aquela ninguém entra ou sai exceto, de tempos em tempos, o cavalheiro que participou da minha aventura. No primeiro andar há três janelas que dão para o pátio, nenhuma no térreo; as janelas estão sempre fechadas, mas são limpas. Como há uma chaminé da qual geralmente sai fumaça, alguém deve morar lá. No entanto, não dá para ter certeza, as casas se amontoam de tal maneira que é difícil saber onde acaba uma e começa a outra.”

Os dois caminharam em silêncio por algum tempo até que o sr. Utterson disse: “Enfield, essa sua regra é mesmo muito boa”.

“Eu sei, acho que é”, confirmou Enfield.

“Mas, apesar disso”, continuou o advogado, “há uma coisa que quero lhe perguntar: qual o nome do sujeito que pisoteou a menina?”

“Bem”, disse o sr. Enfield, “não vejo que mal isso faria. Ele se chama Hyde.”

“Hum”, disse o sr. Utterson. “E qual a aparência dele?”

“Não é fácil de descrever. Há algo de errado com suas feições; alguma coisa desagradável, na verdade detestável. Nunca vi um homem com quem eu tivesse antipatizado tanto, e apesar disso nem sei por quê. Ele deve ter algum defeito, dá uma forte impressão de possuir alguma deformidade, conquanto eu não saiba onde. Tem um aspecto incomum, mas nem por isso consigo dizer o que está fora do lugar. Não, senhor, não há maneira, sou incapaz de descrevê-lo. E não porque me falha a memória, pois juro que posso visualizá-lo neste justo instante.”

O sr. Utterson deu mais alguns passos em silêncio, sem dúvida sob o peso de graves reflexões. “Tem certeza de que ele usou uma chave?”, indagou por fim.

“Caro amigo...”, começou Enfield, muito surpreso.

“Sim, eu sei”, disse Utterson, “sei que deve parecer estranho. Na verdade, se não lhe pergunto o nome da outra pessoa é porque já o conheço. Veja, Richard, sua história tem endereço certo. Se você foi inexato em algum ponto, é melhor corrigir-se agora.”

“Acho que você deveria ter me alertado”, retrucou o outro com um toque de irritação. “Mas fui pedantemente correto, como você costuma dizer. O sujeito tinha uma chave; e o que é mais: ainda tem. Eu o vi usá-la não faz uma semana.”

O sr. Utterson suspirou fundo, porém não pronunciou uma só palavra. “Mais uma lição para se ficar calado”, disse. “Estou envergonhado de ter sido tão boquirroto. Vamos fazer um trato de nunca mais nos referirmos a isso.”

“De todo o meu coração”, disse o advogado. “Richard, apertemos as mãos para selar este entendimento.”

A busca pelo sr. Hyde

Naquela noite, voltando à sua casa de solteiro com o coração pesado, o sr. Utterson sentou-se para jantar sem o menor prazer. Nos domingos, terminada a refeição, era seu costume sentar-se junto à lareira com um árido volume de teologia na mesinha de leitura até que o relógio da igreja próxima soasse as doze badaladas, quando seguia sóbrio e contente para a cama. Nessa noite, contudo, tão logo a toalha foi retirada, ele pegou um castiçal e foi até o escritório. Lá abriu um cofre, apanhou bem no fundo um envelope que guardava o testamento do dr. Jekyll, sentando-se de cenho franzido para estudar seu conteúdo. O testamento era escrito à mão, uma vez que o sr. Utterson, conquanto agora responsável por ele, recusara-se a prestar a menor contribuição em sua feitura. Estabelecia que, no caso de morte de Henry Jekyll, médico, doutor em direito canônico e em direito civil, membro da Academia Real de Ciências,¹ todas as suas posses deveriam passar às mãos de seu “amigo e benfeitor Edward Hyde”; mas também que, no caso do “desaparecimento ou da ausência inexplicável do dr. Jekyll por prazo superior a três meses”, o referido Edward Hyde deveria de imediato assumir o lugar de Henry Jekyll, livre de qualquer ônus ou obrigação, excetuado o pagamento de pequenas quantias aos empregados domésticos do médico. O documento havia muito incomodava o advogado. Ofendia-o tanto como causídico quanto como alguém que adorava as facetas sadias e normais da vida, para quem os caprichos eram algo vergonhoso. E se até então sua ignorância sobre o sr. Hyde tinha lhe inflamado a indignação, agora, graças a uma inversão repentina, era justamente ter conhecimento dele que a aumentava. Se já era bem ruim quando apenas conhecia um nome e não tinha como saber mais, pior ficou agora, quando o nome passou a ganhar atributos detestáveis; e das brumas vagas e inconstantes que por longo tempo haviam encoberto o olhar do sr. Utterson, surgia de repente a figura definitiva de um espírito maligno.

“Pensei que fosse loucura”, ele disse, repondo o repugnante documento no cofre, “mas agora começo a temer que seja uma desgraça.”

Com isso, soprou a vela, vestiu um casacão e seguiu na direção de Cavendish Square,² aquela cidadela da medicina onde seu amigo, o grande dr. Lanyon, morava e recebia seus numerosos pacientes. “Se alguém sabe, esse alguém é Lanyon”, refletiu.

O solene mordomo o conhecia e lhe deu as boas-vindas. Não precisou esperar, sendo levado diretamente até a porta da sala de jantar, onde o dr. Lanyon estava sentado sozinho com seu copo de vinho. Tratava-se de um cavalheiro cordial, saudável, elegante e rubicundo, com uma cabeleira prematuramente branca e um jeito extrovertido e decidido. Vendo o sr. Utterson, pulou da cadeira e o recebeu de mãos estendidas. O entusiasmo, típico do homem, tinha algo de teatral, mas se fundamentava num sentimento genuíno, pois aqueles dois eram velhos amigos, colegas de escola e universidade, ambos respeitáveis e que se respeitavam mutuamente — e, o

que nem sempre ocorre, que sentiam um absoluto prazer na companhia um do outro.

Após breve conversa sobre generalidades, o advogado levantou o assunto que lhe ocupava a mente de modo tão desagradável.

“Suponho, Lanyon, que eu e você devemos ser os mais velhos amigos de Henry Jekyll, não?”

“Melhor se os amigos fossem mais moços”, pilheriou o dr. Lanyon. “Mas suponho que somos. E daí? Eu agora o vejo muito pouco.”

“Verdade?”, disse Utterson. “Pensei que vocês tivessem interesses comuns.”

“Tivemos”, foi a resposta. “Mas faz mais de dez anos que Henry Jekyll tornou-se muito extravagante para o meu gosto. Começou a enveredar por um caminho errado, errado na mente; e, embora eu naturalmente continue a me interessar por ele com base na nossa velha amizade, como se costuma dizer, tenho visto muito pouco aquele diabinho. Tanto palavrorio não científico”, acrescentou o médico, de repente corando profundamente, “seria bastante para criar um desentendimento entre Damão e Pítias.”³

Essa pequena demonstração de aborrecimento foi um alívio para o sr. Utterson. “Tiveram só um desacordo em alguma questão científica”, pensou; e, não sendo dado a paixões científicas (exceto em matéria de escrituras de transferência de propriedade), chegou mesmo a acrescentar: “Não é nada mais grave do que isso!”. Concedeu alguns segundos para que seu amigo recuperasse a compostura e então fez a pergunta que o levava até lá. “Você alguma vez encontrou o protegido dele — um certo Hyde?”

“Hyde?”, Lanyon repetiu. “Não, nunca ouvi falar nele. Não é do meu tempo.”

Essa foi toda a informação que o advogado levou de volta para a grande e escura cama em que se debateu até o sol raiar. Noite de pouco descanso para sua mente febril, sitiada por inúmeras perguntas.

Os sinos da igreja localizada tão convenientemente perto da casa do sr. Utterson deram as seis horas, e ele continuava às voltas com o problema que antes só o havia sensibilizado sob o aspecto intelectual, mas que agora também engajara, para não dizer escravizara, sua imaginação; e, enquanto se agitava na pesada escuridão da noite e do quarto protegido por cortinas, a história do sr. Enfield passou em sua mente numa sequência de imagens iluminadas. Tomou consciência da enorme sucessão de lampiões na cidade adormecida; depois, da figura de um homem andando ligeiro e de uma criança correndo ao voltar da casa de um médico; os dois se esbarram e então o espírito maligno pisoteia a menina, seguindo adiante sem se importar com seus gritos. Ou visualizava um quarto na casa luxuosa onde seu amigo dormia a sono solto, sonhando e sorrindo; então se abre a porta do quarto, o cortinado da cama é afastado, acordando a pessoa que dormia — e lá está a seu lado uma figura a quem ele concedera muito poder, e mesmo àquelas altas horas o médico precisava se levantar e fazer o que lhe era exigido. A figura nessas duas cenas assombrou o advogado durante toda a noite; e, se cochilou uma ou outra vez, foi para vê-la esgueirar-se ainda mais furtiva em meio às casas silenciosas ou se mover mais e mais rápido, vertiginosamente, através dos múltiplos labirintos⁴ da cidade iluminada por lampiões, pisoteando uma criança em cada esquina e a deixando aos gritos. E, mesmo então, a figura não tinha um rosto pelo qual pudesse identificá-la; mesmo em sonhos, não possuía uma face, ou ela o confundia e se derretia diante de seus olhos; e foi assim que brotou e eclodiu na mente do advogado a curiosidade peculiarmente intensa, quase excessiva, de contemplar as feições do verdadeiro sr. Hyde. Imaginou que, caso pudesse por uma vez pousar os olhos nele, o mistério se tornaria menos denso e quiçá se extinguiria de todo,⁵ como costuma ocorrer com as coisas obscuras quando bem examinadas. Ele poderia encontrar uma razão para a estranha preferência ou servidão (como quer que

chamemos) de seu amigo, até mesmo para as surpreendentes cláusulas do testamento. E, pelo menos, seria um rosto digno de ver: o rosto de um homem sem um pinga de piedade, um rosto que bastou aparecer para gerar, na mente impressionável de Enfield, um sentimento de ódio imorredouro.

Desde então, o sr. Utterson começou a rondar aquela porta na rua comercial. Pela manhã, antes que as lojas se abrissem; ao meio-dia, quando o movimento era grande e o tempo escasso; à noite, sob o luar enevoado da cidade ou à luz dos lampiões, em total solidão ou cercado de gente, a qualquer hora o advogado podia ser encontrado em seu posto de observação.

“Se ele é o sr. Esconde”,* pensou, “vou ser o sr. Procura.”

Por fim, sua paciência foi recompensada. Era uma noite sem chuva e de temperatura agradável; as ruas, tão limpas quanto um salão de baile; os lampiões, que nenhum vento agitava, criando padrões nítidos de luz e sombra. Por volta das dez horas, quando as lojas tinham cerrado as portas, a rua lateral ficava muito deserta e, malgrado o rugir surdo de Londres que a cercava, bastante silenciosa. Pequenos ruídos eram ouvidos à distância; os sons vindos das casas eram claramente audíveis do outro lado da rua, a aproximação de alguém era notada com grande antecedência. O sr. Utterson estava em seu posto havia alguns minutos, quando se deu conta de passadas leves e estranhas que se aproximavam. No curso de suas patrulhas noturnas, havia muito se acostumara com o curioso efeito pelo qual os passos de uma só pessoa, ainda bem distante, de repente se destacam nitidamente do vasto fragor da cidade. Todavia, sua atenção nunca fora atraída de modo tão penetrante e decisivo; e foi com uma forte e supersticiosa previsão de sucesso que se ocultou na entrada do pátio.

Os passos chegaram mais perto rapidamente, de súbito crescendo em volume quando dobraram a esquina. O advogado, espreitando da entrada, logo viu com que tipo de homem teria de lidar. Ele era baixo, estava vestido de forma simples, e sua aparência, mesmo ao longe, lhe causou imediata repulsa. Mas o indivíduo caminhou diretamente para a porta, atravessando a rua a fim de ganhar tempo e, no caminho, tirou a chave do bolso como quem chega em casa.

O sr. Utterson deu um passo à frente e tocou no ombro dele ao passar: “Sr. Hyde, estou certo?”.

O sr. Hyde recuou, tomando um sorvo de ar ruidoso. Mas seu medo durou um só momento; e, conquanto não tivesse encarado o advogado, respondeu com bastante frieza: “Sim, esse é o meu nome. O que deseja?”.

“Vejo que vai entrar”, retrucou o advogado. “Sou um velho amigo do dr. Jekyll — sr. Utterson, da Gaunt Street —, o senhor deve ter ouvido meu nome, e, já que nos encontramos de maneira assim tão conveniente, pensei que poderia me convidar para entrar.”

“O senhor não vai encontrar o dr. Jekyll, ele não está em casa”, respondeu o sr. Hyde, soprando a chave. E, de repente, sem erguer o rosto: “Como sabe quem eu sou?”.

“De seu lado”, respondeu o sr. Utterson, “pode me fazer um favor?”

“Com prazer”, respondeu o outro. “De que se trata?”

“Posso ver seu rosto?”

O sr. Hyde deu a impressão de hesitar e então, como se em resposta a alguma repentina reflexão, o encarou com ar desafiador. Os dois se olharam fixamente por alguns segundos. “Agora posso reconhecê-lo”, disse o sr. Utterson. “Isso pode vir a ser útil.”

“Sim”, retrucou o sr. Hyde. “Foi bom que tenhamos nos encontrado; e, a propósito, o senhor deveria ter meu endereço.” E deu o número de uma rua no Soho.

“Meu Deus!”, pensou o sr. Utterson, “será que ele também estava pensando no testamento?” No entanto, guardou seus sentimentos e apenas soltou um grunhido ao ser informado do endereço.

“E agora”, disse o outro, “como o senhor me conhece?”

“Pela descrição”, foi a resposta.

“Descrição de quem?”

“Temos amigos em comum”, disse o sr. Utterson.

“Amigos em comum”, ecoou o sr. Hyde, a voz um pouco roufenha. “Quem são eles?”

“Jekyll, por exemplo”, disse o advogado.

“Ele nunca lhe disse isso”, exclamou o sr. Hyde com um acesso de raiva. “Não imaginei que o senhor mentiria.”

“Cuidado”, disse o sr. Utterson, “essa linguagem não é apropriada.”

Hyde soltou uma gargalhada, mais parecida com o rosnado de um cão feroz, e no momento seguinte, com extraordinária agilidade, destrancou a porta e desapareceu no interior da casa.

O advogado permaneceu imóvel depois que o sr. Hyde o deixou, demonstrando grande preocupação; começou então a subir a rua devagar, parando a cada um ou dois passos, levando a mão à testa como alguém mentalmente perplexo. O problema que examinava ao caminhar era de um tipo poucas vezes solucionado. O sr. Hyde era pálido e quase um anão, dava a impressão de ser aleijado, sem nenhuma deformidade identificável,⁷ possuía um sorriso desagradável, comportara-se diante do advogado com um misto execrando de timidez e ousadia, e falava com uma voz rouca, sussurrante e pouco fluida; todos esses pontos depunham contra ele, mas nem todos juntos podiam explicar a repugnância, o ódio e o medo que inspirava no sr. Utterson e que ele nunca sentira antes. “Deve haver alguma coisa a mais”, disse o perplexo cavalheiro. “Há alguma coisa a mais, se eu soubesse que nome lhe dar. Deus me proteja, o homem mal parece um ser humano! Tem algo de troglodita,⁸ seria o caso de dizer? Ou se trata da velha história do dr. Fell?⁹ Ou será apenas a projeção de uma alma maligna que transpira através dos poros de seu invólucro de barro e assim o transfigura? Esta última, creio eu, porque, ah, meu pobre Henry Jekyll, se alguma vez li a assinatura de Satã num rosto, foi no de seu novo amigo.”

Dobrando a esquina da rua lateral, havia uma praça circundada de casas antigas e elegantes, em sua maioria agora decadentes e divididas em apartamentos e quartos alugados para gente de todo tipo e situação social: desenhistas de mapas, arquitetos, advogados de reputação duvidosa e agentes de empresas obscuras. Uma casa, contudo, a segunda a contar da esquina, ainda tinha apenas um morador; e, diante dela, que exibia um ar de riqueza e conforto embora estivesse agora mergulhada na escuridão exceto pela bandeira circular da porta, o sr. Utterson parou e bateu. Um criado idoso e bem vestido abriu a porta.

“O dr. Jekyll está em casa, Poole?”, perguntou o advogado.

“Vou ver, sr. Utterson”, disse Poole, ao mesmo tempo que fazia entrar o visitante num amplo e confortável vestíbulo, de teto baixo e chão de lajes, aquecido (como numa casa de campo) por uma lareira aberta e fulgurante, e com móveis caros de carvalho. “O senhor se incomoda de esperar aqui junto ao fogo, meu senhor? Ou devo acender os candelabros na sala de jantar?”

“Fico aqui, obrigado”, disse o advogado, aproximando-se do alto guarda-fogo e nele se encostando. O vestíbulo, no qual agora se encontrava a sós, era o lugar predileto de seu amigo, e o próprio Utterson proclamava se tratar do aposento mais agradável de Londres. Mas, naquela noite, ele sentia um frio na espinha, o rosto de

Hyde lhe pesava na lembrança; teve (coisa rara em seu caso) uma sensação de náusea e desgosto da vida; no sombrio estado de espírito em que estava, parecia enxergar uma ameaça no reflexo tremeluzente do fogo nos móveis bem polidos e nos meneios incertos de sua sombra no teto. Envergonhou-se de seu alívio quando Poole voltou pouco depois para anunciar que o dr. Jekyll havia saído.

“Vi o sr. Hyde entrar pela antiga sala de dissecação, Poole”, disse ele. “Isso está certo, mesmo quando o dr. Jekyll está fora?”

“Perfeitamente, meu senhor”, retrucou o criado. “O sr. Hyde tem uma chave.”

“Seu patrão parece depositar muita confiança naquele jovem, Poole”, retomou o advogado em tom pensativo.

“É verdade, meu senhor, realmente deposita”, disse Poole. “Nós todos temos ordens de obedecê-lo.”

“Não creio que já tenha encontrado o sr. Hyde”, disse Utterson.

“Ah, não, meu senhor. Ele nunca *janta* aqui”, respondeu o mordomo. “De fato, é visto muito pouco neste lado da casa. Em geral entra e sai pelo laboratório.”

“Bem, boa noite, Poole.”

“Boa noite, sr. Utterson.”

O advogado partiu rumo à sua casa muito entristecido. “Pobre Harry Jekyll”, pensou, “se não me engano ele está metido numa grande enrascada! Era impetuoso quando jovem; faz muito tempo, sem dúvida, mas na lei de Deus não há regras de caducidade. Ai, deve ser isso, o fantasma de algum velho pecado, o câncer de alguma desgraça oculta: a punição chegando, *pede claud*,¹⁰ anos depois que a memória esqueceu o erro e o amor de si próprio o perdoou.” E o advogado, amedrontado por tal pensamento, refletiu por alguns minutos sobre seu próprio passado, Tateando em todos os cantos da memória a ver se por acaso alguma velha iniquidade se escondia por lá. Seu passado era bastante inocente, poucos homens teriam condição de ler os pergaminhos de sua vida com menor apreensão; no entanto, ele se sentiu profundamente humilhado pelas muitas coisas ruins que havia feito, mas logo depois foi elevado aos píncaros de uma sóbria e timorata gratidão pelas muitas outras que chegara quase a fazer porém evitara. Então, com o retorno de seu assunto anterior, entreviu uma centelha de esperança. “Esse tal de Hyde, se for estudado”, pensou, “deve ter seus próprios segredos, segredos pavorosos a julgar por sua aparência; segredos comparados aos quais os piores do pobre Jekyll brilhariam como um raio de sol. As coisas não podem continuar como estão. Fico gelado só de pensar nessa criatura chegando furtivamente como um ladrão junto à cama de Harry; pobre Harry, que maneira de acordar! E o perigo que isso representa, porque, se esse Hyde suspeitar da existência do testamento, pode ficar impaciente para receber a herança. Ai, ai, vou ter de pôr a mão na massa — se Jekyll ao menos me permitir”, acrescentou, “se Jekyll simplesmente me permitir.” Por uma vez mais, ele visualizou com toda a nitidez as estranhas cláusulas do testamento.

* Referência à brincadeira infantil de esconde-esconde (*hide-and-seek* em inglês), com o trocadilho envolvendo o nome do monstro (Hyde) e a palavra homófona *hide*, que significa “esconder” em inglês. [N. T.].

O dr. Jekyll estava muito tranquilo

Quinze dias depois, num golpe de sorte, o médico ofereceu um de seus agradáveis jantares a cinco ou seis velhos camaradas, todos eles inteligentes, honrados e apreciadores de um bom vinho. O sr. Utterson deu um jeito de ir ficando para trás quando os demais partiram, o que não constituía novidade, pois coisa igual já ocorrera muitas vezes no passado. Quem gostava de Utterson, gostava muito. Os anfitriões tinham prazer em reter o introvertido advogado quando os convidados alegres e bem-falantes já estavam com um pé do lado de fora da porta; apaziam-se em permanecer sentados por algum tempo em sua serena companhia, como se treinando para os momentos de solidão e limpando a mente graças ao rico silêncio do amigo após as exigências e tensões próprias da alegria. O dr. Jekyll não era exceção à regra e, sentado do outro lado da lareira — um homem de cinquenta anos com um rosto largo, liso e bem-proporcionado, talvez com um quê de dissimulação, mas com todos os sinais de competência e bondade —, demonstrava devotar ao sr. Utterson uma afeição cálida e sincera.

“Tenho desejado falar com você, Jekyll”, começou o advogado. “Sabe aquele seu testamento?”

Um observador arguto poderia haver entendido que o assunto era desagradável, mas o médico o aceitou gtosamente. “Meu pobre Utterson”, disse ele, “você é muito infeliz por ter um cliente como eu. Nunca vi ninguém tão perturbado quanto você por causa do meu testamento; pior, só mesmo aquele pedante empedernido, Lanyon, por conta do que ele diz serem minhas heresias científicas. Ah, eu sei que ele é um bom sujeito — não precisa franzir a testa —, um sujeito excelente, e sempre penso em vê-lo com mais frequência. Nem por isso deixa de ser um pedante empedernido, um ignorante e fanfarrão. Nunca ninguém me desapontou tanto quanto ele.”

“Você sabe que nunca o aprovei”, prosseguiu Utterson, rechaçando sem dó o novo tópico.

“Meu testamento? Sim, claro, sei disso”, admitiu o médico com certa animosidade. “Você já me disse.”

“Muito bem, pois vou lhe dizer de novo”, continuou o advogado. “Venho me informando sobre o jovem Hyde.”

O rosto largo e bonito do dr. Jekyll empalideceu até os lábios, uma sombra lhe toldando os olhos. “Não desejo ouvir mais nada”, disse. “A meu juízo, já tínhamos concordado em deixar esse assunto de lado.”

“O que ouvi é abominável”, disse Utterson.

“Não faz nenhuma diferença. Você não compreende minha posição”, retrucou o médico de forma algo hesitante. “Estou numa situação dolorosa, Utterson; minha posição é muito estranha, realmente muito estranha. É um desses assuntos que não podem ser resolvidos com uma conversa.”

“Jekyll”, disse Utterson, “você me conhece: sou um homem digno de confiança. Ponha tudo em pratos limpos entre nós dois e garanto que o faço sair dessa situação.”

“Meu caro Utterson”, disse o médico, “é muita bondade sua, de fato muita bondade, e não encontro palavras para agradecer-lhe. Acredito plenamente em você; não há pessoa no mundo em quem confio mais, mais até do que em mim mesmo caso pudesse escolher. Mas, realmente, não é o que você imagina, não é tão mau assim. E, apenas para tranquilizar seu bom coração, vou lhe dizer uma coisa: na hora em que quiser posso me livrar do sr. Hyde. Palavra de honra que posso. Agradeço-lhe mais uma vez e acrescentarei uma única palavra, Utterson, que tenho certeza será bem entendida por você: trata-se de um assunto privado e lhe peço não voltar a suscitá-lo.”

Utterson refletiu por algum tempo, contemplando o fogo.

“Não me resta dúvida de que você tem toda a razão”, disse por fim, pondo-se de pé.

“Bom, mas já que você mencionou essa questão, e espero que pela última vez”, continuou o médico, “há um ponto que desejo que entenda. Tenho de fato um grande interesse pelo pobre Hyde. Sei que você o viu, pois me contou, e temo que ele tenha sido rude. Mas sinceramente tenho um grande interesse, um enorme interesse naquele jovem; e, se eu morrer, Utterson, quero que me prometa que será paciente com ele e defenderá seus direitos. Acho que você faria isso se soubesse de tudo; e tiraria um peso de minha consciência se promettesse.”

“Não posso fingir que um dia gostarei dele”, disse o advogado.

“Não lhe peço isso”, retrucou Jekyll, pousando a mão no braço do amigo. “Só lhe peço justiça, que o ajude por mim quando eu não estiver mais aqui.”

Utterson não conseguiu suprimir um suspiro. “Muito bem”, disse ele, “prometo.”

O assassinato de Carew

Quase um ano depois, no mês de outubro de 18..., Londres foi surpreendida por um crime de singular ferocidade, ainda mais notável pela elevada posição da vítima. Os detalhes eram poucos e impressionantes. Uma criada que morava sozinha numa casa perto do rio,¹ havia subido para seu quarto por volta das onze da noite. Embora o nevoeiro tivesse encoberto a cidade na madrugada, a primeira parte da noite foi clara e a alameda que se via da janela da criada estava brilhantemente iluminada pela lua cheia. Parece que ela tinha inclinações românticas,² pois se sentou no baú, situado debaixo da janela e se entregou aos devaneios. Nunca (costumava dizer, com lágrimas descendo pelo rosto, ao narrar a experiência) se sentira tão em paz com a humanidade ou pensara no mundo com tamanha afeição. Ao se sentar, reparou num cavalheiro idoso e bonito, de cabelo branco, se aproximando pelo caminho e, avançando na direção dele, outro senhor bem baixinho, em quem de início ela prestou menos atenção. Quando chegaram a uma distância em que podiam se falar (bem debaixo da janela da criada), o homem mais velho fez uma reverência e abordou o outro com modos muito corteses. Não parecia que suas palavras tivessem grande importância; na verdade, pelo jeito como gesticulava, às vezes dava a impressão de que apenas pedia informações sobre o caminho que pretendia seguir; porém o luar iluminou seu rosto quando ele falou, e a jovem ficou satisfeita ao vê-lo, pois parecia irradiar uma bondade inocente e refinada, mas também autoridade, como alguém muito seguro de si. Depois seus olhos se fixaram no outro, e ela se surpreendeu ao reconhecer um certo sr. Hyde, que havia visitado seu patrão no passado e com quem ela havia antipatizado de imediato. Portava uma grossa bengala, com a qual brincava, sem, no entanto, responder ao outro, parecendo ouvi-lo com mal disfarçada impaciência. Até que de repente ele explodiu num violento acesso de ira, batendo os pés, brandindo a bengala e se comportando (segundo a descrição da criada) como um louco. O cavalheiro idoso recuou um passo, com ar muito surpreso e algo ofendido, ao que o sr. Hyde perdeu de todo o controle e bateu nele com a bengala até jogá-lo ao chão. No momento seguinte, com a fúria de um macaco,³ pisoteou a vítima e lançou sobre ela uma chuva de golpes, a ponto de se ouvirem ossos sendo quebrados até que o corpo foi atirado no meio da alameda. Horrorizada por essas imagens e esses sons, a criada desmaiou.

Eram duas da manhã quando ela voltou a si e chamou a polícia. O assassino se fora havia muito, porém lá estava sua vítima no meio da aleia, incrivelmente mutilado. A bengala com que o crime tinha sido cometido, embora feita de uma rara madeira muito dura e pesada, se quebrara ao meio devido à intensidade daquela crueldade insana; uma metade rolara para a sarjeta mais próxima, a outra sem dúvida havia sido levada pelo assassino. Foram encontrados com a vítima uma bolsa e um relógio de ouro, mas nenhum cartão de visita ou documento de identidade, exceto

uma carta, fechada com sinete e selada, que ele provavelmente levava para o correio, trazendo o nome e o endereço do sr. Utterson.

O envelope foi entregue ao advogado na manhã seguinte antes mesmo que saísse da cama; mal o vira e tomara conhecimento das circunstâncias, ele fez uma declaração solene: “Nada direi até ver o corpo, isso pode ser muito grave. Tenha a bondade de aguardar enquanto me visto”. E, com a mesma fisionomia severa, tomou às pressas o café da manhã e seguiu rumo à delegacia de polícia, para onde o corpo fora levado. Tão logo entrou na cela, sacudiu a cabeça.

“Sim”, disse, eu o reconheço. Sinto muito dizer que se trata de sir Danvers Carew.”

“Meu Deus!”, exclamou o policial. “Será possível?” E, no instante seguinte, a ambição profissional iluminou seus olhos. “Isso vai dar muito o que falar”, comentou, “e talvez o senhor possa nos ajudar a descobrir o culpado.” Narrou rapidamente o que a criada tinha visto, mostrando a bengala quebrada.

O sr. Utterson já havia tremido ao ouvir o nome de Hyde, mas, quando a bengala foi posta à sua frente, não teve mais a menor dúvida; apesar de partida em dois e avariada, reconheceu-a como sendo a que dera a Henry Jekyll muitos anos atrás.

“Esse sr. Hyde é uma pessoa de baixa estatura?”, indagou.

“Excepcionalmente baixo e excepcionalmente feio, foi o que disse a criada”, respondeu o policial.

O sr. Utterson refletiu e então, erguendo a cabeça: “Se o senhor me acompanhar, acho que posso levá-lo à casa dele”.

A essa altura já eram nove da manhã, e o primeiro nevoeiro da estação baixou dos céus qual uma grande mortalha cor de chocolate. Como o vento continuamente atacava e punha em debandada aquelas massas belicosas de vapor, o sr. Utterson pôde apreciar um número incrível de graus e tons de penumbra enquanto o cabriolé avançava lentamente pelas ruas; isso porque se, num lugar, estava escuro como nas profundezas da noite, mais acolá havia um brilho soturno e intenso de marrom, como a luz de estranha conflagração; mais adiante, por um momento o nevoeiro se dispersava de todo e um débil raio de sol despontava através das nuvens em rodopio. O lúgubre Soho — deixando entrever em cenas cambiantes seus caminhos lamacentos, transeuntes mal-ajambrados e lampiões que nunca se apagavam ou tinham sido acendidos de novo para combater aquela funérea retomada da escuridão — parecia, aos olhos do advogado, o bairro de alguma cidade vista em pesadelos. Além disso, sua mente era dominada por pensamentos dos mais sombrios matizes; e, ao olhar para seu companheiro, teve consciência daquele toque de pavor que a lei e seus guardiões por vezes inspiram nas pessoas mais honestas.

Quando o cabriolé parou diante do endereço indicado, o nevoeiro se dissipou ligeiramente e revelou uma rua esqualida, uma taverna, um restaurante francês barato, lojas que vendiam artigos e saladas por alguns trocados, crianças maltrapilhas amontoadas nos umbrais e muitas mulheres de várias nacionalidades, com chaves na mão, indo tomar um trago matutino; no momento seguinte, o nevoeiro voltou a descer, marrom como terra, cortando-lhe a visão da vizinhança abjeta. Aquela era a casa do protegido de Henry Jekyll; de um homem que herdaria duzentos e cinquenta mil libras esterlinas.

A porta foi aberta por uma velha com rosto cor de marfim e cabelo prateado. As feições malignas eram abrandadas pela hipocrisia, porém suas maneiras se revelaram impecáveis. Sim, ela disse, ali morava o sr. Hyde, mas ele não estava em casa; chegara bem tarde da noite, partindo menos de uma hora depois; nada havia de estranho nisso, seus hábitos eram muito irregulares e com frequência estava ausente; por exemplo, até a véspera ela não o tinha visto nos dois últimos meses.

“Muito bem, então queremos ver os aposentos dele”, disse o advogado; e, quando a mulher se pôs a declarar que era impossível, ele continuou: “É melhor que saiba quem é este senhor aqui. É o inspetor Newcomen, da Scotland Yard.”

Uma centelha de alegria odiosa iluminou o rosto da mulher. “Ah!, ele se meteu em confusão! O que é que ele fez?”

O sr. Utterson e o inspetor trocaram olhares. “Ele não parece ser uma pessoa muito popular”, observou o policial. “E agora, minha senhora, deixe eu e esse cavalheiro darmos uma olhada por aí.”

Na casa, ocupada apenas pela velha mulher, o sr. Hyde se utilizava de uns poucos cômodos, mas eles eram mobiliados com luxo e bom gosto. Um armário estava cheio de garrafas de vinho; a bandeja era de prata, a roupa de mesa, muito fina; na parede fora pendurado um bom quadro, presente (supôs Utterson) de Henry Jekyll, que era um grande *connaisseur*; e os tapetes tinham as melhores origens e cores agradáveis. Naquele momento, contudo, os aposentos davam a impressão de ter sido revirados de cima a baixo recentemente e às pressas, com roupas pelo chão em que os bolsos haviam sido virados pelo avesso; gavetas com fechadura se encontravam abertas; na lareira havia um montinho de cinzas, como se muitos papéis tivessem sido queimados. Daquele borralho o inspetor desenterrou a extremidade mais grossa de um talão de cheques verde, a qual resistira à ação do fogo; a outra metade da bengala foi encontrada atrás da porta; e, como isso confirmava definitivamente suas suspeitas, o policial se declarou encantado. Uma visita ao banco, onde verificou que o crédito do assassino montava a vários milhares de libras, completou sua satisfação.

“Pode ter certeza, meu senhor”, disse ao advogado, “ele já está em minhas mãos. Deve ter perdido a cabeça, ou jamais deixaria para trás a bengala e, acima de tudo, queimaria o talão de cheques. Ora, ora, o dinheiro é essencial na vida de um homem. Só precisamos esperar por ele no banco e expedir os cartazes sobre o crime.”

No entanto, esta última não era uma medida fácil, pois apenas um pequeno número de pessoas conhecia o sr. Hyde — até mesmo o patrão da criada o vira apenas duas vezes; sua família não foi localizada; ele nunca fora fotografado; e os poucos que eram capazes de descrevê-lo tinham versões muito diferentes, como ocorre comumente. Todos concordavam num único ponto: a perturbadora sensação de uma deformidade não identificada que tanto impressionava a quem o tinha visto.

O incidente da carta

Só no final da tarde o sr. Utterson conseguiu chegar à porta do dr. Jekyll, onde foi recebido por Poole e imediatamente levado, através das dependências da cozinha e de um quintal que antes fora um jardim, até o prédio que era conhecido como laboratório ou sala de dissecação.¹ O médico comprara a casa dos herdeiros de um famoso cirurgião; como seus interesses tendiam mais para a química do que para a anatomia, mudara o uso da ala no fundo do jardim. O advogado nunca tinha sido recebido naquela parte da moradia de seu amigo. Observou com curiosidade a estrutura sombria e sem janelas, contemplando com uma sensação de repugnância o estranho anfiteatro antes apinhado de ávidos estudantes, mas agora deserto e silencioso, as mesas cobertas de aparelhos químicos, caixotes e palha de embalagem esparramados pelo chão, a luz penetrando com dificuldade pela claraboia embaciada. Na parte de trás, alguns degraus levavam a uma porta coberta com feltro vermelho; passando por ela, o sr. Utterson por fim entrou no gabinete de trabalho do médico. Tratava-se de um cômodo amplo em que todas as paredes eram ocupadas por armários com portas de vidro e a mobília consistia, entre outras coisas, de um espelho móvel de corpo inteiro e de uma mesa de trabalho. Três janelas poeirentas e munidas de barras de ferro davam para o pátio. O fogo crepitava na lareira, sobre a qual havia um lampião aceso porque o denso nevoeiro penetrava até mesmo dentro das casas; e lá, junto ao calor, estava sentado o dr. Jekyll, dando a impressão de se encontrar mortalmente enfermo. Não se levantou para receber o visitante, limitando-se a lhe estender uma mão fria e dar as boas-vindas com uma voz diferente do normal.

“E agora”, disse o sr. Utterson tão logo Poole os deixou, “você ouviu as notícias?”

O médico estremeceu. “Os vendedores de jornais estavam anunciando aos gritos na praça”, disse ele. “Eu os ouvi da sala de jantar.”

“Uma palavra”, disse o advogado. “Carew era meu cliente, mas você também é, e quero saber onde estou pisando. Será que você cometeu a loucura de esconder esse sujeito?”

“Utterson, juro por Deus”, exclamou o médico, “juro por Deus que nunca mais vou pôr os olhos nele. Dou-lhe minha palavra de honra, não quero mais saber dele. Está tudo acabado. E na verdade ele não quer minha ajuda, você não o conhece como eu. Ele se encontra em segurança, em absoluta segurança. Tome nota do que eu digo: nunca mais se ouvirá falar nele.”

O advogado ouviu com ar soturno, insatisfeito com o tom febril do amigo. “Você parece muito confiante em relação a ele”, disse Utterson, “e, para o seu bem, espero que tenha razão. Se o caso for levado à justiça, seu nome pode aparecer.”

“Sim, estou muito confiante em relação a ele”, respondeu Jekyll, “tenho motivos para esta certeza que não posso compartilhar com ninguém. Mas há uma coisa sobre a

qual você pode me aconselhar. Eu... eu recebi uma carta, e não tenho ideia se devo mostrá-la à polícia. Gostaria de deixá-la em suas mãos, Utterson; você julgará de forma sábia, estou certo, tenho total confiança em você.”

“Você teme, eu suponho, que ela possa levar à prisão dele?”, perguntou o advogado.

“Não. Não me importa o que venha a acontecer com Hyde. Não tenho nada mais a ver com ele. Estou pensando apenas na minha reputação, que esse acontecimento odioso pôs em grande perigo.”

Utterson meditou por alguns segundos; estava surpreso com o egoísmo de seu amigo, embora também aliviado. “Bom”, disse por fim, “deixe-me ver a carta.”

A carta estava escrita numa caligrafia estranha, com as letras eretas, e trazia a assinatura “Edward Hyde”: afirmava, em poucas palavras, que o benfeitor do missivista, o dr. Jekyll, cujas mil generosidades ele retribuía de modo tão vil, não deveria ter a mínima preocupação com sua segurança, uma vez que ele possuía meios de fuga inteiramente confiáveis. O advogado gostou bastante da carta, pois dava ao relacionamento íntimo entre os dois um caráter diferente, fazendo com que ele mesmo se sentisse culpado pelas suspeitas do passado.²

“Você tem o envelope?”, perguntou.

“Queimei”, respondeu Jekyll, “sem pensar que pudesse ser útil. Mas a carta não tinha sido posta no correio, foi entregue em mãos.”

“Posso ficar com ela e refletir por algum tempo?”, perguntou Utterson.

“Quero que você a avalie com total liberdade”, foi a resposta. “Perdi a confiança em mim.”

“Bem, vou pensar. E agora uma palavra a mais: foi Hyde quem ditou os termos do testamento sobre seu desaparecimento?”

O médico pareceu à beira de um desmaio; apertou os lábios e concordou com a cabeça.

“Eu sabia”, disse Utterson. “Ele queria matá-lo. Você escapou por um triz.”

“Mais que isso”, retrucou o médico em tom solene, “aprendi uma lição — ah, meu Deus, que lição eu aprendi, Utterson!” E por um instante cobriu o rosto com as mãos.

Na saída, o advogado parou e trocou algumas palavras com Poole. “Aliás”, disse, “uma carta foi entregue hoje: qual era a aparência do mensageiro?” Mas Poole estava convicto de que toda a correspondência tinha chegado pelo correio. “E, por sinal, só circulares”, acrescentou.

Essa informação fez o visitante partir com temores renovados. Sem dúvida a carta chegara pela porta do laboratório; na verdade, possivelmente tinha sido escrita no gabinete de trabalho; nesse caso, teria de ser avaliada de modo diverso e tratada com mais cuidado. Os jornaleiros, quando saiu, gritavam a plenos pulmões nas calçadas: “Edição especial. Assassinato chocante de um membro do Parlamento”. Essa era a oração fúnebre de um velho amigo e cliente; e ele não podia reprimir certa apreensão de que o bom nome de outro fosse tragado no turbilhão do escândalo. Na melhor das hipóteses, teria de tomar uma decisão melindrosa. E, embora fosse de costume autossuficiente, começou a ansiar por um conselho. Não precisava ser direto, porém, talvez, obtido com sutileza.

Pouco depois, sentou-se de um lado da lareira, tendo do outro lado o sr. Guest, seu principal assistente, e no meio, a uma distância bem calculada do fogo, a garrafa de certo vinho bastante antigo que por muito tempo permanecera sem ver a luz do sol no porão de sua casa. O nevoeiro ainda sufocava a cidade, onde os lampiões brilhavam qual gemas de um vermelho profundo; e, conquanto as nuvens baixas amortecessem os sons, a vida da cidade ainda corria pelas grandes artérias com o fragor de um

vendaval. Mas o cômodo era alegrado pelo clarão da lareira. Os ácidos havia muito tinham sido dissolvidos na garrafa; o matiz imperial se abrandara com o passar dos anos, assim como as cores se tornam mais ricas nos vitrais: com isso, o brilho das quentes tardes outonais nas colinas cobertas de vinhedos estava pronto para ser liberado e dispersar as névoas de Londres. Insensivelmente, o advogado ficou menos tenso. Não havia ninguém com quem ele se abrisse mais do que o sr. Guest, guardando muito poucos segredos dele. Guest com frequência visitava a casa do médico a serviço; conhecia Poole e dificilmente deixara de tomar conhecimento da familiaridade com que o sr. Hyde se comportava na casa, tirando daí suas próprias conclusões. Sendo assim, não seria correto que ele visse uma carta que esclarecia aquele mistério? E, sendo Guest um grande estudioso e analista de caligrafia, não é certo que consideraria isso natural e gostaria de cooperar? Além disso, como seu assistente era inclinado a dar conselhos, não iria ler um documento tão estranho sem fazer alguma observação — com base na qual o sr. Utterson poderia traçar seu rumo futuro.

“É uma tristeza o que aconteceu com sir Danvers”, ele disse.

“Sim, senhor, sem dúvida. Causou grande comoção pública”, retrucou Guest. “O sujeito, naturalmente, era um louco.”

“Gostaria de ouvir suas opiniões sobre isso”, prosseguiu Utterson. “Tenho aqui um documento escrito por ele; fica entre nós, pois nem eu mesmo sei o que fazer com isso. Na melhor das hipóteses, é um assunto muito feio. Mas aqui está algo muito adequado a você: o manuscrito de um assassino.”

Os olhos de Guest se iluminaram; ele se sentou de imediato e analisou o documento de forma apaixonada. “Não, senhor”, disse, “não é de um louco, mas se trata de uma caligrafia estranha.”

“E em todos os sentidos de um autor muito esquisito”, acrescentou o advogado.

Nesse exato instante, o criado chegou com um bilhete.

“É do dr. Jekyll, meu senhor?”, perguntou o assistente. “Acho que reconheci a letra. Algo particular, sr. Utterson?”

“Só um convite para jantar. Por quê? Deseja vê-lo?”

“Um momento. Obrigado, meu senhor”, e o assistente pôs lado a lado as duas páginas, comparando o conteúdo de ambas com grande atenção. “Obrigado, meu senhor”, disse por fim, devolvendo-as. “São caligrafias muito interessantes.”

Houve uma pausa, durante a qual o sr. Utterson travou uma guerra interna. “Por que as comparou, Guest?”, indagou de repente.

“Bem, meu senhor, há uma semelhança muito especial; em numerosos pontos as duas caligrafias são idênticas, variando apenas a inclinação das letras.”

“Muito estranho”, disse Utterson.

“Como diz o senhor, é mesmo muito estranho”, retrucou Guest.

“Sabe, eu não comentaria nada disso”, disse o advogado.

“Não, senhor”, disse o assistente. “Compreendo.”

E tão logo se viu a sós naquela noite, o sr. Utterson guardou a carta em seu cofre, onde ficou para sempre. “Como é possível!”, pensou. “Henry Jekyll forjar a mensagem de um assassino!” E o sangue congelou em suas veias.

O notável incidente do dr. Lanyon

O tempo passou, milhares de libras foram oferecidas como recompensa, porque a morte de sir Danvers foi reputada como ofensa pública; mas o sr. Hyde havia desaparecido das vistas da polícia como se nunca houvesse existido. Muito do seu passado foi desenterrado, todo ele indigno: circularam histórias sobre a crueldade do homem, empedernido e violento, de sua vida torpe, de seus estranhos camaradas, do ódio que parecia impregnar sua trajetória. Porém, sobre seu paradeiro atual, nem um murmúrio. Desde o momento em que deixara a casa no Soho na manhã do crime, simplesmente desvanecera no ar; e aos poucos, com o transcurso do tempo, o sr. Utterson começou a se recuperar de seu estado de intenso alarme, recobrando a calma interior. A morte de sir Danvers era, a seu juízo, mais do que compensada pelo desaparecimento do sr. Hyde. Agora que a influência malévola fora afastada, uma nova vida começara para o dr. Jekyll. Ele saiu de sua reclusão, reatou relações com os amigos, tornou a ser por todos convidado e a fazer as vezes de anfitrião; e, conquanto fora sempre conhecido por suas contribuições beneficentes, agora distinguia-se também pelo fervor religioso. Estava sempre ocupado, com frequência ao ar livre, fazendo o bem; o rosto dava a impressão de ter se aberto e iluminado, como se refletisse a consciência de suas boas ações; e, durante mais de dois meses, o doutor viveu em paz.

Em 8 de janeiro, Utterson jantou na casa do médico com poucos amigos, entre os quais Lanyon, havendo o anfitrião olhado para eles como nos velhos tempos em que o trio era inseparável. No dia 12, e de novo no dia 14, o advogado encontrou a porta fechada. “O doutor está confinado em casa”, disse Poole, “não está vendo ninguém.” No dia 15, tentou mais uma vez, não obtendo sucesso; e, acostumado nos últimos dois meses a ver o amigo quase diariamente, seu retorno à solidão o deixou ansioso. Na quinta noite, recebeu Guest para jantar e, na sexta, foi à casa do dr. Lanyon.

Lá, pelo menos, não lhe negaram acesso; porém, ao entrar ficou chocado com a mudança que ocorrera na aparência do médico. Ele trazia sua sentença de morte claramente estampada no rosto. O homem rosado tornara-se pálido; a carne murchara; estava visivelmente mais calvo e mais velho; no entanto, nem foram tanto esses sinais de uma rápida decadência física que chamaram a atenção do advogado, e sim algo no olhar e na expressão corporal que parecia refletir um terror profundo na mente. Era improvável que o doutor tivesse medo de morrer, porém Utterson foi levado a suspeitar que isso era verdade. “Sim”, pensou, “sendo médico, Lanyon deve saber qual sua real condição e que seus dias estão contados, e esse conhecimento é superior a suas forças.” Todavia, quando Utterson comentou sua aparência ruim, foi com ar de grande firmeza que Lanyon declarou-se um homem condenado.

“Sofri um choque”, disse, “e nunca me recuperarei. É questão de semanas. Bem, a vida foi agradável, gostei dela; sim, senhor, eu costumava gostar dela. Às vezes penso

que, se soubéssemos tudo, ficaríamos mais satisfeitos em partir.”

“Jekyll também está doente”, Utterson observou. “Você o tem visto?”

As feições de Lanyon se alteraram, e ele ergueu uma mão trêmula. “Não quero mais ver nem ouvir falar do dr. Jekyll”, ele disse em voz alta mas entrecortada. “Estou farto dessa pessoa e lhe peço que me poupe não se referindo a alguém que considero morto.”

“Muito bem, muito bem”, disse o sr. Utterson. E após longa pausa: “Não há nada que eu possa fazer?”, indagou. “Somos três velhos e bons amigos, Lanyon, Não viveremos tempo suficiente para fazer outros.”

“Nada pode ser feito”, retrucou Lanyon, “pergunte a ele.”

“Não me recebe”, disse o advogado.

“Não me surpreende”, foi a resposta. “Algum dia, Utterson, depois que eu morrer, você talvez venha a conhecer o certo e o errado disso tudo. Não posso lhe dizer. E, nesse meio-tempo, se puder se sentar e conversar comigo sobre outras coisas, pelo amor de Deus, fique e conversaremos; mas, se não puder evitar esse maldito assunto, então me faça o obséquio de ir embora, porque não sou capaz de suportá-lo.”

Tão logo chegou em casa, Utterson sentou-se e escreveu para Jekyll, reclamando de ser impedido de visitá-lo e perguntando sobre a causa do infeliz rompimento com Lanyon; no dia seguinte, recebeu longa resposta, com frequência muito patética e por vezes de significado sombriamente misterioso. O rompimento com Lanyon era irreparável. “Não culpo nosso velho amigo”, escreveu Jekyll, “mas compartilho da opinião dele de que não devemos mais nos encontrar. Doravante pretendo levar uma vida de extrema reclusão; você não deve se surpreender com isso nem duvidar de minha amizade caso minha porta esteja fechada mesmo para você. Conto com sua compreensão para que eu siga meu sombrio caminho. Causei a mim próprio uma punição e um perigo que não posso revelar.¹ Se sou o maior pecador, sou também o maior sofredor. Não podia imaginar que este mundo contivesse sofrimentos e terrores tão degradantes; e você, Utterson, só pode fazer uma coisa para aliviar esse destino, a qual é respeitar meu silêncio.” Utterson ficou pasmo; a lúgubre influência de Hyde desaparecera, o médico voltara a seus velhos afazeres e amizades; uma semana antes, o futuro lhe sorria com a possibilidade de uma velhice alegre e honrada; e agora, de um dia para o outro, a amizade, a paz de espírito e todo o significado de sua vida se encontravam em ruínas. Uma mudança tão grande e inesperada sugeria a loucura; entretanto, em vista do comportamento e das palavras de Lanyon, deveria haver uma causa mais profunda.

Uma semana depois, o dr. Lanyon caiu de cama e morreu em menos de quinze dias. Na noite seguinte ao funeral, no qual ele sentira muito pesar, Utterson trancou a porta de seu escritório e, sentado à luz de uma melancólica vela, buscou e pôs diante de si um envelope endereçado à mão e lacrado com o sinete do amigo morto. “PARTICULAR: EXCLUSIVAMENTE para as mãos de G. J. Utterson e, caso ele morra antes de mim, *para ser destruído sem ser lido*”, assim estava enfaticamente sobrescrito. O advogado teve receio de conhecer o conteúdo. “Enterrei hoje um amigo”, pensou. “E se isto me custar outro?” Em seguida, condenou o receio, por constituir uma deslealdade, e rompeu o lacre. Dentro havia outro envelope, também lacrado, no qual estava escrito: “Não abrir até a morte ou o desaparecimento do dr. Henry Jekyll”. Utterson não pôde crer em seus olhos. Sim, desaparecimento; lá estavam outra vez associados a ideia de desaparecimento e o nome de Henry Jekyll. No testamento, contudo, essa ideia surgira por sinistra sugestão de um certo Hyde, tendo um propósito muito claro e horrendo. No escrito de Lanyon, o que significaria? Uma grande curiosidade assaltou o responsável pela guarda do documento, o desejo de

ignorar a proibição e mergulhar de imediato até o fundo naqueles mistérios. Entretanto, a honra profissional e o respeito ao amigo morto criavam rigorosas obrigações, e o envelope foi posto no canto mais remoto de seu cofre particular.

Uma coisa é refrear a curiosidade, outra é subjugar-la. É de se duvidar que, a partir desse dia, Utterson tenha desejado com igual sinceridade a companhia do amigo sobrevivente. Lembrava dele com afeto, mas seus pensamentos eram conturbados e apreensivos. De fato voltou à casa dele, contudo talvez tenha se sentido aliviado quando a entrada lhe foi recusada; possivelmente, no fundo de seu coração, tenha preferido falar com Poole na porta, cercado pelo ar e pelos sons da cidade, a penetrar ali, onde existia uma servidão voluntária, e sentar-se para conversar com o inescrutável recluso. Poole, na realidade, não tinha notícias muito agradáveis para dar. O médico, assim parecia, mais do que nunca achava-se confinado no gabinete de trabalho acima do laboratório, onde vez por outra dormia; mostrava-se desanimado, pouco falava, não lia, era como se algo ocupasse por inteiro sua mente. Utterson acostumou-se tanto com o caráter invariável desses relatórios que aos poucos diminuiu a frequência das visitas.

O incidente à janela

Enquanto o sr. Utterson fazia sua costureira caminhada dominical com o sr. Enfield, aconteceu de passarem de novo pela rua lateral, parando ambos diante da porta para contemplá-la.

“Bom”, disse Enfield, “essa história pelo menos acabou. Nunca mais veremos o sr. Hyde.”

“Espero que não”, disse Utterson. “Será que lhe contei que o vi uma vez e compartilhei de sua sensação de repugnância?”

“Era impossível vê-lo e não sentir asco”, retrucou Enfield. “Aliás, você deve ter me achado um idiota por não saber que essa era a entrada dos fundos da casa do dr. Jekyll! Foi em parte por sua causa que a descobri.”

“Então você a descobriu?”, disse Utterson. “Se é assim, podemos entrar no pátio e dar uma olhada nas janelas. Para dizer a verdade, preocupo-me com o pobre Jekyll; mesmo do lado de fora, sinto que a presença de um amigo pode lhe fazer bem.”

O pátio, muito frio e um pouco úmido, já fora tomado por uma penumbra prematura, embora o céu, muito acima dali, ainda estivesse iluminado pelo pôr do sol. Das três janelas, a do meio estava parcialmente aberta; e, sentado perto dela, respirando o ar livre com uma aparência de infinita tristeza, qual um prisioneiro desconsolado, Utterson viu o dr. Jekyll.

“Ora, veja só! Jekyll!”, gritou. “Espero que esteja melhor.”

“Estou muito mal, Utterson”, retrucou o doutor lugubrememente, “muito mal. Graças a Deus não levará muito tempo.”

“Você tem passado longos períodos dentro de casa”, disse o advogado. “Precisa sair, estimular a circulação, como o sr. Enfield e eu. Quero apresentá-los: meu primo, o sr. Enfield, o dr. Jekyll. Vamos, pegue seu chapéu e venha dar uma volta conosco.”

“Você é muito bondoso”, suspirou o médico. “Gostaria muito, mas não, não, não, é de todo impossível, não ousou sair. De qualquer forma, Utterson, é um grande prazer vê-lo, realmente um grande prazer. Eu convidaria você e o sr. Enfield para entrarem, mas o escritório não está em condições.”

“Sendo assim”, disse o advogado em tom brincalhão, “o melhor que podemos fazer é ficar aqui embaixo e conversarmos com você de onde estamos.”

“É justamente o que eu ia me aventurar a propor”, retrucou o médico com um sorriso. Porém, mal essas palavras foram ditas, o sorriso foi varrido de seu rosto e substituído por uma expressão de tão abjeto terror e desespero que gelou o sangue dos dois cavalheiros. Eles a viram tão só por um segundo, pois a vidraça foi empurrada de imediato para baixo; mas aquela visão de relance tinha sido suficiente: deram meia-volta e saíram do pátio sem nada dizer. Ainda em silêncio, desceram a rua lateral e só quando se viram numa avenida próxima, onde mesmo num domingo havia algum

movimento, o sr. Utterson por fim se voltou e encarou o companheiro. Ambos estavam pálidos, seus olhos refletindo um profundo terror.

“Que Deus nos perdoe, que Deus nos perdoe”, disse o sr. Utterson.

O sr. Enfield, porém, apenas assentiu com a cabeça com uma expressão de grande seriedade e voltou a caminhar em silêncio.

A última noite

Certa noite, o sr. Utterson estava sentado junto à lareira depois do jantar, quando foi surpreendido pela visita de Poole.

“Meu Deus, Poole, o que o traz aqui?”, exclamou; e então, olhando-o mais longamente, perguntou: “O que está acontecendo? Que aparência é essa? O doutor está doente?”

“Sr. Utterson”, disse o mordomo, “há alguma coisa errada.”

“Sente-se, tome aqui este copo de vinho”, disse o advogado. “Agora, sem pressa, me conte de forma clara o que deseja.”

“O senhor conhece os hábitos do doutor”, retrucou Poole, “e como ele costuma se trancar. Muito bem, ele está outra vez trancado no gabinete de trabalho, e estou preocupado, meu senhor, mais do que preocupado, sr. Utterson. Estou com medo.”

“Seja explícito, meu caro”, disse o advogado. “Medo de quê?”

“Venho sentindo medo há cerca de uma semana”, respondeu Poole, ignorando obstinadamente a pergunta, “e não aguento mais.”

Sua aparência confirmava amplamente tais palavras; sua conduta tinha mudado para pior e, exceto pelo momento em que anunciara seu terror, não encarara nem uma vez o anfitrião. Mesmo agora, estava sentado sem haver provado o vinho, com o copo sobre o joelho e os olhos cravados no chão. “Não aguento mais”, repetiu.

“Vamos”, disse o advogado. “Vejo que tem alguma boa razão, Poole, que há alguma coisa de muito errado. Tente me dizer do que se trata.”

“Acho que houve algum jogo sujo”, disse Poole com voz rouca.

“Jogo sujo!”, exclamou o advogado, bastante atemorizado e, por isso, inclinado a se irritar. “Que jogo sujo? O que quer dizer com isso?”

“Não ousou dizer, meu senhor”, foi a resposta. “O senhor se incomoda de ir comigo e ver com seus próprios olhos?”

A única resposta do sr. Utterson foi se levantar, recolhendo o chapéu e o casaco; mas observou, surpreso, o imenso alívio refletido no rosto do mordomo e, talvez com igual surpresa, que o vinho permanecia intocado, quando se preparou para acompanhar Poole.

Era uma noite fria e turbulenta, típica de março, com uma lua pálida, deitada de costas como se derrubada por fortes ventos, enquanto farrapos de nuvens diáfanas e lanosas corriam pelos céus. O vento dificultava qualquer conversação, fustigando o rosto até fazê-lo corar. Além disso, parecia ter varrido das ruas os raros transeuntes, pois o sr. Utterson não se lembrava de haver visto aquela parte de Londres tão deserta. Ele bem desejaria que não fosse assim, porque nunca em sua vida estivera tão consciente do desejo intenso de ver e tocar outros seres humanos; na verdade, embora lutasse contra ela, uma esmagadora premonição de calamidade se abatera sobre sua

mente. A praça, quando lá chegaram, estava tomada pelo vento e pela poeira, as árvores delgadas chicoteando as grades. Poole, que ao longo do trajeto se mantivera um ou dois passos à frente, parou na calçada e, apesar do frio cortante, tirou o chapéu e secou a testa com um lenço de bolso vermelho. No entanto, a despeito da pressa com que haviam caminhado, aquele suor não era fruto do esforço físico, e sim de alguma sufocante angústia, uma vez que seu rosto estava branco e sua voz, áspera e débil quando ele falou.

“Muito bem, meu senhor”, disse, “aqui estamos, e Deus permita que não haja nada de errado.”

“Amém, Poole”, disse o advogado.

O criado bateu sem muita força à porta, que foi aberta sem que a corrente fosse retirada. Uma voz perguntou lá de dentro: “É você, Poole?”.

“Está tudo bem”, disse Poole. “Abra a porta.”

Ao entrarem, o vestibulo estava feericamente iluminado; na lareira, luzia um fogaréu ao redor do qual se agrupavam todos os empregados, homens e mulheres, como um rebanho de carneiros. Ao ver o sr. Utterson, a governanta rompeu num choro histérico e a cozinheira, exclamando “Graças a Deus! É o sr. Utterson”, avançou para abraçá-lo.

“Ora, ora! Por que estão todos aqui?”, disse o advogado em tom irritadiço. “Muito irregular, muito impróprio; o patrão de vocês não ficaria nem um pouquinho satisfeito.”

“Estão todos com medo”, disse Poole.

Seguiu-se um silêncio profundo, ninguém protestou; apenas a criada começou a chorar muito alto.

“Controle-se!”, Poole lhe disse com uma ferocidade que testemunhava seu precário estado de nervos. Na verdade, quando a moça elevara de súbito o volume de seus lamentos, todos tinham tido um sobressalto e se voltado na direção da porta interna com expressões de terrível expectativa. “Agora”, continuou o mordomo dirigindo-se ao rapaz que cuidava dos talheres, “me passe uma vela e vamos resolver logo isso.” Em seguida pediu que o sr. Utterson o acompanhasse, tomando a frente a caminho do jardim dos fundos.

“Agora, meu senhor”, disse, “faça o mínimo de ruído. Quero que o senhor ouça; não podemos ser ouvidos. E veja bem, meu senhor: se por acaso ele lhe pedir que entre, não faça isso.”

Diante de recomendação tão inesperada, os nervos do sr. Utterson sofreram tamanho choque que ele quase perdeu o equilíbrio; porém recuperou a coragem e seguiu o mordomo pelo prédio do laboratório, passando pelo anfiteatro cirúrgico, com seu amontoado de caixotes e garrafas, até chegarem ao pé da escada. Poole lhe fez sinal para que se postasse de lado e escutasse, enquanto ele próprio, pousando o castiçal e fazendo um grande e óbvio esforço para reunir toda sua determinação, subiu os degraus e deu algumas batidas incertas na porta recoberta de feltro vermelho.

“Meu senhor, o sr. Utterson deseja vê-lo”, disse em voz alta, ao mesmo tempo que mais uma vez fazia sinais insistentes para que o advogado prestasse atenção.

Em tom queixoso, uma voz respondeu de dentro do gabinete: “Diga-lhe que não posso ver ninguém”.

“Muito obrigado, meu senhor”, disse Poole, com um quê de triunfo na voz; e, apanhando o castiçal, conduziu o sr. Utterson de volta através do quintal até a grande cozinha, onde o fogão estava apagado e besouros saltitavam no chão.

“Meu senhor”, disse, olhando nos olhos do sr. Utterson, “aquela era a voz do meu patrão?”

“Parece bastante mudada”, respondeu o advogado, extremamente pálido mas o encarando de volta.

“Mudada? Bem, meu senhor, creio que sim”, disse o mordomo. “Estou na casa desse homem há vinte anos e então não conheço sua voz? Não, senhor, o patrão foi morto; deram cabo dele oito dias atrás, quando o ouvimos implorar por Deus, e *quem* está no lugar dele e *por que* não sai de lá, isto é o que precisamos saber, sr. Utterson!”

“Essa é uma história muito estranha, Poole, uma história incrível demais”, disse o sr. Utterson, mordendo o dedo. “Suponha que seja como você imagina, suponha que o dr. Jekyll tenha sido... bem, assassinado, o que levaria o assassino a permanecer aqui? Não faz nenhum sentido, não é uma coisa razoável.”

“Muito bem, sr. Utterson, não é fácil satisfazê-lo, mas ainda vou conseguir”, disse Poole. “Durante toda a última semana, o que quer que seja que vive no gabinete, e o senhor deve conhecê-lo, tem implorado dia e noite por algum tipo de medicamento que não sai de sua cabeça. Às vezes, ele costumava — quero dizer, o patrão — escrever suas encomendas num pedaço de papel e deixá-lo na escada. Esta semana não veio nada de lá, só papéis e a porta fechada, as refeições que lá deixei sendo recolhidas quando ninguém está olhando. Bem, meu senhor, todos os dias, e duas ou três vezes por dia, só ouvi ordens e reclamações, e já fui mandado a todos os atacadistas de produtos químicos da cidade. Cada vez que volto com as coisas, aparece outro papel mandando que eu devolva tudo porque não é puro, junto com nova encomenda para uma firma diferente. Essa droga é extremamente necessária, meu senhor, qualquer que seja seu uso.”

“Você tem algum desses papéis?”, perguntou o sr. Utterson.

Poole procurou no bolso e lhe passou um bilhete amassado, que o advogado, abaixando-se para ficar mais perto da vela, examinou cuidadosamente. Lá constava: “Dr. Jekyll apresenta seus cumprimentos aos srs. Maw. Ele pode lhes assegurar que esta última amostra é impura e totalmente inútil para seus fins atuais. Em 18..., o dr. Jekyll adquiriu um volume bastante grande de sua firma. Ele agora solicita que verifiquem com todo o afinho se sobrou algum produto da mesma qualidade, que lhe deve ser enviado imediatamente, quaisquer que sejam os custos. Essa remessa é de grande importância para o dr. Jekyll”. Até aqui a carta fora composta de forma decorosa, porém nesse ponto, com um solavanco da pena, a emoção de quem escrevia se tornara incontrolável. “Pelo amor de Deus”, acrescentou, “encontrem o que sobrou do antigo produto.”

“Esse bilhete é muito estranho”, disse o sr. Utterson. Em seguida, em tom ríspido: “Por que ele foi aberto?”.

“O sujeito na Maw estava indignado, meu senhor, e jogou-o de volta em cima de mim como se fosse alguma porcaria”, respondeu Poole.

“Essa é sem dúvida a caligrafia do doutor, sabe disso?”, prosseguiu o advogado.

“Achei que era”, disse o criado, aborrecido, e então, em outro tom: “Mas qual a importância da caligrafia?”, perguntou. “Eu o vi!”

“Viu?”, exclamou o sr. Utterson. “Como?”

“Isso mesmo!”, disse Poole. “Foi assim. Entrei de repente no anfiteatro vindo do jardim. Parece que ele tinha dado uma escapulida para procurar por esse remédio ou o que quer que seja; o fato é que a porta do gabinete tinha sido aberta e lá estava ele, no fundo da sala, remexendo nas caixas. Ele me olhou quando entrei, soltou uma espécie de grito e disparou escada acima para o gabinete. Só o vi por um minuto, meu senhor, mas meus cabelos ficaram em pé como espinhos de ouriço. Se era meu patrão, por que usava uma máscara no rosto? Se era meu patrão, por que soltou um guincho de rato e saiu correndo? Faz muito tempo que estou a serviço dele. E depois...” O mordomo fez

uma pausa e passou a mão pelo rosto.

“Todas essas circunstâncias são muito estranhas”, disse o sr. Utterson, “mas acho que vejo a luz no fim do túnel. Seu patrão, Poole, certamente está com uma dessas enfermidades que torturam e deformam quem sofre delas; daí, tanto quanto eu saiba, a alteração de sua voz; daí a máscara e a vontade de evitar os amigos; daí sua ansiedade em encontrar esse remédio que ainda dá à pobre alma alguma esperança de recuperação — Deus permita que ele não esteja enganado! Essa é minha explicação, ela é bem triste, Poole, e causa muita preocupação. Mas é simples e natural, faz sentido e nos livra de receios alarmantes.”

“Meu senhor”, disse o mordomo, o rosto voltando a ficar pálido, com manchas aqui e ali, “aquela coisa não era meu patrão, e essa é a verdade. Meu patrão” — nesse instante, olhou em volta e começou a sussurrar — “é um homem alto e benfeito de corpo, e o outro era mais parecido com um anão.” Utterson tentou protestar. “Ah, meu senhor”, exclamou Poole, “pensa que não conheço meu patrão depois de vinte anos? Pensa que não sei a que altura sua cabeça fica quando ele passa pela porta do gabinete, onde o vi a cada manhã de minha vida? Não, meu senhor, aquela coisa com a máscara nunca foi o dr. Jekyll — só Deus sabe o que é, mas não o dr. Jekyll. E meu coração sabe que houve um assassinato.”

“Poole”, retrucou o advogado, “se você diz isso, tenho o dever de me certificar. Por mais que deseje poupar os sentimentos de seu patrão, por mais que esteja confuso com esse bilhete que parece provar que ele continua vivo, considero meu dever forçar aquela porta.”

“Ah, sr. Utterson, agora, sim, o senhor está falando!”, exclamou o mordomo.

“E agora vem a segunda questão”, recomeçou Utterson. “Quem vai fazer isso?”

“Ora, o senhor e eu”, foi a resposta resoluta.

“Muito bem dito”, retrucou o advogado, “e, aconteça o que acontecer, vou cuidar para que você não saia prejudicado.”

“Há um machado no anfitriato”, continuou Poole, “e o senhor pode pegar o atizador da cozinha.”

O advogado pegou o rude e pesado instrumento, testando seu manuseio. “Você sabe, Poole”, ele disse, erguendo os olhos, “que estamos prestes a nos colocar numa posição bem perigosa?”

“É verdade, meu senhor, sei, sim”, respondeu o mordomo.

“Se é assim, então precisamos ser francos”, disse o advogado. “Nós dois pensamos em coisas que não dissemos. Vamos pôr tudo às claras. Você chegou a reconhecer essa figura mascarada que viu?”

“Bem, meu senhor, foi muito rápido e a criatura estava encurvada, por isso não posso jurar”, foi a resposta. “Mas se me pergunta se era o sr. Hyde, então, sim, acho que era! Veja bem, tinha mais ou menos o mesmo tamanho e a mesma agilidade; além disso, quem mais poderia ter entrado pela porta do laboratório? O senhor não se lembra de que, quando houve o assassinato, ele ainda tinha a chave? Mas isso não é tudo. Não sei, sr. Utterson, se o senhor alguma vez encontrou esse sr. Hyde.”

“Sim”, disse o advogado. “Certa vez falei com ele.”

“Então deve saber, tanto quanto nós aqui da casa, que havia alguma coisa estranha com esse cavalheiro — alguma coisa que o tornava diferente. Não sei exatamente como explicar, mas sentíamos um frio na barriga.”

“Admito que senti algo parecido com o que você está descrevendo”, disse o sr. Utterson.

“Isso mesmo, meu senhor”, retomou Poole. “Muito bem, quando aquela coisa mascarada pulou como um macaco do meio dos produtos químicos e disparou para

dentro do gabinete, minha espinha congelou. Ah, sei que não prova nada, sr. Utterson; estudei o suficiente para saber disso, mas um homem tem sentimentos, e sou capaz de jurar, com a mão sobre a Bíblia, que era o sr. Hyde!”

“Ai, ai”, disse o advogado. “É também o que eu receio. Temo que tudo de ruim — como era de prever — veio desse relacionamento. Para ser sincero, acredito em você: acredito que o pobre Henry foi morto e acredito que seu assassino (com que propósito, só Deus sabe) ainda esteja escondido no gabinete da vítima. Bom, vamos tratar de vingá-lo. Chame Bradshaw.”

O laçao foi chamado e chegou muito pálido e nervoso.

“Bradshaw, fique calmo”, disse o advogado. “Essa expectativa, eu sei, está afetando todos vocês; mas agora tencionamos acabar com isso. Poole e eu vamos entrar à força no gabinete. Se tudo correr bem, meus ombros são suficientemente largos para suportar a culpa. Entretanto, se alguma coisa der errado ou se algum malfeitor tentar escapar pelos fundos, você e o rapaz vão pegar uns bons pedaços de pau e se postar na porta do laboratório. Vamos lhes dar dez minutos para tomarem posição.”

Quando Bradshaw saiu, o advogado olhou para seu relógio. “E agora, Poole, vamos indo”, disse e, sobraçando o atizador, caminhou na frente em direção ao quintal. Em sua marcha veloz, as nuvens haviam encoberto a lua, deixando a noite muito escura. O vento, que só penetrava em lufadas e correntes naquele espaço confinado entre os prédios, fez bruxulear a chama da vela até chegarem ao abrigo do anfiteatro, onde se sentaram em silêncio para esperar. Londres zumbia solenemente ao redor, mas ali a quietude só era quebrada pelos sons do vaivém de passos no gabinete de trabalho.

“Ele fica andando assim o dia todo, meu senhor”, sussurrou Poole, “e a maior parte da noite. Só quando chega alguma nova amostra das farmácias há uma pequena pausa. Ah, a consciência pesada é a maior inimiga do descanso! Ah, meu senhor, em cada passo há o sangue de um crime odioso! Mas preste atenção de novo, sr. Utterson, e me diga se essas são as passadas do doutor.”

O som dos passos era leve e peculiar, com certo balanço apesar de serem vagarosos; bem diferente, sem dúvida, do andar pesado de Henry Jekyll, que provocaria rangidos no assoalho. Utterson suspirou. “Há alguma outra coisa?”, perguntou.

Poole sacudiu a cabeça. “Uma vez”, respondeu, “o ouvi chorar!”

“Chorar? Como?”, perguntou o advogado, consciente de um súbito calafrio de horror.

“Chorando como uma mulher ou uma alma penada”, disse o mordomo. “Saí com o coração partido, quase chorei também.”

Então os dez minutos chegaram ao fim. Poole retirou o machado de sob um monte de palha de embalagem; o castiçal foi posto sobre a mesa mais próxima para iluminar a rota de ataque; e, prendendo a respiração, eles foram se aproximando do lugar onde aqueles pés incansáveis ainda subiam e desciam, subiam e desciam no silêncio da noite. “Jekyll”, disse Utterson em voz alta, “exijo vê-lo.” Parou por um momento, mas não houve resposta. “Faço questão de avisá-lo que suspeitamos de alguma coisa, e que devo vê-lo e o verei. Se não for por bem, então será por mal; se não for com seu consentimento, usaremos a força bruta!”

“Utterson”, disse a voz, “pelo amor de Deus, tenha piedade!”

“Ah, essa não é a voz de Jekyll — é a de Hyde!”, gritou Utterson. “Derrube a porta, Poole!”

Poole levantou o machado por cima do ombro e, ao baixá-lo, o golpe sacudiu o

quando a porta recoberta de feltro vermelho se chocou contra a fechadura e os gonzos. Do gabinete veio um guincho soturno, uma manifestação de puro terror animal. O machado voltou a ser erguido, mais uma vez os painéis e umbrais da porta vibraram violentamente; quatro golpes em sucessão, mas a madeira era dura e os encaixes bem resistentes; só no quinto a fechadura foi arrebentada e o que restou da porta caiu sobre o carpete.

Os atacantes, assustados com o barulho que haviam produzido e com o silêncio que se seguira, ficaram onde estavam e olharam cuidadosamente para dentro do gabinete: lá havia, sob a luz serena de uma lâmpada, um bom fogo reluzindo e crepitando na lareira, a chaleira cantando sua musiquinha em tom agudo, uma ou duas gavetas abertas, papéis bem-ordenados sobre a mesa de trabalho e, perto da lareira, a louça para o chá — naquela noite, em Londres, o aposento mais tranquilo, assim se poderia dizer, e o mais banal não fosse pelos armários com tampa de vidro cheios de produtos químicos.

Bem no centro da sala jazia o corpo de um homem dolorosamente contorcido e ainda estrebuchando. Eles chegaram mais perto na ponta dos pés, o viraram de costas e contemplaram o rosto de Edward Hyde. Vestia roupas largas demais, do tamanho do médico; os tendões de seu rosto ainda se moviam num simulacro de vida, mas ela já se apagara para sempre. Pelo frasco esmagado na mão e pelo forte cheiro de óleo vegetal² que pairava no ar, Utterson sabia que estava observando o cadáver de alguém que se autodestruía.

“Chegamos tarde demais”, disse em tom severo, “seja para salvar ou para punir. Hyde já foi pagar suas contas e só nos resta encontrar o corpo de seu patrão.”

O anfiteatro ocupava quase inteiramente o térreo e recebia luz do gabinete, que formava o segundo andar numa das extremidades e dava para o pátio. Um corredor unia o anfiteatro à porta da rua lateral, alcançada separadamente através de outra escada a partir do gabinete. Além disso, havia alguns pequenos cômodos escuros e um porão espaçoso. Todos esses aposentos foram examinados por eles com grande zelo. Nos pequenos cômodos, bastou um rápido olhar, pois estavam todos vazios e, pela poeira que caía das portas, tinham permanecido fechados por longo tempo. O porão, na verdade, estava abarrotado de lenha, em grande parte da época em que a casa pertencera ao antecessor de Jekyll, mas ao abrirem a porta ficou patente a inutilidade de fazerem uma busca ali, devido à queda de uma imensa teia de aranha que, fazia anos, vinha selando a entrada. Em lugar nenhum havia sinal de Henry Jekyll, morto ou vivo.

Poole bateu com o pé sobre as pedras do corredor. “Ele deve estar enterrado aqui”, disse, prestando atenção à resposta sonora.

“Ou talvez tenha escapado”, disse Utterson, virando-se para examinar a porta que dava para a rua lateral. Estava trancada e, caída ali perto sobre as pedras, encontraram a chave já começando a enferrujar.

“Não parece ter sido usada”, observou o advogado.

“Usada!”, ecoou Poole, “O senhor não vê que está quebrada? Como se alguém tivesse pisado nela?”

“É”, continuou Utterson, “e até a superfície quebrada também está enferrujando.” Os dois homens trocaram um olhar amedrontado. “Não consigo entender o que está se passando, Poole”, disse o advogado. “Vamos voltar ao gabinete.”

Subiram a escada em silêncio e, lançando um ou outro olhar apavorado em direção ao cadáver, examinaram com mais cuidado o que havia no gabinete. Numa das mesas encontraram vestígios de alguma atividade química, várias doses de um sal branco dispostas em pratos de vidro, como se para um experimento que o infeliz

doutor não pudera terminar.

“Esse é o produto que eu sempre trazia para ele”, disse Poole; e, enquanto falava, a chaleira fez um ruído inesperado ao entrar em ebulição.

Isso os levou para perto da lareira, onde se encontrava a espreguiçadeira e a louça do chá junto ao cotovelo de quem nela se sentasse, o açúcar já servido na xícara. Havia vários livros numa estante; um estava aberto ao lado da louça do chá, e Utterson ficou surpreso ao encontrar uma obra religiosa, pela qual Jekyll muitas vezes manifestara grande apreciação, anotada em sua própria caligrafia com incríveis blasfêmias.

Examinando o cômodo, os dois se aproximaram do espelho móvel com uma sensação de horror involuntário. Mas ele estava disposto de tal forma que só lhes mostrou o brilho róseo e cambiante do teto, o fogo da lareira reluzindo em centenas de repetições ao longo da frente envidraçada dos armários e suas próprias feições pálidas e assustadas inclinando-se sobre sua superfície.

“Esse espelho viu algumas coisas estranhas, meu senhor”, sussurrou Poole.

“E certamente nada mais estranho do que ele próprio”, retrucou o advogado em tom idêntico. “Pois o que poderia Jekyll” — engasgou ao pronunciar esse nome, logo superando sua fraqueza —, “o que poderia Jekyll querer com ele?”, perguntou.

“Boa pergunta!”, disse Poole.

Examinaram a seguir a mesa de trabalho. Em meio a pilhas bem-ordenadas de papel, era visível um grande envelope que trazia, na letra do médico, o nome do sr. Utterson. O advogado rompeu o lacre e vários documentos caíram ao chão. O primeiro era um testamento, vazado nos mesmos termos excêntricos do que ele formulara seis meses antes, em caso de morte e, sob a forma de doação, em caso de desaparecimento; no entanto, em vez do nome Edward Hyde, o advogado leu, com indescritível espanto, o de Gabriel John Utterson. Ele olhou para Poole, de novo para o papel, e por fim para o malfeitor morto e estendido sobre o carpete.

“Minha cabeça está girando”, disse o advogado. “Ele esteve todos esses dias de posse do testamento. Não tinha a menor razão para gostar de mim; deve ter ficado irado ao se ver substituído; e nem por isso destruiu este documento.”

Pegou o papel seguinte. Era um bilhete na caligrafia do doutor e datado no alto da página. “Ah, Poole! Ele estava vivo e aqui ainda hoje. Não seria possível se livrar de seu corpo em tão pouco tempo; deve estar vivo ainda, certamente fugiu! Mas por que fugir? E como? E, nesse caso, será que podemos nos aventurar a declarar que foi um suicídio? Ah, precisamos ter cuidado, prevejo que ainda acabaremos envolvendo seu patrão numa horrenda catástrofe.”

“Por que o senhor não lê a carta, meu senhor?”, perguntou Poole.

“Tenho medo”, respondeu o advogado, sério. “Mas Deus sabe que não tenho nada a temer!” E, dito isso, ergueu o papel e leu o seguinte:

Meu caro Utterson,

Quando isto estiver em suas mãos, eu terei desaparecido em circunstâncias que não tenho a capacidade de prever, porém meu instinto e todas as circunstâncias de minha situação inominável me dizem que o fim é certo e deve chegar em breve. Sendo assim, leia primeiro a narrativa que, Lanyon me alertou, seria entregue em suas mãos e, caso queira saber mais, tome conhecimento da confissão de seu indigno e infeliz amigo,

HENRY JEKYLL

“Havia um terceiro documento?”, perguntou Utterson.

“Aqui, meu senhor”, disse Poole, passando-lhe um embrulho grosso lacrado em

vários lugares.

O advogado o guardou no bolso. “Eu não falaria sobre este documento. Se seu patrão fugiu ou estiver morto, podemos ao menos salvar sua honra. São quase dez da noite; preciso ir para casa e ler esses documentos em paz; porém voltarei antes da meia-noite, quando chamaremos a polícia.”

Saíram, fechando a porta do anfiteatro às suas costas. Utterson deixou mais uma vez a criadagem reunida no vestibulo em volta da lareira e caminhou com passos pesados até seu escritório, a fim de ler as duas narrativas que agora explicariam aquele mistério.

A narrativa do dr. Lanyon

Em 9 de janeiro, quatro dias atrás, recebi pelo correio da tarde um envelope registrado e endereçado com a caligrafia de meu colega de profissão e de escola Henry Jekyll. Fiquei muito surpreso, pois não tínhamos o hábito de nos corresponder. Eu o vi na véspera, na verdade jantara com ele, e não podia imaginar nada em nosso relacionamento que justificasse tal formalidade. O conteúdo aumentou minha surpresa, pois a carta dizia o seguinte:

10 de dezembro de 18...1

Caro Lanyon,

Você é um de meus mais velhos amigos e, embora possamos ter tido diferenças em matéria científica, não me recordo, ao menos da minha parte, de nenhuma quebra em nosso afeto. Nunca terá havido um dia em que, caso você me houvesse dito: “Jekyll, minha vida, minha honra, minha sanidade mental dependem de você”, eu não teria sacrificado a mão esquerda para ajudá-lo. Lanyon, minha vida, minha honra e minha sanidade mental estão todas à sua mercê; se me faltar esta noite, estou perdido. Após tal introdução, você pode pensar que vou lhe pedir que me conceda algo desonroso. Julgue por si mesmo.

Quero que você adie qualquer outro compromisso que tenha para a noite de hoje — sim, até mesmo se for chamado ao leito de um imperador —, pegue um cabriolé de aluguel, a menos que sua carruagem esteja à porta, e, com esta carta à mão para fins de consulta, dirija-se imediatamente à minha casa. Poole, o mordomo, já foi instruído e aguardará sua chegada na companhia de um chaveiro. A porta de meu gabinete de trabalho deverá ser forçada e você entrará sozinho, abrindo o armário com tampa de vidro (letra E) à esquerda e rompendo a fechadura caso ele se encontre trancado; retire do armário a quarta gaveta a contar do alto (ou terceira, a contar de baixo), com tudo que ela contém e tal como as coisas se encontram. No estado de extrema perturbação mental em que me encontro, tenho o receio mórbido de lhe dar instruções erradas; no entanto, mesmo que eu me engane, você saberá qual a gaveta certa por causa de seu conteúdo: alguns pós, um frasco e um livro. Peça que leve essa gaveta com você para Cavendish Square exatamente como está.

Como essa é a primeira parte do favor, vejamos a segunda. Se você partir tão logo receba a carta, deverá voltar bem antes da meia-noite; mas deixarei a seu critério a amplitude dessa margem, não apenas por conta dos obstáculos que não podem ser evitados ou previstos, mas porque é preferível uma hora em que seus criados já estejam dormindo para o que restará ser feito. Assim, peço-lhe que à meia-noite você esteja sozinho em seu consultório, a fim de receber pessoalmente um homem que se apresentará em meu nome e a quem dará a gaveta trazida de meu gabinete de trabalho.

Com isso, você terá se desincumbido de sua parte e merecido minha total gratidão. Cinco minutos depois, se insistir numa explicação, terá compreendido que essas medidas são de capital importância e que, caso uma única delas seja negligenciada, por mais fantástica que pareça, você se tornará responsável pela minha morte ou pela destruição da minha sanidade mental.

Embora confiante de que você não tratará de modo leviano este apelo, meu coração se confrange e minha mão estremece somente em contemplar tal possibilidade. Pense em mim neste momento, num lugar estranho, em meio às trevas mais pavorosas, e no entanto cômico de que, se você me prestar pontualmente esses favores, meus problemas se dissiparão como uma história depois de contada. Ajude-me, meu caro Lanyon, e salve
Seu amigo,

H. J.

P. S. — Já havia lacrado a carta, quando um novo terror assolou minha alma. É possível que falhe a entrega vespertina dos correios e que esta correspondência só chegue à sua mão amanhã de manhã. Nesse caso, caro Lanyon, faça o que lhe pedi na hora que lhe for mais conveniente durante o dia e, mais uma vez, aguarde a chegada de meu mensageiro à meia-noite. Talvez então já seja tarde e, se a noite transcorrer sem novidades, você saberá que nunca voltará a ver Henry Jekyll.

Após ler essa carta, tive certeza de que meu colega enlouquecera; mas até que isso fosse provado de modo cabal, me senti obrigado a fazer o que fora pedido. Quanto menos entendia aquele imbróglio, menos era capaz de avaliar sua importância. E um apelo formulado naqueles termos não poderia ser descartado sem assumir uma grave responsabilidade. Por isso, levantei-me da mesa, peguei um cabriolé de aluguel e segui diretamente para a casa de Jekyll. O mordomo me esperava, pois também recebera à tarde uma carta de instruções, tendo providenciado prontamente um chaveiro e um carpinteiro. Como os dois chegaram enquanto conversávamos, seguimos juntos para o anfiteatro cirúrgico do velho dr. Denman, a partir do qual (como você sem dúvida sabe) facilmente se atinge o gabinete de trabalho de Jekyll. A porta era muito resistente, a fechadura, de ótima qualidade. O carpinteiro confessou que, caso usasse a força bruta, teria de fazer um grande esforço e causaria muitos estragos; o chaveiro quase entrou em desespero mas, sendo um homem competente, após duas horas conseguiu abrir a porta. O armário identificado com a letra E estava destrancado e tirei a gaveta, que mandei encher de palha e embrulhar num pano, voltando com ela a Cavendish Square.

Ao chegar aqui, examinei seu conteúdo. Os pós estavam dispostos corretamente, mas não com a precisão de um farmacêutico, o que comprovava terem sido preparados por Jekyll. Num dos embrulhinhos que abri, havia o que me pareceu ser apenas um sal cristalino de cor branca. O pequeno frasco, que examinei a seguir, estava cheio até quase a metade com um líquido cor de sangue, de forte cheiro acre e parecendo conter fósforo e algum éter volátil. Não tenho ideia do que fossem os demais ingredientes. O livro consistia essencialmente num registro de datas que cobriam um longo período, mas as entradas cessavam de modo brusco quase um ano antes. Aqui e ali via-se uma observação ao lado de certas datas, em geral nada mais que a palavra “duplo”, presente talvez meia dúzia de vezes num total de centenas de entradas. Uma delas, no início da lista, dizia “fracasso total” e era seguida de vários pontos de exclamação. Conquanto tudo isso aguçasse minha curiosidade, pouco me dizia de definitivo. Lá estava o frasco com algum sal e o registro de uma série de

experimentos que não havia conduzido (como muitas investigações de Jekyll) a nenhum resultado prático. De que forma a presença daqueles artigos em minha casa poderia afetar a honra, a sanidade mental ou a vida de meu frívolo colega? Se tal mensageiro podia ir a um lugar, por que não ir a outro? E, mesmo admitindo alguma proibição, por que esse cavalheiro precisava ser recebido por mim em segredo? Quanto mais eu refletia, mais convencido ficava de estar lidando com um caso de doença mental. E, embora tivesse mandado os criados dormir, carreguei um velho revólver a que pudesse recorrer em defesa própria.

As doze badaladas mal haviam acabado de soar em Londres, quando ouvi a aldrava da porta sendo batida de leve. Eu mesmo fui atender, deparando com um homem baixo encostado às colunas do pórtico.

“O senhor vem em nome do dr. Jekyll?”, perguntei.

Ele concordou com um gesto inibido e, quando lhe fiz sinal para que entrasse, só me obedeceu depois de lançar um olhar inquisitivo para a praça às escuras. Havia um policial não muito distante, que se aproximava com a lanterna acesa; ao vê-lo, acho que meu visitante teve um sobressalto e apressou-se a entrar.

Confesso que esses pormenores me causaram mal-estar e, ao segui-lo até o bem iluminado consultório, não larguei o revólver. Ali, por fim, tive a oportunidade de vê-lo claramente. Nunca o encontrara antes, isso era certo. Tratava-se de um homem baixo, como disse anteriormente; impressionaram-me suas feições espantosas, assim como a notável combinação de grande agilidade muscular e aparente debilidade física, e — não menos extraordinário — a estranha perturbação subjetiva causada por sua presença. Era algo semelhante ao início de um estado de choque, acompanhado por uma acentuada queda da pulsação cardíaca. No momento, atribuí isso a alguma antipatia pessoal e idiossincrática, prestando atenção apenas no grau dos sintomas; desde então, contudo, tenho razões para crer que a causa possui raízes muito mais profundas na natureza humana, vinculando-se a algum elemento mais nobre do que a mera aversão.

Essa pessoa (que, desde sua chegada, despertou em mim o que só posso descrever como uma curiosidade malsã) estava vestida de um modo que tornaria risível alguém normal; suas roupas, embora de tecidos caros e sóbrios, eram de um tamanho muito maior que o dele — a calça dobrada para impedir que se arrastasse no chão, a cintura do casaco abaixo dos quadris, a gola se derramando sobre os ombros. Por estranho que pareça, essas vestimentas ridículas não me fizeram rir. Pelo contrário, como havia algo anormal e defeituoso na própria essência da criatura que então me encarava — algo envolvente, incomum e repugnante —, essa nova disparidade parecia ser parte dela e reforçá-la, de modo que, ao meu interesse na natureza e temperamento do homem, veio somar-se a curiosidade sobre sua origem, vida, circunstâncias e posição no mundo.

Essas observações, conquanto tenham ocupado tanto espaço para registrá-las, foram o produto de alguns segundos. Meu visitante, sem dúvida, estava tomado de sombria excitação.

“Consegui tudo?”, exclamou. “Trouxe tudo?” E tão intensa era sua impaciência que até segurou meu braço e tentou sacudi-lo.

Afastei-o, consciente de que, àquele toque, o sangue congelara em minhas veias por um instante. “Venha, meu senhor”, eu disse. “Lembre-se que ainda não tive o prazer de conhecê-lo. Sente-se, por favor.” E lhe dando o exemplo, acomodei-me no assento costureiro e fiz uma imitação tão boa de meu comportamento usual com algum paciente quanto me permitiam a hora tardia, a natureza de minhas preocupações e o horror que me inspirava o visitante.

“Perdoe-me, dr. Lanyon”, ele respondeu de forma bastante educada. “O que o senhor diz é perfeitamente correto, e a impaciência superou minha cortesia. Venho aqui a pedido de seu colega dr. Henry Jekyll, devido a uma questão de certa importância; e entendi...” Fez uma pausa e levou a mão à garganta, deixando-me ver que, malgrado seu comportamento comedido, ele lutava contra a aproximação da histeria. “Entendi que uma gaveta...”

Nesse momento, senti pena do meu visitante e, talvez, também da minha crescente curiosidade.

“Ali está ela, meu senhor”, eu disse, apontando para a gaveta, que se encontrava no chão, atrás de uma mesa e ainda coberta com o pano.

Ele saltou na direção dela e em seguida se deteve, pondo a mão no coração. Ouvi seus dentes rangendo com o movimento convulsivo dos maxilares, o rosto tão horripilante de ver que temi por sua vida e sanidade mental.

“Controle-se”, eu disse.

Ele me devolveu um sorriso medonho e, como se movido pelo desespero, arrancou o pano. Examinando o conteúdo, soltou um grito alto e sufocado, demonstrando um alívio tão imenso que me deixou petrificado. No momento seguinte, numa voz já razoavelmente controlada, perguntou: “O senhor tem uma pipeta?”.

Levantei-me com esforço de meu assento e lhe entreguei o que desejava.

Agradeceu-me, sorridente, com um aceno de cabeça, mediu algumas gotas do líquido vermelho e acrescentou um dos pós. A mistura, que tinha de início uma coloração avermelhada, começou a clarear à medida que os cristais se dissolveram, efervescendo de maneira audível e lançando algumas exalações de vapor. De repente, a ebulição cessou e a poção assumiu um tom roxo-escuro, que lentamente se transformou em um verde-água. Meu visitante, que observara com atenção essas metamorfoses, sorriu, descansou o copo sobre a mesa e, voltando-se para trás, me encarou com ar de interrogação.

“E agora”, disse, “para acertarmos o que falta. O senhor será inteligente e aceitará meu conselho, permitindo que eu saia de sua casa com este copo na mão sem mais palavras? Ou a avidez da curiosidade o domina? Pense antes de responder, pois sua vontade será obedecida. Se preferir, tudo permanecerá como antes, o senhor não ficará nem mais rico nem mais sábio, a menos que a sensação de ter prestado um favor a um homem em situação de extrema necessidade possa contar como uma riqueza da alma. Ou, se assim quiser, aqui e agora se abrirão diante de si uma nova província de saber, assim como novas avenidas de fama e poder; e o senhor se defrontará com algo prodigioso, capaz de provocar descrença no próprio Satã.”

“Escute”, respondi, fingindo uma frieza que estava longe de sentir, “como o senhor fala por enigmas, talvez não se surpreenda que eu o ouça sem dar maiores sinais de confiança. Mas já fui longe demais prestando serviços inexplicáveis para me deter antes de chegar ao final.”

“Muito bem”, retrucou meu visitante. “Lanyon, você se lembra do seu juramento: o que se seguirá deve permanecer sob o sigilo da nossa profissão.² E agora, você que por tanto tempo se restringiu às opiniões mais estreitas e materialistas, você que negou as virtudes da medicina transcendental, que zombou dos que sabiam mais do que você... veja!”

Levou o copo aos lábios e bebeu de um gole. Seguiu-se um grito; ele balançou, cambaleou, agarrou-se à mesa para se manter de pé, olhando fixamente para a frente com os olhos injetados de sangue, arfando de boca aberta; e, enquanto eu o observava, tive a impressão de que se processava uma mudança: ele pareceu inchar, o rosto de repente ficou negro e as feições pareceram se derreter e se alterar. Um

momento depois, levantei-me de um salto e me encostei à parede, os braços erguidos a fim de me proteger daquele fenômeno sobrenatural, meu cérebro inundado de terror.

“Oh, Deus!”, gritei, “Oh, Deus!”, repeti várias vezes, pois ali, diante de meus olhos — pálido e trêmulo, quase desfalecendo e tateando à sua frente —, estava Henry Jekyll!

Não consigo me decidir a pôr no papel o que ele me contou na hora seguinte. Vi o que vi, ouvi o que ouvi, e minha alma adoeceu por conta disso; agora, no entanto, quando aquela visão se apagou de meus olhos, me pergunto se creio nela, e não sei responder. Minha vida foi abalada até as raízes, o sono me abandonou; os terrores mais mortais me acompanham a qualquer hora do dia e da noite, sinto que meus dias estão contados, mas não obstante morrerei incrédulo. Quanto à torpeza moral que ele me revelou, ainda que com lágrimas de remorso, não posso, nem em pensamento, visitar sem um sobressalto de horror. Direi apenas uma coisa, Utterson, que será suficiente caso você esteja em condições de acreditar nela. A criatura que se arrastou até minha casa naquela noite, conforme confessou o próprio Jekyll, era conhecida pelo nome de Hyde e vinha sendo caçada em todos os quadrantes do país como o assassino de Carew.

HASTIE LANYON

O relato completo do caso por Henry Jekyll

Nasci em 18... no seio de uma família muito rica, sendo ademais bem-dotado fisicamente, operoso por natureza e interessado em obter o respeito das pessoas boas e sábias ao meu redor, tendo assim, como se pode supor, todas as garantias de um futuro digno e meritório. Na verdade, o pior de meus defeitos era certa disposição alegre e entusiástica que faria a felicidade de muitos, mas que achei difícil conciliar com meu desejo imperioso de manter a cabeça alta, exibindo publicamente um semblante mais sério do que é comum. Daí resultou que escondi meus prazeres e, quando anos depois, fui capaz de refletir e comecei a olhar em volta para medir meu progresso e minha posição no mundo, já estava comprometido com uma profunda duplicidade. Muitos homens teriam se vangloriado dos pecadilhos que cometi; mas, da posição elevada em que me pusera, contemplei-os e os escondi com um senso quase mórbido de vergonha. Desse modo, foi a natureza exigente de minhas aspirações, mais do que qualquer degradação peculiar de caráter, que fez de mim o que sou e que, cavando uma vala mais profunda do que na maioria dos homens, separou dentro de mim as províncias do bem e do mal que caracterizam a condição dual do ser humano. Em consequência, fui levado a meditar profunda e inveteradamente sobre essa dura lei da vida que se encontra na raiz da religião e constitui uma das mais abundantes fontes de angústia. Embora uma pessoa profundamente dúplice, de modo algum eu era um hipócrita; ambas as partes dentro de mim eram perfeitamente autênticas. Eu não era mais genuíno quando ignorava todas as restrições e mergulhava na vergonha do que quando labutava, à luz do dia, em prol do avanço do saber ou do alívio da tristeza e do sofrimento. E, por acaso, a direção de meus estudos científicos, que me levou por inteiro rumo ao místico e ao transcendental, reagiu a essa consciência da guerra eterna em minha carne,¹ lançando sobre ela uma forte luz. Dia após dia, e dos dois lados de minha inteligência, o moral e o intelectual, fui me aproximando mais e mais da verdade, cuja descoberta parcial me valeu um desastre pavoroso: a de que o homem não é de fato uno, e sim duplo. Digo duplo porque, no estágio de conhecimento em que me encontro, não posso ir além desse ponto. Outros virão, outros me superarão nessas mesmas linhas; e ousa sugerir que o homem será um dia conhecido como um conjunto de cidadãos multifacetados, incongruentes e independentes. Da minha parte, pela natureza da minha vida, avancei infalivelmente numa direção, e só numa direção. Foi no lado moral, e em minha própria pessoa, que aprendi a reconhecer a dualidade absoluta e primordial do homem; vi que, das duas naturezas que duelavam na liça de minha consciência, mesmo que pudesse ser dito com justiça que eu era uma ou outra, isso se devia apenas ao fato de que eu consistia radicalmente em ambas; e desde cedo, antes mesmo que minhas descobertas científicas começassem a sugerir a mais remota possibilidade de tal milagre, aprendi a contemplar com prazer, como se num devaneio predileto, a ideia de separar esses elementos. Se cada um, pensei, pudesse ocupar

identidades distintas, a vida seria aliviada de tudo que é insuportável; o injusto seguiria seu caminho, livre das aspirações e do remorso de seu gêmeo mais digno; e o justo poderia percorrer com passos fortes e seguros seu caminho ascendente, praticando as boas ações que lhe dão prazer, não mais exposto à desgraça e à penitência causadas por obra daquele mal extrínseco. A maldição da humanidade foi que esses dois feixes incongruentes tivessem sido amarrados juntos — que no ventre angustiado da consciência aqueles gêmeos opostos lutem continuamente. Como, então, foram dissociados?

Eu estava bem adiantado em minhas reflexões, quando, como disse, uma luz lateral começou a incidir sobre o assunto com base no que eu aprendia na mesa do laboratório. Passei a perceber, mais profundamente do que até então se afirmara, a trêmula imaterialidade, a transitoriedade diáfana deste corpo aparentemente tão sólido que cobrimos de roupas e com o qual nos deslocamos. Descobri que certos agentes têm o poder de abalar e remover essa cobertura carnal, tal como o vento faz tremular as cortinas de um pavilhão. Por duas boas razões não vou me aprofundar na linha científica de minha confissão. Primeiro, porque fui obrigado a aprender que as agruras e angústias de nossa vida estão postas para sempre sobre nossos ombros e, quando se tenta descartá-las, elas voltam com um peso mais estranho e mais terrível. Segundo, porque, como esta narrativa tornará (infelizmente!) bem claro, minhas descobertas foram incompletas. Assim, basta dizer que não somente reconheci que meu corpo natural era apenas a aura e a radiância de alguns poderes que compõem meu espírito, como ainda consegui preparar uma poção com a qual tais poderes, destronados de sua supremacia, davam lugar a uma segunda forma e fisionomia, não menos naturais para mim por serem a expressão dos elementos inferiores da minha alma, trazendo a marca de tal subordinação.

Hesitei muito antes de testar na prática essa teoria. Eu bem sabia que me expunha ao risco de morrer, pois qualquer substância que, com tamanha potência, controlava e abalava a própria fortaleza da identidade, poderia, graças a um diminuto erro de dosagem ou à sua aplicação em momento impróprio, destruir para sempre aquele invólucro imaterial que, com a ajuda dela, eu buscava modificar. Mas a tentação de uma descoberta tão excepcional e profunda por fim superou os indícios de perigo. Havia muito eu tinha preparado a solução; comprei imediatamente, de uma firma de atacadistas farmacêuticos, grande volume de certo sal que, com base em meus experimentos, eu sabia ser o último ingrediente exigido. E, bem tarde numa noite maldita, misturei os elementos, observei-os ferver e fumar ao se mesclarem no copo e, terminada a ebulição, num arroubo de coragem bebi a poção.

Seguiram-se as dores mais atrozes; os ossos sendo triturados, uma náusea doentia, um horror espiritual que não pode ser superado na hora do nascimento ou da morte. Tais agonias começaram a ceder rapidamente e me senti como se houvesse vencido uma grave enfermidade. Havia algo estranho em minhas sensações, algo indescritivelmente novo e, graças à sua própria novidade, incrivelmente agradável. Senti-me mais jovem, mais leve, fisicamente mais feliz. Dentro de mim, tomei consciência de uma ousadia embriagadora, de uma torrente de imagens sensuais passando aos borbotoes diante de meus olhos, da dissolução dos laços do dever, de uma inaudita liberdade da alma, mas em nada inocente. Ao primeiro sopro dessa nova vida, eu me sabia mais perverso, dez vezes mais perverso, escravizado à minha maldade original; e esse pensamento, naquele instante, me revigorou e deliciou como um bom vinho. Entusiasmado com a novidade de tais sensações, estendi os braços e, de pronto, me dei conta de que havia diminuído de estatura.

Naquela época, não havia um espelho no gabinete; o que se encontra ao meu lado

no momento em que escrevo foi trazido mais tarde, e por causa justamente dessas transformações. Como a noite ia avançada e a manhã, embora muito escura, estivesse prestes a conceber o dia, decidi, inflamado pela esperança e pelo triunfo, mas também sabendo que a criadagem estava ferrada no sono, aventurar-me a ir até meu quarto sob a forma que acabara de assumir. Atravessei o quintal, onde imagino que as constelações tenham observado com pasmo a primeira criatura daquele tipo que até então lhes havia sido revelada durante sua vigília infatigável. Esgueirei-me pelos corredores, um estranho em minha casa; e, chegando ao quarto, vi pela primeira vez a fisionomia de Edward Hyde.

Aqui preciso falar teoricamente, não dizendo o que sei, e sim o que suponho ser mais provável. O lado mau de minha natureza, ao qual eu havia agora concedido a capacidade de corporização, era menos robusto e menos desenvolvido que o recém-deposto lado bom. Por certo, no curso de minha vida — nove décimos da qual compostos de esforço, virtude e controle —, aquele lado fora menos exercitado e menos gasto. Suponho que, por isso, Edward Hyde era bem menor, mais magro e mais jovem que Henry Jekyll. Assim como o bem iluminava o rosto de um, o mal estava clara e decisivamente estampado na face do outro. Além disso, o mal (que ainda acredito ser a parte letal do homem) deixara naquele corpo uma marca de deformidade e degenerescência. No entanto, ao contemplar a feia imagem no espelho, não senti nenhuma repugnância, e sim o impulso de lhe dar boas-vindas. Aquele também era eu. Parecia natural e humano. Aos meus olhos, constituía uma representação mais vivaz do espírito, parecia mais categórica e genuína que a fisionomia imperfeita e dividida até então identificada comigo. E, até esse ponto, eu sem dúvida estava certo. Observei que, quando portava as feições de Edward Hyde, ninguém era capaz de se aproximar sem demonstrar de imediato uma visível apreensão corporal. A meu juízo, isso se devia ao fato de que todos os seres humanos que conhecemos são uma mescla do bem e do mal, enquanto Edward Hyde, exceção nas fileiras da humanidade, era o puro mal.

Demorei-me só por um momento diante do espelho, pois o segundo e conclusivo experimento ainda precisava ser levado a termo: cabia verificar se eu perdera minha identidade de modo irreversível, precisando fugir antes de o sol raiar de uma casa que já não me pertencia; e, regressando às pressas a meu gabinete, mais uma vez preparei a poção e a bebi, de novo sofri o tormento da dissolução, porém voltei a assumir a natureza, a estatura e o rosto de Henry Jekyll.

Naquela noite eu chegara à encruzilhada fatal. Caso tivesse abordado minha descoberta com um espírito mais nobre, caso houvesse me arriscado a fazer o experimento guiado por aspirações generosas e condignas, tudo poderia ser diferente, e dessas agonias de morte e nascimento eu teria saído como um anjo e não como um demônio. A poção não discriminava, não era nem diabólica nem divina; mas abria as portas da prisão de meu ser e, como os cativos de Filipos,² o que havia lá dentro escapou. Naquele tempo minha virtude dormitou; meu lado mau, mantido acordado pela ambição, estava alerta e pronto para se beneficiar da ocasião, e o que sobressaiu foi Edward Hyde. Assim, embora eu tivesse passado a possuir duas índoles e duas aparências, uma era totalmente má e a outra continuava a ser o velho Henry Jekyll, aquele amálgama contraditório cuja reforma e aperfeiçoamento eu já perdera a esperança de realizar. Desse modo, tudo tendia a piorar.

Mesmo naquela época eu não havia superado minha aversão à insipidez de uma vida de estudos. Às vezes ainda sentia vontade de me divertir; e, como meus prazeres eram (para dizer o mínimo) indignos, essa incoerência em minha vida se tornava cada dia mais desagradável por ser eu uma pessoa muito conhecida e bem considerada,

além de ter uma idade avançada. Foi por aí que meu novo poder exerceu sua tentação até me escravizar. Era suficiente beber a poção para descartar de imediato o corpo do famoso professor e assumir, como um grosso manto, o de Edward Hyde. Essa ideia me fazia sorrir, parecia-me então algo cômico, mas me preparava com o máximo de cuidado. Comprei e mobillei aquela casa no Soho, onde a polícia foi procurar Hyde; e contratei como governanta uma criatura que eu conhecia bem por seu silêncio e falta de escrúpulos. Por outro lado, anunciei aos criados que um certo sr. Hyde (que descrevi) teria livre acesso e poder de mando em minha casa na praça; e, a fim de evitar percalços, até fiz visitas e me tornei conhecido usando a segunda personalidade. Formulei depois o testamento ao qual você tanto se opôs, de modo que, caso me ocorresse algo na pessoa do dr. Jekyll, eu pudesse seguir adiante na de Edward Hyde sem incorrer em perdas pecuniárias. E, supondo estar assim protegido por todos os lados, comecei a tirar vantagem das estranhas imunidades de minha posição.

Muitos homens contrataram assassinos de aluguel para cometer crimes, mantendo-se a salvo e à sua reputação. Fui o primeiro a fazer isso para satisfazer seus prazeres. Fui o primeiro capaz de desfilar diante dos olhos do público exibindo uma respeitabilidade cordial e, momentos depois, como um jovem estudante, me despir de tal aparato e mergulhar de cabeça no mar da liberdade. Para mim, sob meu manto impenetrável, a segurança era total. Pense bem: eu nem mesmo existia! Bastava escapar para o laboratório e, em um ou dois segundos, misturava e bebia a poção que sempre mantinha à mão; e, o que quer que ele houvesse feito, Edward Hyde desapareceria como a marca de um bafo no espelho; e lá, em seu lugar, tranquilamente em casa, trabalhando até tarde em seu gabinete, estaria um homem capaz de se dar ao luxo de rir de qualquer suspeita: Henry Jekyll.

Os prazeres que me apressei a buscar sob meu disfarce eram, como disse, indignos; dificilmente usaria um termo mais duro. Mas, nas mãos de Edward Hyde, logo se tornaram monstruosos. Quando eu voltava dessas excursões, com frequência mergulhava numa espécie de pasmo diante da depravação que vivia por intermédio dele. Esse ser que eu fazia surgir de minha própria alma e liberava para buscar seus prazeres era inerentemente maligno e perverso; todos os seus atos e pensamentos centravam-se em si mesmo, extraindo prazer com avidez animal dos sofrimentos de outrem, implacável como se feito de pedra. Henry Jekyll por vezes se chocava com os atos de Hyde, mas a situação escapava às leis normais e debilitava insidiosamente os controles da consciência. Afinal, o culpado era Hyde, e só ele. Jekyll não era afetado, retomava suas virtudes aparentemente ileso, inclusive se esforçando, quando possível, para desfazer os malfeitos de Hyde. E assim sua consciência cochilava.

Não tenciono descer aos detalhes das infâmias com que fui conivente (pois mesmo agora sou incapaz de admitir que as cometi); limitar-me-ei a indicar as advertências e os passos sucessivos que precederam meu castigo. Sofri um acidente que, como não teve maiores consequências, apenas mencionarei. Um ato de crueldade com uma criança provocou contra mim a ira de um passante, que outro dia reconheci ser seu parente. O médico e a família da criança se uniram a ele e houve momentos em que temi por minha vida; por fim, de modo a minorar o justo ressentimento deles, Edward Hyde foi obrigado a trazê-los até a porta e lhes entregar um cheque assinado por Henry Jekyll. No entanto, esse perigo foi facilmente eliminado no futuro com a abertura de uma conta em nome de Edward Hyde em outro banco; e, quando forneci a meu duplo uma assinatura reduzindo a inclinação de minhas letras, achei que me pusera fora do alcance do destino.

Uns dois meses antes do assassinato de sir Danvers, tendo saído para uma de minhas aventuras, voltei tarde da noite e acordei no dia seguinte com estranhas

sações. Em vão olhei ao redor; em vão reparei na mobília decente e nas elegantes proporções de meu quarto na casa da praça; em vão reconheci o desenho das cortinas da cama e do dossel de mogno; algo continuava a insistir em que eu não estava ali, e sim no pequeno quarto do Soho onde costumava dormir no corpo de Edward Hyde. Sorri e, como é de meu feitio psicológico, comecei sem pressa a analisar os elementos dessa ilusão, ocasionalmente recaindo numa confortável modorra matinal. Num dos momentos em que me senti mais desperto, atentei para minha mão. Ora, como você várias vezes comentou, a mão de Henry Jekyll era a de um médico pelo formato e pelo tamanho: grande, firme, branca e bem proporcionada. Mas a que vi naquele instante com bastante clareza na luz amarelada de uma manhã londrina, descansando entreaberta sobre o lençol, era magra, com veias salientes, nodosa, de uma palidez sombria, com profusos pelos negros. A mão de Edward Hyde.

Imerso na simples estupidez do pismo, devo ter olhado fixo para ela por meio minuto antes que o terror eclodisse em meu peito tão súbita e surpreendentemente como o choque de pratos numa orquestra e eu pulasse da cama a fim de correr até o espelho. Meu sangue se transformou em algo estranhamente ralo e gelado diante da visão com que me deparei. Sim, eu havia ido dormir como Henry Jekyll e acordara como Edward Hyde. Como explicar isso?, me perguntei, e então, em novo surto de terror, indaguei também como reverter aquilo. A manhã já ia alta, os criados achavam-se de pé; todos os produtos químicos estavam no gabinete. De onde eu me encontrava, em estado de choque, era um longo trajeto a percorrer através de duas escadas, o corredor dos fundos, o quintal e o anfiteatro cirúrgico. Na verdade, seria possível cobrir o rosto, mas de que serviria isso quando eu não podia esconder a mudança de minha altura? Então, com doce alívio, me lembrei de que os criados já estavam acostumados com a presença do meu duplo. Vesti-me da melhor maneira possível com roupas de meu tamanho e atravessei a casa, tendo Bradshaw se assustado ao ver o sr. Hyde tão cedo e vestido de forma tão esquisita; dez minutos depois, de volta a seu formato original, o dr. Jekyll se sentava à mesa, carrancudo, a pretexto de tomar o café da manhã.

Meu apetite era muito pequeno. Esse incidente inexplicável, a inversão do experimento, parecia, como a escrita na parede babilônica,³ prenunciar meu fim, e comecei a refletir mais seriamente do que antes sobre as questões e possibilidades de minha existência dupla. Aquela parte de mim que eu detinha o poder de projetar se exercitara muito ultimamente e se fortalecera, dando a impressão de que o corpo de Edward Hyde havia ficado mais alto, como se consciente de que, quando eu usava aquela forma, meu organismo se tornava mais vigoroso. E comecei a perceber o perigo de que, se isso se prolongasse muito, o equilíbrio de minha natureza ficasse comprometido para sempre, o poder da mudança voluntária fosse confiscado e o caráter de Edward Hyde se tornasse irrevogavelmente o meu. O poder da poção não se manifestara sempre de modo idêntico. Certa vez, bem no começo das transformações, falhara por completo; desde então, eu fora obrigado, em mais de uma ocasião, a duplicar e, um dia, com infinito risco de vida, a triplicar a dose. Mas essas raras incertezas tinham sido a única sombra a empanar minha alegria. Agora, contudo, à luz daquele acidente matutino, fui levado a observar que, enquanto no começo a dificuldade tinha residido em me livrar do corpo de Jekyll, nos últimos tempos o problema se transferira de forma gradual mas indubitável para o outro lado. Assim, tudo apontava para o fato de eu estar lentamente perdendo o controle de minha personalidade original e mais digna e lentamente me incorporando à segunda e mais torpe personalidade.

Senti que precisava escolher entre as duas. Minhas duas naturezas tinham em

comum a memória, porém as demais faculdades eram distribuídas de modo desigual entre elas. Jekyll (que representava o somatório), por vezes com graves apreensões, outras vezes com ávido entusiasmo, projetava Hyde e compartilhava dos prazeres e aventuras dele; mas Hyde era indiferente a Jekyll, ou só se recordava dele como um bandido das montanhas se lembra da caverna em que se esconde dos perseguidores. Jekyll tinha um interesse mais do que paterno, Hyde era mais indiferente que um filho. Decidir em favor de Jekyll significaria abandonar aqueles apetites a que por longo tempo eu cedera em segredo e mais recentemente começara a desfrutar sem limites. Decidir em favor de Hyde significaria abrir mão de milhares de interesses e aspirações, tornar-me, de um golpe e para sempre, desprezado e sem amigos. A escolha pareceria desigual, porém havia outra consideração, porque, enquanto Jekyll iria sofrer amargamente os suplícios da abstinência, Hyde nem tomaria consciência do que havia perdido. Apesar de minhas circunstâncias serem estranhas, os termos desse debate são tão antigos e banais quanto o ser humano; praticamente os mesmos atrativos e temores estão em jogo para qualquer pecador sujeito à tentação e trêmulo de apreensão; e comigo aconteceu, como ocorre com a maioria de meus semelhantes, escolher a parte melhor, sem ter, no entanto, a força necessária para sustentar a opção feita.

Sim, preferi o doutor idoso e insatisfeito, cercado de amigos e acalentando esperanças honestas; e dei um adeus resolutivo à liberdade, à relativa mocidade, aos passos ágeis e aos prazeres secretos que gozara disfarçado de Hyde. Fiz tal escolha talvez com reservas inconscientes, pois nunca me desfiz da casa no Soho nem destruí as roupas de Edward Hyde, guardadas ainda em meu armário e prontas para ser usadas. Durante dois meses, entretanto, mantive minha determinação; durante dois meses levei uma vida mais severa do que até então conseguira, desfrutando as compensações de uma consciência agradecida. Mas por fim o tempo começou a solapar a urgência de meus receios; os elogios da consciência se tornaram corriqueiros; comecei a ser torturado por espasmos e ânsias, como se Hyde lutasse para se libertar; e finalmente, num momento de fraqueza moral, mais uma vez preparei e bebi a poção transformadora.

Não imagino que, quando reflete sobre seu vício, um alcoólatra seja afetado uma vez em cada quinhentas libações pelos perigos que corre por causa de sua animalesca insensibilidade física; nem eu, malgrado houvesse por longo tempo considerado minha posição, havia levado na devida conta a absoluta insensibilidade moral e predisposição insana ao mal que eram as características principais de Edward Hyde. Todavia, foi por elas que me vi punido. Meu demônio, enjaulado por demasiado tempo, saiu tropejando. Ainda enquanto ingeria a poção, fiquei consciente de uma propensão à mais desenfreada, à mais furiosa malevolência. Suponho que isso provocou em minha alma aquela tempestade de impaciência com que ouvi as palavras cortesias de minha infeliz vítima; ao menos declaro, perante Deus, que nenhum homem moralmente sã seria culpado de tal crime por uma provocação tão insignificante; e que desferi os golpes num espírito não mais razoável que aquele com que uma criança enferma pode quebrar um brinquedo. Mas eu me despojara voluntariamente de todos aqueles instintos equilibradores por conta dos quais mesmo o pior de nós continua a seguir seu caminho com alguma firmeza em meio a todas as tentações. E no meu caso ser tentado, ainda que ligeiramente, significava cair.

Num instante o espírito do mal acordou em mim e se enfureceu. Com um arrebatamento de alegria, espanquei o corpo indefeso, me deliciando com cada golpe; e só quando o cansaço começou a se fazer sentir é que, de repente, no auge de meu delírio, fui atingido no coração por uma punhalada de terror. Uma névoa levantou-se,

sentí que perdera o controle de minha vida; e fugi da cena de tais excessos ao mesmo tempo exultante e trêmulo, minha sede de maldade gratificada e estimulada, meu amor pela vida elevado ao máximo. Corri para a casa no Soho e, num excesso de zelo, destruí meus documentos; saí depois pelas ruas iluminadas por lâmpões no mesmo estado de divisão mental, extasiado com meu crime e planejando despreocupadamente outros no futuro, embora ao mesmo tempo escapando às pressas e prestando atenção para ouvir às minhas costas os passos do vingador. Hyde cantarolava ao preparar a poção e, ao bebê-la, brindou o homem morto. As dores da transformação não haviam terminado de dilacerá-lo quando Henry Jekyll, com lágrimas de gratidão e remorso, caiu de joelhos e juntou as mãos numa prece a Deus. O véu da autoindulgência foi rasgado de cima a baixo. Vi minha vida como um todo: segui-a desde a infância, quando dera a mão a meu pai para andar; e ao longo da labuta e dos sacrifícios de minha trajetória profissional, chegando a cada vez, com a mesma sensação de irrerealidade, aos horrores demoníacos daquela noite. Quase urrei; procurei com lágrimas e preces afogar o turbilhão de imagens e sons que minha memória lançava contra mim; e, apesar de tudo, em meio às súplicas, a hedionda face de meu espírito perverso olhava no fundo da minha alma. À medida que a intensidade desse remorso começou a esmorecer, seu lugar foi tomado por uma sensação de júbilo. O problema de minha conduta estava resolvido. Hyde era a partir de então impossível; quisesse ou não, eu estava agora confinado na melhor parte de minha existência, e como me regozijava esse pensamento! Com que entusiástica humildade voltei a abraçar as restrições da vida natural! Com que sincera renúncia tranquei a porta através da qual eu passara tantas vezes e esmaguei a chave sob o salto do sapato!

No dia seguinte chegaram as notícias de que o assassinato tinha sido solucionado, que a culpa de Hyde ficara patenteada para todo mundo e que a vítima era um homem público muito conceituado. Não era apenas um crime, tinha sido uma trágica loucura. Acho que gostei de saber disso, acho que gostei de ter meus melhores impulsos assim fortalecidos e protegidos dos terrores da força. Jekyll era agora meu refúgio; se Hyde aparecesse por um instante, as mãos de todos se levantariam para prendê-lo e matá-lo.

Decidi redimir o passado por meio de minha conduta futura, e posso afirmar honestamente que tal determinação deu bons frutos. Você mesmo sabe com que afínco, nos últimos meses do ano passado, me dediquei a aliviar o sofrimento de outros seres e como os dias transcorreram pacificamente, me deixando quase feliz. Nem posso de fato dizer que me cansei dessa vida benemerente e sem pecados; em vez disso, cada dia sentia maior prazer. Mas continuava amaldiçoado por minha dualidade; e, à medida que o primeiro impulso de minha penitência perdia força, a parte mais baixa de mim, por tanto tempo gratificada e só recentemente acorrentada, começou a rosnar para ser libertada. Não que eu sonhasse em ressuscitar Hyde, essa simples ideia me deixava furioso. Não, estava tentando uma vez mais a brincar com minha consciência em meu próprio corpo; e foi como um pecador secreto comum que por fim cedi aos ataques da tentação.

Tudo chega ao fim; a mais ampla capacidade algum dia é preenchida; e aquela breve condescendência ao lado mal terminou por destruir o equilíbrio de minha alma. No entanto, não me alarmei; a queda pareceu natural, como um regresso aos velhos dias antes de eu haver feito minha descoberta. Era um dia claro e agradável de janeiro, úmido sob os pés onde a fina camada de neve derreteria, mas sem uma nuvem no céu. O Regent's Park⁴ estava cheio de chilreios inverniais e de doces aromas primaveris. Sentei-me num banco sob o sol; o animal que havia dentro de mim lambia os beijos da memória; o lado espiritual dormitava um pouco, prometendo fazer uma penitência

mais tarde, mas sem visível forças para agir. Afinal, refleti, eu era como meus vizinhos; e então sorri comparando-me a outros homens, comparando minhas boas ações com a crueldade indolente que resultava da negligência deles. E, no instante em que tive esse pensamento arrogante, fui acometido de uma vertigem, uma náusea horrível e um tremor mortal. Essas sensações passaram, me deixando à beira de um desmaio; depois, quando também a tonteira se dissipou, comecei a tomar consciência de uma mudança na natureza de meus pensamentos, uma maior audácia, um desprezo pelo perigo, uma dissolução dos laços do dever. Olhei para baixo, minhas roupas pendiam disformes sobre os membros encolhidos; a mão pousada no joelho tinha veias saltadas e era peluda. Mais uma vez eu era Edward Hyde. Um instante antes contava com o respeito de todos, um homem rico e estimado, a mesa posta na sala de jantar de minha casa esperando por mim; e agora eu não passava de alguém caçado pela sociedade, sem teto, um conhecido assassino, condenado à força.

Minha sanidade mental vacilou, porém não me falhou de todo. Mais de uma vez observei que, em minha segunda natureza, as faculdades pareciam mais agudas e as reações mais elásticas. E assim, ali onde Jekyll poderia ter sucumbido, Hyde se mostrou à altura do desafio. Os produtos químicos estavam em um dos armários de meu gabinete de trabalho: como poderia ter acesso a eles? Esse era o problema que (apertando as têmporas com as mãos) me propus a resolver. Eu havia trancado a porta do laboratório. Se procurasse entrar pela casa, meus próprios criados me levariam à força. Vi que precisava empregar outras mãos, e pensei em Lanyon. De que forma comunicar-me com ele? Persuadi-lo? Supondo que eu escapasse de ser capturado nas ruas, como chegar até ele? E como eu poderia, um visitante desconhecido e desagradável, convencer o famoso doutor a saquear o gabinete de seu colega, o dr. Jekyll? Lembrei-me então de que, da personalidade original, uma parte permanecera intacta: era capaz de escrever com minha própria caligrafia; e, a partir dessa centelha, o caminho a seguir se iluminou do início ao fim.

Imediatamente ajeitei minhas roupas do melhor modo possível e, chamando um cabriolé que passava, fui para um hotel na Portland Streets cujo nome recordei por acaso. Ao me ver (com a aparência realmente cômica, malgrado o destino trágico que aquelas roupas escondiam), o cocheiro não pôde esconder uma risada. Encarei-o de dentes cerrados com uma fúria diabólica, e o sorriso desapareceu de seu rosto — felizmente para ele, porém ainda mais felizmente para mim, pois um segundo depois eu sem dúvida o teria arrancado da boleia onde estava encarapitado. Ao entrar no hotel, olhei ao redor com um ar soturno que fez os funcionários tremer; não trocaram ao menos um olhar em minha presença; respondendo obsequiosamente às instruções, levaram-me a um quarto particular e me trouxeram material de escrita. Hyde correndo risco de vida era uma criatura nova para mim, tomada de uma raiva imoderada, pronta a matar, sequiosa de infringir dor. No entanto, também astuta, pois controlou a fúria com grande força de vontade; compôs as duas importantes cartas, uma para Lanyon, outra para Poole; e, a fim de comprovar que haviam sido postas no correio, deu ordens para que fossem registradas. A partir de então, ficou sentado o resto do dia no quarto junto à lareira, roendo as unhas; lá jantou, a sós com seus medos, o garçom visivelmente trêmulo em sua presença; e, quando a noite já ia alta, ele se acomodou no canto de uma carruagem de aluguel fechada e vagou pelas ruas da cidade. Ele, eu digo — não consigo dizer “eu”. Aquela criatura vinda do inferno nada tinha de humano; nada vivia nele senão o medo e o ódio. Por fim, imaginando que o cocheiro poderia ficar desconfiado, dispensou a carruagem e se aventurou a pé, vestindo as roupas mal ajustadas, alguém capaz de ser notado em meio aos demais transeuntes noturnos enquanto aquelas duas abjetas paixões o sacudiam como um

vendaval. Andava com passos rápidos, perseguido por seus pavores, falando sozinho, seguindo sorrateiro pelas ruas menos frequentadas, contando os minutos que o separavam da meia-noite. Em certo momento uma mulher falou com ele, oferecendo, acho eu, uma caixa de fósforos. Ele deu-lhe um tapa no rosto e ela fugiu.

Quando voltei a mim na casa de Lanyon, o horror de meu velho amigo talvez tenha me afetado de algum modo. Não sei. Contudo não passou de uma gota quando comparado com o oceano de repugnância com que relembrei aquelas últimas horas. Uma mudança se processara em mim. Não era mais o medo da força, e sim o horror de ser Hyde que me consumia. Recebi a condenação de Lanyon em parte como se num sonho; foi ainda como num sonho que voltei à minha casa e fui me deitar. Dormi após a exaustão do dia, um sono difícil e profundo não rompido nem mesmo pelos pesadelos que me assolavam. Acordei de manhã abalado e enfraquecido, porém descansado. Ainda odiava e temia a ideia de que um ser brutal dormira dentro de mim, e obviamente não esquecera os medonhos perigos que vivera no dia anterior; porém, uma vez mais, estava em casa, em minha própria casa e perto dos meus produtos químicos; e a gratidão por haver escapado reluzia com tamanha força em minha alma que quase ofuscava o brilho da esperança.

Eu atravessava sem pressa o quintal após o café da manhã, deliciando-me com o friozinho do ar, quando fui de novo tomado por aquelas indescritíveis sensações que anunciavam a metamorfose. Mal tive tempo de alcançar o refúgio de meu gabinete de trabalho antes de me sentir mais uma vez enfurecido e congelado pelas paixões de Hyde. Nessa ocasião, fez-se necessária uma dose dupla para recuperar minha identidade, mas, seis horas depois, enquanto contemplava com tristeza o fogo na lareira, infelizmente as dores voltaram e a poção teve de ser ingerida de novo. Em suma, a partir desse dia, apenas graças a um grande esforço físico, como o de um ginasta, e somente por estímulo imediato da poção, fui capaz de exibir a aparência de Jekyll. A qualquer hora do dia ou da noite, vinha o estremecimento premonitório; se dormia ou mesmo cochilava por minutos em minha poltrona, era sempre como Hyde que eu acordava. Sob a tensão desse desastre iminente e devido à falta de sono a que então estava condenado, superior à que eu imaginara possível qualquer homem suportar, tornei-me, em minha própria pessoa, uma criatura dominada pela febre, débil de corpo e de mente, movida por um único pensamento: o horror de meu oposto. No entanto, quando dormia, ou quando acabava o efeito da poção, eu caía quase sem transição (pois as dores da transformação se tornaram a cada dia menos intensas) nas garras de uma imaginação transbordante de imagens de terror, uma alma fervendo com ódios imotivados e um corpo que não dava a impressão de ser suficientemente forte para suportar a energia furiosa que abrigava. Os poderes de Hyde pareciam haver crescido com a debilidade de Jekyll. E sem dúvida o ódio que agora os dividia era igual em ambos os lados. Com Jekyll, tratava-se de um instinto vital. Ele agora vira toda a deformação daquela criatura que com ele compartilhava alguns fenômenos da consciência e a certeza da morte. E, além da comunhão desses vínculos, que em si mesmos compunham a parte mais lancinante de sua angústia, pensava em Hyde, malgrado toda a sua energia vital, como algo não apenas diabólico mas inorgânico. Este o dado chocante: que o lodo do poço parecia emitir sons e gritos, que a poeira amorfa gesticulasse e pecasse; e que o que era morto e não tinha forma pudesse usurpar as funções da vida. E mais ainda: que o horror subversivo fosse tão unido a ele quanto uma esposa, mais próximo que um olho; que ficasse enjaulado em sua carne, onde o ouvia resmungar e lutar para vir ao mundo; e em todos os momentos de fraqueza, na confiança do sono, o conquistava e o despojava da vida. O ódio de Hyde por Jekyll era de natureza diferente. Seu terror do cadafalso o levava

continuamente a se suicidar por algum tempo e regressar à condição subordinada de ser somente uma parte, e não uma pessoa por inteiro; mas detestava essa necessidade, o desespero a que Jekyll tinha sucumbido, ressentindo a repulsa com que era considerado. Daí as brincadeiras simiescas que fazia comigo, escrevendo em minha caligrafia blasfêmias nas páginas dos livros, queimando cartas e destruindo o retrato de meu pai; e, na verdade, não fosse por seu medo da morte, ele havia muito ter-se-ia arruinado para me arrastar à ruína. Mas seu amor pela vida é maravilhoso; vou além: eu, que me enoja e fico gelado apenas em pensar nele, quando relembro a abjeção e a paixão de seu apego à vida, e quando sei como teme meu poder de acabar com ele por meio do suicídio, termino por sentir pena de Hyde.

Inútil prolongar essa descrição, e me falta tempo para isso; basta dizer que ninguém sofreu iguais tormentos; e mesmo a esses o hábito trouxe não, não alívio, mas certa dureza de alma, certa aceitação do desespero; e meu castigo poderia durar anos não fosse a última calamidade que ocorreu agora e que por fim me apartou definitivamente de meu rosto e de minha personalidade. O estoque do sal, que jamais foi renovado desde o primeiro experimento, começou a chegar ao fim. Encomendei um novo suprimento e misturei a poção; seguiu-se a ebulição e a primeira mudança de cor, mas não a segunda; bebi-a e nada ocorreu. Você saberá por Poole como procurei em vão por toda Londres; estou hoje persuadido de que a primeira batelada era impura, sendo essa impureza desconhecida o que tornou eficaz a poção.

Transcorrida mais ou menos uma semana, estou agora acabando esta declaração sob a influência da última dose dos velhos sais. Esta, portanto, é a última vez, exceto se ocorrer um milagre, em que Henry Jekyll pode pensar seus próprios pensamentos ou ver seu próprio rosto (hoje tão tristemente modificado!) no espelho. Nem devo demorar-me demasiado para terminar: se meu relato escapou da destruição até agora, foi por uma combinação de grande prudência e muita sorte. Caso as dores da transformação me surpreendam no ato de escrever, Hyde rasgará as páginas em pedacinhos; no entanto, se passar algum tempo depois que eu as puser de lado, o extraordinário egoísmo e imediatismo de Hyde provavelmente as salvarão mais uma vez de seu rancor simiesco. E, de fato, a perdição que se aproxima de nós dois já o mudou e oprimiu. Dentro de meia hora, quando mais uma vez e para sempre hei de reassumir aquela odiada personalidade, sei como ficarei sentado em minha poltrona, trêmulo e choroso, ou então, num arrebatamento de tensão e pavor, continuarei a caminhar para cima e para baixo neste cômodo (meu derradeiro refúgio terreno) enquanto aguço os ouvidos para detectar qualquer som ameaçador. Será que Hyde morrerá no patíbulo? Ou encontrará coragem para se libertar no último instante? Deus sabe; para mim é indiferente, chegou a hora verdadeira de minha morte, e o que virá no futuro diz respeito a outro que não eu. Aqui, pois, ao descansar a pena e lacrar minha confissão, ponho fim à vida infeliz de Henry Jekyll.

Cronologia

- 1850 Robert Lewis Balfour Stevenson (tendo mais tarde adotado a forma afrancesada de “Louis”) nasce em 13 de novembro de 1850, em Edimburgo. Seu pai, Thomas, pertencia a uma família de engenheiros (famosos na Escócia por seus faróis); a mãe, Margaret Isabella Balfour, vinha de uma família de advogados.
- 1857 A família se muda para o número 17 da Heriot Row, no bairro New Town de Edimburgo.
- 1867 Entra para a Universidade de Edimburgo como aluno de engenharia, a fim de seguir a tradição familiar, mas logo passa a estudar direito.
- 1875 Diploma-se como advogado, sem nunca exercer a profissão.
- 1876 Começa a ter trabalhos publicados em revistas; seus primeiros artigos são na maior parte relatos de viagem baseados nas experiências que teve em vários países. Conhece Fanny Osbourne, norte-americana de trinta e seis anos separada do marido.
- 1877 Publica *An Inland Voyage*, relato de uma viagem de canoa pelo norte da França.
- 1878 Publica *Travels with a Donkey in the Cevennes*, contando suas aventuras no sul da França.
- 1879 Vai ao encontro de Fanny na Califórnia, o que relata mais tarde no livro *The Amateur Emigrant* (1894).
- 1880 Casa-se com Fanny.
- 1881 Publica *Virginia Puerisque* (ensaios).
- 1882 Publica *New Arabian Nights*, coletânea de contos.
- 1883 Publica *The Silverado Squatters*, que conta sua lua de mel numa mina de prata na Califórnia. Também publica *A ilha do tesouro*, um dos mais famosos livros de aventuras para jovens, começando então a firmar sua reputação como escritor.
- 1884 Muda-se para Bournemouth, ocupando a casa que ele e Fanny rebatizam de “Skerrymore”, em homenagem a um dos faróis dos antepassados de Stevenson. Publica “O ladrão de cadáveres” no Natal.
- 1885 Publica *Prince Otto* e *The Dynamiter*. No Natal, o conto “Ollala”.
- 1886 Em janeiro, publica *O médico e o monstro*, originalmente previsto para o Natal de 1885, mas adiado porque o mercado se encontrava saturado. As primeiras edições do romance preservam a data de 1885 na página de rosto. Essa foi a obra que consolidou a reputação de Stevenson. Publica *Raptado*.
- 1887 Publica *The Merry Men and Other Fables*. Morre Thomas Stevenson.
- 1888 Primeira viagem de Stevenson aos mares do Sul. (Na parte leste de Londres, ocorrem os assassinatos de Whitechapel [Jack, o Estripador], enquanto num teatro londrino é encenada a peça baseada no romance *O médico e o monstro*. A exibição é suspensa para não melindrar o público.)
- 1889 Publica *O morgado de Ballantrae* e *The Wrong Box*, este escrito com seu enteado, Lloyd Osbourne. Instala-se nas ilhas Samoa.
- 1892 Publica “The Beach of Falsea”.
- 1893 Publica *Island Nights’ Entertainments* e *Catriona* (continuação de *Raptado*).
- 1894 Publica *The Ebb-Tide*. Morre em Samoa, em dezembro, de tuberculose.
- 1896 Publica-se o inacabado *O dique de Hermiston*.

Notas

O MÉDICO E O MONSTRO (DEDICATÓRIA)

- 1 *Katharine de Mattos*: quando solteira, usava o sobrenome Stevenson, sendo sobrinha do autor e sua amiga de infância.*

A HISTÓRIA DA PORTA

- 1 *heresia de Caim*: No Gênesis 4:9 se diz que Caim matou seu irmão, Abel. Quando o Senhor lhe perguntou onde estava Abel, ele respondeu: “Sou eu o responsável por meu irmão?”.
- 2 *Muitos tinham dificuldade de explicar o que esses dois viam um no outro ou que assunto em comum conseguiam encontrar*: Esta é apenas a primeira de muitas indagações numa narrativa que, repleta de especulações acerca de aparências e relacionamentos, é conduzida pela pergunta mais difícil de responder: o que Jekyll vê em Hyde?
- 3 *Juggernaut*: Deus hindu cujos adoradores, pelo que se diz, costumam demonstrar sua devoção atirando-se em frente do carro que traz a imagem da divindade nas procissões. Enfield compara esse encontro brutal com tais ritos antigos.
- 4 *harpías*: Na mitologia clássica, as harpias eram monstros alados com feições femininas, que vingavam malfeitos.
- 5 *Coutts*: Antiga e bem conceituada instituição bancária fundada em 1672.
- 6 *que dizem fazer o bem*: Olhando para trás, a qualificação feita por Enfield — “que dizem fazer o bem”, em vez de afirmar que Jekyll efetivamente fazia o bem — nos parece significativa, estabelecendo de modo sutil uma diferença entre a aparência pública e a realidade privada.

A BUSCA PELO SR. HYDE

- 1 *membro da Academia Real de Ciências*: As diversas qualificações profissionais do dr. Jekyll demonstram que se trata de um médico eminente e respeitado.
- 2 *Cavendish Square*: Um dos poucos logradouros de Londres preciso e identificável na história. Criada em 1717, essa praça fica ao norte de Oxford Circus e a sudeste de Marylebone High Street. Na realidade, transformou-se numa “cidadela da medicina” a partir de meados do século XIX, abrigando o consultório de vários médicos famosos. Junto com as ruas Wigmore, Wimpole e Harley, continua associada à prática da medicina e da cirurgia plástica para clientes de alto poder aquisitivo.
- 3 *Damão e Pítias*: Pítias foi condenado à morte por Dionísio, o Tirano, no século IV a.C., mas

Damão foi autorizado a tomar o lugar do amigo, enquanto ele cuidava de assuntos importantes, sabendo que morreria caso Pítias não voltasse. Quando regressou, o tirano ficou tão impressionado com sua lealdade e devoção que permitiu que os dois amigos vivessem.

- 4 *labirintos*: Metáfora convencional para representar a cidade, em particular as áreas mais antigas e pobres na época. Essa imagem onírica prenuncia a visita posterior de Utterson ao “lúgubre Soho” em busca de Hyde, que ele descreve como o “bairro de alguma cidade vista em pesadelos”.
- 5 *caso pudesse por uma vez pousar os olhos nele, o mistério se tornaria menos denso e quiçá se extinguiria de todo*: Esse desejo de ver Hyde tem um significado específico que se perdeu para nós devido à revisão que Stevenson fez do romance desde sua concepção original até o texto definitivo. Numa versão preliminar, ele foi mais explícito sobre as suspeitas de Utterson. De início, o advogado parece contemplar duas hipóteses: a de que Hyde está chantageando Jekyll ou a de que Hyde é filho ilegítimo de Jekyll. Ambas explicam seu medo de que uma “desgraça” esteja por trás das ações do amigo. No que é chamado de “cópia do impressor”, lê-se que, tendo visto Hyde, Utterson decide: “Este nunca poderia ser o rosto de seu filho” (Hirsch e Veeder, 1986, p. 23). Utterson, portanto, queria ver a face de Hyde a fim de saber se existia alguma semelhança de família entre aquele “jovem” e seu cliente que o faz herdeiro de uma fortuna.
- 6 *Gaunt Street*: Não havia, na época, tal rua em Londres. O nome é um reflexo do estado depressivo de Utterson, porque, segundo o *Oxford English Dictionary*, a palavra “gaunt”, entre diversas outras acepções, significa “sombrio ou desolado”, assim como “anormalmente magro por falta de comida”. Essa abordagem alegórica da geografia londrina é típica da técnica de Stevenson num romance com muito poucos locais identificáveis. Na cópia do impressor, ele especifica que Utterson “partiu na direção leste” de sua casa rumo à de Jekyll (Hirsch e Veeder, 1986, p. 20). Porém, sem saber onde se situava a casa de Jekyll, a informação é de pouca utilidade. A vizinhança da casa de Jekyll é descrita com muito mais cuidado, mas também é difícil de situar com exatidão. Certamente não ficava no Soho, onde Hyde tem outra casa para seus propósitos devassos, com o que cabe eliminar a Soho Square e a Golden Square, que haviam decaído na década de 1880 e tinham passado a servir de moradia para pessoas com as profissões mencionadas por Stevenson. As casas são descritas como “antigas”, mas qualquer construção anterior ao início do século XVIII era assim caracterizada no final da era vitoriana, quando aparentemente se entendia que a “modernidade” começara por volta de 1750. Desse modo, é inútil tentar identificar a localização precisa da casa de Jekyll, porque ela fornece outro exemplo da abordagem alegórica de Stevenson (ver os comentários sobre essa passagem na Introdução).
- 7 *dava a impressão de ser aleijado, sem nenhuma deformidade identificável*: O recurso ao indescritível é uma característica da ficção gótica e fantástica. Muitos de seus cultores, da srta. Radcliffe a Arthur Machen, fizeram uso frequente desse tipo de sugestão. Stevenson emprega esse recurso retórico a fim de intensificar os atributos misteriosos, apavorantes e “inumanos” de Hyde.
- 8 *troglodita*: Semelhante a um homem das cavernas. Mas, segundo o *Oxford English Dictionary*, um “troglodita” é também um macaco antropoide, sem cauda, como um gorila ou um chimpanzé.
- 9 *dr. Fell*: Ódio irracional, em referência a um epigrama de Martial que continha a seguinte menção a um deão da Christ Church em Oxford no século XVII: “Dr. Fell, eu não o amo/ A razão eu não proclamo/ Pois quem sabe é do ramo/ Dr. Fell, eu não o amo”.
- 10 *pede clauda*: Arrastando os pés, claudicando.

imprecisa. É lá que mora a criada, e não onde trabalha, motivo pelo qual é mais provável se tratar de um bairro de classe baixa. Confirmando isso, o membro do Parlamento Carew parece estar perdido, e a referência a “alameda” sugere uma ruela estreita situada numa das partes mais velhas da capital — Shadwell, Limehouse, Wapping ou talvez o distrito de Bermondsey. Mas o que estaria fazendo um membro idoso do Parlamento tarde da noite em qualquer uma dessas vizinhanças (mais apropriadas a Hyde)? Nesta história de vidas duplas e aparências dúbias, tudo é possível.

- 2 *inclinações românticas*: A criada gosta de se entregar a fantasias típicas da literatura romântica, tal como indicado por sua atração pelo luar e por devaneios. Richard Dury sugere que isso lança dúvidas sobre a veracidade de seu testemunho, introduzindo um elemento de “imaginação” que perturba o relato frio do incidente. Segundo ele, a passagem pode ser lida como “uma interpretação dos fatos pela criada de acordo com os romances sensacionalistas, pois se vê que ela é linguisticamente influenciada pelas convenções da literatura popular”, Dury (1993), p. 117.
- 3 *fúria de um macaco*: Forte indicação de que Hyde deve ser entendido segundo as teorias contemporâneas sobre o desenvolvimento evolucionista e seu oposto, a reversão. Ver a seção da Introdução “Símios e anjos”, onde se examina essa literatura e sua influência sobre a descrição de Hyde.
- 4 *Soho*: Área de cerca de 2,6 quilômetros quadrados situada ao sul da Oxford Street, ao norte de Piccadilly Circus e a oeste de Charing Cross Road. Seu nome deriva de um chamado de caça, indicando que ali era um local popular para tal atividade quando ainda um campo aberto. No final do século XVII, tinha se tornado um refúgio para os imigrantes franceses que fugiam da perseguição religiosa. O “restaurante francês barato” comprova tal associação, assim como “mulheres de várias nacionalidades”. Apesar das mansões imponentes nas praças Soho e Leicester, a área havia muito ficara marcada pela decadência e até pela criminalidade, sendo bem próxima dos cortiços de St. Giles e Seven Dials (onde se vendiam os romances sensacionalistas mais baratos). Essa área ainda é o centro da indústria de diversões sexuais da capital.
- 5 *nunca fora fotografado*: O uso da fotografia para ajudar na identificação de criminosos tornava-se comum naquela época.

O INCIDENTE DA CARTA

- 1 *laboratório ou sala de dissecação*: É significativo que a porta dos fundos da residência de Jekyll, associada a atividades mal-afamadas incompatíveis com a frente respeitável da mansão, conduza diretamente à sala de dissecação. Como saberão os leitores do conto de Stevenson “O ladrão de cadáveres”, é por tal porta que o antigo morador, ele também um médico respeitado, teria tido contato com o comércio clandestino de cadáveres desenterrados, adquiridos de ladrões de túmulos profissionais. Esse detalhe fornece um vínculo intrigante entre as duas histórias publicadas com um intervalo de dois anos. A caracterização de Stevenson da porta dos fundos da casa de Jekyll pode muito bem ter sido influenciada por tais circunstâncias e refletir em parte o valor imaginativo dado por ele àquele relato anterior sobre a respeitabilidade diurna e os eventos noturnos duvidosos.
- 2 *dava ao relacionamento íntimo entre os dois um caráter diferente, fazendo com que ele mesmo se sentisse culpado pelas suspeitas do passado*: Ver, na seção “Testemunhos” da Introdução, as especulações sobre a forma de “relacionamento íntimo” de que Utterson poderia ter suspeitado.

O NOTÁVEL INCIDENTE DO DR. LANYON

1 *Causei a mim próprio uma punição e um perigo que não posso revelar*: Como pessoa que cuidava de homens arruinados, não escaparia a Utterson que essa frase está associada a dois problemas que preocupavam os médicos e moralistas de então: a sífilis e os efeitos supostamente patológicos da masturbação, ambos vistos como uma punição pela indulgência carnal. É significativo que tal confissão ocorra imediatamente à revelação de que o doutor Lanyon conhecia algum segredo pavoroso sobre Jekyll. Será que Jekyll o teria consultado profissionalmente e revelado tudo sobre aquele problema “degradante”? Na época não havia uma cura efetiva para a sífilis, doença envolta em mistério e silêncio. Seus primeiros sintomas podiam aparecer somente muito após a infecção ou ser mantidos sob controle até voltarem em idade mais avançada. Os comentários posteriores de Utterson — de que Jekyll “certamente está com uma dessas enfermidades que torturam e deformam quem sofre delas; daí, tanto quanto eu saiba, a alteração de sua voz; daí a máscara e a vontade de evitar os amigos; daí sua ansiedade em encontrar esse remédio” — reforçam essa sugestão e parecem fornecer a moldura final para essa hipótese de Utterson (capítulo oito). Tanto a sífilis quanto as supostas consequências do “vício solitário” atenderiam a tal descrição, uma vez que aquela enfermidade era capaz de causar horríveis deformações no paciente, enquanto efeitos ainda mais extravagantes eram atribuídos à masturbação. Eis como termina minha descrição predileta de um desses casos: o paciente “sofreu dores tão violentas atrás do pescoço que não apenas gritava, mas frequentemente urrava [...] Sabedor de seu problema, o visitei e encontrei menos um ser vivo do que um cadáver gemendo sobre a palha; macérrimo, pálido, sujo, exalando um odor fétido [...] estava agora em condição inferior à de um animal, um espetáculo cujo horror é inconcebível; só com dificuldade se podia reconhecer que já pertencera ao gênero humano” (o caso de “L. D.” registrado originalmente no livro de Samuel Tissot *Onanism* (1760), mas utilizado por pelo menos três outros escritores no século XIX). As “curas” principais tanto para a sífilis quanto para os problemas masturbatórios (a primeira, uma enfermidade real; a outra, imaginária e possivelmente confundida com a primeira) consistiam em mercúrio e iodeto de potássio para a sífilis e, para a segunda, poções medicinais vendidas por médicos charlatães que aterrorizavam seus pacientes. A ansiedade de Jekyll em encontrar o produto químico e sua relutância em aparecer em público corresponderiam a essas condições.

A ÚLTIMA NOITE

- 1 *uma dessas enfermidades que torturam e deformam quem sofre delas*: Ver nota 1, pp. 151-2.
2 *forte cheiro de óleo vegetal*: O arsênico cheira a amêndoas amargas.

A NARRATIVA DO DR. LANYON

- 1 10 de dezembro de 18...: Há uma discrepância entre a data da carta e a data em que Lanyon diz que esses eventos tiveram lugar, “9 de janeiro”. Trata-se, provavelmente, de um erro, um dos poucos resultantes da rapidez com que Stevenson escreveu o romance.
2 *nossa profissão*: Como aqui quem fala é Hyde, e não Jekyll, claramente ocorreu um engano.

O RELATO COMPLETO DO CASO POR HENRY JEKYLL

- 1 *guerra eterna em minha carne*: Eco de Tiago 4:1: “De onde vêm as guerras e pelejas entre vós? Porventura não vêm disto, a saber, dos vossos deleites, que na vossa carne guerreiam?”.

2 *cativos de Filipos*: Atos 16:26.

3 *escrita na parede babilônica*: Daniel 5:5-31. Enquanto Belsazar oferecia um banquete, uma mão apareceu e apontou palavras escritas na parede que previam seu fim trágico. A frase “está escrito na parede” significa que a queda de alguém é inevitável.

4 *Regent’s Park*: Inicialmente um bosque e depois uma área agrícola, tornou-se um parque circundado por imponentes mansões desenhadas pelo arquiteto John Nash durante o período da Regência — daí seu nome. Situa-se ao norte de Marylebone Road e a oeste de Euston, próximo à casa de Lanyon. O Jardim Zoológico de Londres está instalado no Parque desde 1828.

5 *um hotel na Portland Street*: Na época uma rua ao sul da Oxford Street, perto do Soho. Esse local podia ser facilmente atingido num cabriolé de aluguel a partir de Regent’s Park e ficava a poucos quarteirões da casa de Lanyon em Cavendish Square. No entanto, por que Hyde se arriscaria a chegar tão perto do Soho, onde costumava circular? Great Portland Square, ainda mais próximo de Regent’s Park e Cavendish Square, já havia se chamado Portland Street (embora não em 1885), e existe um Portland Place a nordeste de Cavendish Square, local muito mais seguro e escolha bem mais provável pelo fugitivo Hyde do que um hotel no Soho. Escrevendo deitado na cama em Bournemouth, Stevenson talvez tenha confundido essas ruas.

* Em março de 1888, ela e Robert Louis Stevenson se desentenderam por causa de um conto publicado pela mulher dele, Fanny, que o poeta e crítico literário W. E. Henley acusou de ser plagiado de um conto de Katherine de Mattos. [N. T.]

Outras leituras

OBRAS

- The Annotated Dr. Jekyll and Mr. Hyde*, ed. por Richard Dury (Guerini, Milão, 1993)
“Um capítulo sobre os sonhos”, *Scribner's Magazine* (janeiro de 1888)
“The Manse”, em *Works*, IX, ed. por Andrew Lang (Chatto & Windus, Londres, 1912)

BIOGRAFIA E CARTAS

- ALDINGTON, Richard, *Portrait of a Rebel: the Life and Works of Robert Louis Stevenson* (Evans, Londres, 1957)
BALFOUR, Graham, *The Life of Robert Louis Stevenson*, sexta edição (Methuen, Londres, 1911)
BOOTH, Bradford A. e MEHEW, Ernest (eds.), *The Letters of Robert Louis Stevenson*, vol. 5 (Yale University Press, New Haven e Londres, 1995)
FURNAS, J. C., *Voyage to Windward: The Life of Robert Louis Stevenson* (Faber and Faber, Londres, 1952)

CRÍTICA

- ARATA, Stephen D., *Fictions of Loss in the Victorian “Fin de Siècle”* (Cambridge University Press, Cambridge, 1996)
BALDICK, Chris, *In Frankenstein's Shadow: Myth, Monstrosity and Nineteenth-Century Writing* (Oxford University Press, Oxford, 1987)
BLOCK, Ed, Jnr, “James Sully, Evolutionary Psychology, and Late Victorian Gothic Fiction”, *Victorian Studies*, 25 (1982), pp. 443-67
DURY, Richard, “Stevenson's *Strange Case of Dr Jekyll and Mr Hyde*: Textual Variants’, *Notes and Queries* (dezembro de 1993), vol. 40, pp. 490-92
EIGNER, Edwin, *Robert Louis Stevenson and the Romantic Tradition* (Princeton University Press, Princeton, New Jersey, 1966)
FRAYLING, Christopher, *Nightmare: The Birth of Horror* (BBC Books, Londres, 1996)
HEATH, Stephen, “Psychopathia Sexualis: Stevenson's *Strange Case*”, *Critical Quarterly*, 28 (1986), pp. 93-108
HIRSCH, Gordon e VEEDER, William, *Dr Jekyll and Mr Hyde After One Hundred Years* (Chicago University Press, Chicago, 1986)
MAIXNER, Paul, *Robert Louis Stevenson: The Critical Heritage* (Routledge e Kegan Paul, Londres, 1981)
SWEARINGEN, Roger G., *The Prose Writings of Robert Louis Stevenson: A Guide* (Macmillan,

CONTEXTO GERAL

- BAILEY, Brian, *The Resurrection Men: A History of the Trade in Corpses* (Macmillan & Co., Londres, 1991)
- BALDICK, Chris (ed.), *The Oxford Book of Gothic Tales* (Oxford University Press, Oxford, 1993)
- BYRON, Glennis e PUNTER, David, *Spectral Readings: Towards a Gothic Geography* (Macmillan, Basingstoke, 1999)
- CAMERON, Deborah e FRAZER, Elizabeth, *The Lust to Kill: A Feminist Investigation of Sexual Murder* (New York University Press, Nova York, 1987)
- DOYLE, Arthur Conan, *The Hound of the Baskervilles*, ed. por Christopher Frayling (Penguin, Harmondsworth, 2001)
- EVANS, Stewart P. e SKINNER, Keith, *The Ultimate Jack the Ripper Sourcebook: An Illustrated Encyclopaedia* (Constable & Robinson, Londres, 2000)
- GALTON, Francis, *Inquiries into Human Faculty*, 2ª ed. (Dent, Londres, 1906)
- HUYSMANS, Joris Karl, *Against Nature*, traduzido por Robert Baldick (1884; Penguin, Harmondsworth, 1959)
- KRAFFT-EBING, Richard Von, *Psychopathia Sexualis. With Especial Reference to the Antipathic Sexual Instinct: A Medico-Legal Study*, 1ª ed. em inglês (1886; F. A. Davis and Co., Filadélfia, 1892)
- LOMBROSO-FERRERO, Gina, *Criminal Man According to the Classification of Cesare Lombroso* (G. P. Putnams' Sons, Nova York, 1911)
- MACHEN, Arthur, *O grande deus Pã* (1895; Creation Press, Londres, 1993)
- MAUDSLEY, Henry, *Responsibility in Mental Disease* (Henry S. King, Londres, 1874)
- . *Body and Mind: An Inquiry into Their Connection and Mutual Influence, Specially in Reference to Mental Disorders*, 2ª ed. (Macmillan & Co., Londres, 1873)
- . “Remarks on Crime and Criminals”, *Journal of Mental Science*, 34 (1888), pp. 159-67
- . *Pathology of Mind*, 3ª ed. (Macmillan & Co., Londres, 1895)
- MCINTOSH, W. C., *On Morbid Impulse* (J. E. Adland, Londres, 1863)
- MIGHALL, Robert, *A Geography of Victorian Gothic Fiction: Mapping History's Nightmares* (Oxford University Press, Oxford, 1999)
- MYERS, Fredrick W. H., “Multiplex Personality”, *Nineteenth Century*, 20 (1886)
- NISBET, J. F., *Marriage and Heredity: A View of Psychological Evolution* (Ward & Downey, Londres, 1889)
- OTIS, Laura, *Organic Memory: History and the Body in the Late Nineteenth and Early Twentieth Centuries* (Nebraska University Press, Lincoln, 1994)
- PRICHARD, James Cowles, *A Treatise on Insanity and Other Disorders Affecting the Mind* (Sherwood & Piper, Londres, 1835)
- RAE, Isobel, *Knox the Anatomist* (Oliver & Boyd, Londres e Edimburgo, 1964)
- RIBOT, Theodule, *Diseases of Memory: An Essay in Positive Psychology* (Kegan Paul, Trench & Co., Londres, 1882)
- RICHARDSON, Ruth, *Death, Disease and the Destitute* (Routledge and Kegan Paul, Londres, 1987)
- RUMBELOW, Donald, *The Complete Jack the Ripper* (Penguin, Harmondsworth, 1988)
- SAGE, Victor, *Horror Fiction in the Protestant Tradition* (Macmillan, Basingstoke, 1988)
- SPITZKA, Edward Charles, “Cases of Masturbation (Masturbatic Insanity)”, *Journal of Mental Science*, 34 (1888), pp. 52-61
- . “The Whitechapel Murders: Their Medico-Legal and Historical Aspects”, *Journal of Nervous and Mental Disease*, 13 (1888), pp. 765-78
- STOKER, Bram, *Dracula*, ed. por Maurice Hindle (1897; Penguin, Harmondsworth, 1993)
- TISSOT, Samuel, *A Treatise on the Diseases Produced by Onanism* (1760; Collins & Hannay,

- Nova York, 1832)
- TOMASLLI, Sylvia e PORTER, Roy (eds.), *Rape* (Basil Blackwell, Oxford, 1986)
- TUKE, Daniel Hack, “Case of Moral Insanity, or Congenital Moral Defect. With Commentary”, *Journal of Mental Science*, 31 (1885), pp. 360-66
- WELSH, Alexander, *George Eliot and Blackmail* (Harvard University Press, Cambridge, Massachusetts, 1985)
- WILDE, Oscar, *The Picture of Dorian Gray*, ed. por Robert Mighall (Penguin, Harmondsworth, 2000)
- . *The Soul of Man Under Socialism and Other Critical Writings*, ed. por Linda Dowling (Penguin, Harmondsworth, 2001)

Copyright © 2015 by Companhia das Letras
Copyright da introdução e notas © 2012 by Robert Mighall

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.
Published by Companhia das Letras in association with Penguin Group (USA) Inc.

TÍTULO ORIGINAL
The Strange Case of Dr Jekyll and Mr Hyde

PREPARAÇÃO
Cíça Caropreso

REVISÃO
Luciane Helena Gomide
Angela das Neves

ISBN 978-85-438-0316-6

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702,cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500 Fax: (11) 3707-3501
www.penguincompanhia.com.br
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br